

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC

FIC

**Mostra FIC
de Processos e
Experimentos**
Programa Fundação das Artes FIC

**CADERNO DE DRAMATURGIA
DA TURMA F18**


13

JUNHO_JULHO2021



**Mostra FIC
de Processos e
Experimentos**

Programa Fundação das Artes FIC



OS CADERNOS
ACADÊMICOS
SÃO
PUBLICAÇÕES
QUE
REGISTRAM
PROCESSOS E
EXPERIMENTOS
CULTURAIS E
ARTÍSTICOS
ELABORADOS
NOS CURSOS
DO PROGRAMA
FUNDAÇÃO DAS
ARTES FIC.



*Volume 13: **Caderno de Dramaturgia da Turma F18***

*CADERNOS DO PROGRAMA FUNDAÇÃO DAS ARTES FIC. **Caderno de Dramaturgia da Turma F18**. São Caetano do Sul: FASCS, V. 13, jun./2021.*

O acervo disponível para consulta neste volume, composto de obras desenvolvidas pelos estudantes dos cursos do Programa Fundação das Artes FIC, foi disponibilizado tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo desta publicação, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Esta é a versão acadêmica, lançada em junho de 2021. A Fundação das Artes poderá editar novamente

APRESENTAÇÃO



O curso de dramaturgia do Programa Fundação das Artes FIC tem como intenção inicial proporcionar uma introdução de conceitos dramáticos à interessados de São Caetano do Sul e região.

O curso foi dividido em 03 módulos ministrados pelos professores Diego Cardoso, Diogo Noventa e Lígia Souza. Organizado a partir dos três gêneros da escrita: épico, lírico e dramático, os dramaturgos aprendizes foram convidados a experimentarem a escrita em espaços diversos, na relação com questões sociais, subjetivas e da linguagem.

Junto com os experimentos relacionados aos gêneros, cada um e cada uma desenvolveu ao longo do curso um texto autoral que partiu de questões, temas, formas e linguagens de interesse de cada aprendiz. Estes textos estão reunidos neste caderno, um esforço criativo que revela a capacidade heterodoxa da dramaturgia contemporânea em lidar com temas diversos que nos



atravessam. Essa pluralidade de experimentações e ênfases pode ser notada nas 07 dramaturgias aqui reunidas. São materiais diversos que, a partir da pulsão dos participantes, foram desenvolvidos no Laboratório de Escrita conduzido pelos 03 professores.

Validar a escrita aqui apresentada é também se posicionar diante à condição perpétua do dramaturgo: eterno aprendiz das experiências e leitor diário do mundo. A formação só começou, e o trajeto, a passagem, o percurso, pode ser observado nessas páginas, que agora encontrarão seus possíveis leitores.

Boa leitura!

Diego Cardoso
Diogo Noventa
Lígia Souza

TEXTOS | F18



CORAÇÃO CRIATURA - Bruna Bicaleti

LOUCA AMIZADE – Elisandra Julia

Artificial - Fábio Ueda

JOGO DA VIDA - Fernando Lopes Rodrigues dos Santos

POR UM FIO - Gabrielle Maffei

BLACKOUT – Giovanna Gonçalves

LEMBRANÇA NO ESQUECIMENTO – Maria Letícia Belém



SINOPSES

CORAÇÃO CRIATURA - Bruna Bicaleti

Sobre a sensibilidade humana em tempos de pandemia: o medo, as recusas, o amor – ou a falta dele - e outros sentimentos presenciados durante o isolamento social. Sabendo que há uma morte em cada esquina, vizinhos - que dividem o mesmo quintal - descobrem que não há escapismo forte o bastante para distraí-los dos sentimentos e da presença daquilo que nunca foi dito e talvez nunca será.

LOUCA AMIZADE – Elisandra Julia

Com o intuito de fugir do estresse, quatro amigos se encontram numa lanchonete, para tomar um café, colocar os assuntos em dia, e ainda planejar uma viagem juntos. Mas, não é bem um diálogo tranquilo que acabam tendo. Em meio a conversas e lembranças, o nervosismo vai tomando conta do grupo... De quem será a culpa?! Quem será o causador de tamanha perturbação?!



Artificial - Fábio Ueda

Dora se aventura na rede virtual para encontrar pessoas com quem possa trocar experiências. Ela sente um pulsante desconforto quanto a realidade em que vive. Excluída do resto do mundo, desconhece a sociedade. Sua procura acaba por revelar mais do que está por trás das entrelinhas de uma ficção científica.

JOGO DA VIDA - Fernando Lopes Rodrigues dos Santos

João trabalha como motorista de aplicativo e interage com figuras alegóricas que vão tentando lhe influenciar de alguma maneira. Ele acredita ser parte essencial das engrenagens do sistema, só que perde tudo. Tenta dar a volta por cima criando um canal no *Itube*, mas será que migrar para outra plataforma de trabalho será uma boa ideia? Na roda da Fortuna quem ganha é o patrão, mesmo quando este é invisível.

POR UM FIO - Gabrielle Maffei

Enquanto uma funcionária de uma empresa de Cimento trabalha durante a pandemia realizando pesquisas por telefone com lojistas, ela precisa lidar com a solidão, a pressão por produtividade e uma felicidade compulsória, além de ser constantemente assaltada por pensamentos sobre a morte e o desejo de deixar de existir na sociedade em que vivemos atualmente.



BLACKOUT – Giovanna Gonçalves

O caos está ocorrendo na cidade, e ninguém sabe explicar o porquê. É o fim dos tempos, a morte está em cada canto, ninguém está seguro.

LEMBRANÇA NO ESQUECIMENTO – Maria Letícia Belém

Em cenas curtas, a peça busca reunir acontecimentos separados e em diferentes tempos históricos que se conectem, de alguma forma, a partir da observação da memória (ou melhor, do esquecimento), que fazem com que situações distintas se repitam de maneira muito similar.

CORAÇÃO CRIATURA

Bruna Bicaleti

CENA 01:

Ouve-se ao longe:

CARRO DA PAMONHA: Atenção, atenção freguesia, é o carro da pamonha passando na sua rua, olha A PAMONHA PAMONHAA é o mais puro creme do MILHO. Atenção alô alô, olha aí freguesia. Olha aí, olha aí. Eu disse MILHO, EME, I, ÉLE, AGÁ e Ó, MI-LHO..

Luísa, uma mulher de 27 anos, acorda atordoada com o barulho do carro da pamonha. Senta-se na cama, observa os próprios pés e mexe lentamente os dedos. Espreguiça-se e abre as janelas. Dirige-se até à cozinha onde coloca a água para ferver e os pães de queijo para assar. Enquanto aguarda, cantarola a melodia que tocava no áudio do carro da pamonha. Ao terminar de passar o café, leva a xícara à boca e se queima deixando todo o líquido cair em sua toalha branca. Suspira lamentando o ocorrido, olha pela janela e desiste do café da manhã. Sai para lavar seu pequeno quintal, o qual é composto por mais duas casas.

LUÍSA *(para a plateia)*: Aqui de casa eu vejo parte da interação diária de mais dois lares. Na maioria das vezes, acabo vendo o que acontece nos quintais deles. Provavelmente eles me veem – os vendo - também. No que diz respeito aos vizinhos do lado direito, basicamente vivemos juntos. *(risos)* É um casal que fica pouquíssimo tempo em casa. Muitas vezes *(falando baixo)*, durante as madrugadas de insônia, sou audiência involuntária dessa vida conjugal. Às vezes, me pergunto se eles percebem o cheiro de maconha. Já devem ter me

visto fumando um baseado. Fato é que eles não deixaram de notar o pé de maconha que eu plantei aqui há uns meses. Sei disso porque a vizinha da esquerda veio me perguntar que planta era aquela que plantei no quintal. Foi depois disso que eu precisei matar o pé... Salvei algumas folhas pra salada, pro suco verde... Nessa outra casa – a da esquerda - reside uma idosa de 60 anos. Absurdamente solitária. Ela sabe do meu medo de panela de pressão e todos os dias me faz a mesma pergunta. Nós interagimos bastante.

Arlete, uma velha senhora, está sentada em sua cadeira de varanda embaixo de um ipê amarelo e ao avistar Luísa lavando o quintal, levanta-se imediatamente e alegremente:

ARLETE: Bom dia Luísa, acordou com as galinhas, ein? Tudo certinho com a panela de pressão?

(Luísa sorri e deixa a água da mangueira escorrer pelo quintal).

LUÍSA: Bom dia, Dona Arlete. Pois é, mas essa galinha tem nome e sobrenome: carro da pamonha!

(Ambas sorriem).

LUÍSA: Tudo bem por aí? Melhorou da artrite, da artrose e da Osteoporose?

Arlete ouve a pergunta, porém naquele momento está concentrada somente na poça d'água que se forma no vão entre o muro e um vaso de flor no quintal. Com certa melancolia se dirige à plateia:

ARLETE: Sabe, a velhice é coisa mesmo estranha. Agora mesmo observando a água escorrer, pude ver meu corpo sendo desfeito em líquido gosmento e

virando poça. Isso acontece sempre. Às vezes eu tô no ponto de ônibus ou no caixa do supermercado esperando me chamarem, e de repente meu corpo começa a se desintegrar virando um líquido que suja todo o chão. Pasmem: é lento mas completamente indolor. Primeiro começa com o desprendimento dos dedos caindo feito bolinhas de gude, depois os braços se descolando do tronco e o pescoço torcendo como quem lava um pano no tanque. Meu rosto é o último a derreter e virar uma coisa só. *(silêncio)*. De tudo, o que mais me surpreende é o cheiro de mato.

Arlete retorna de seu devaneio, olha fixamente para a mulher no quintal. Ao se lembrar da pergunta sobre estar tudo bem, muda sua postura e expressão no mesmo instante: se apoia na parede, coloca as mãos nas costas e faz cara de quem está com dor.

ARLETE: Ai Luísa... Tô mal, mal, mal. *(Arlete tenta levantar da cadeira encenando imensa dificuldade olhando disfarçadamente para a cara da vizinha)*
... você vai perder sua vizinha pra Deus minha querida, vai perder...

Antes de responder, Luísa percebe uma sensação estranha na língua, sensação essa que a faz lembrar do café quente e em seguida grita desesperadamente.

LUÍSA: O pão de queijo no forno!!!

A mulher sai correndo para dentro de sua casa. A velha senhora sorri, corrige a postura, senta-se rapidamente e volta a olhar para a poça de água.

CENA 02:

(Na casa dos fundos uma mulher se arruma em frente ao espelho):

VAL *(para a plateia)*: Quarta-feira. O sol acabou de entrar em áries. Vi na TV do metrô. André vai chegar mais cedo hoje. Estamos juntos há 03 anos, mas ainda assim, todos os dias me esforço pra chegar mais cedo e antes que ele chegue, preparo a casa para recebê-lo. Me preparo para recebê-lo em voz alta como quem repete as regras do jogo para que nenhuma ordem escape do controle. Meu autocontrole – forjado e infantil.

(André entra com as sacolas. Abraça Val pela cintura e na tentativa de parecer tranquilo, respira aliviado por estar em casa, e tropeça em seu tênis branco):

VAL: Ei, ainda nem começamos a beber.

Bebem. TV som ambiente. De vez em quando, Val olha para a tela e só nesse momento André aproveita para olhá-la sem pressa, cada linha abstrata, fusão de duas pintas, cílios que se cruzam e sobressaem. André senta-se ao lado de Val:

ANDRÉ: Me dá um espacinho aí. Já estou velho para bebidas...

VAL: O que foi? Você me parece triste.

ANDRÉ: Dia difícil. Esgotamento mental. *(silêncio)* Mas você também não parece estar no seu melhor dia.

VAL: Da série “Paranoias de Valquíria”: Sei lá. É que a gente trabalha tanto e fica tão pouco juntos. *(cabisbaixa)* Tenho medo de um dia nos darmos conta de que não precisamos um do outro.

ANDRÉ: E isso não é ótimo? Tem uma frase do Roberto Freire em que ele diz: somos um para o outro, deliciosamente desnecessários...

(Ambos se abraçam. A mulher pega o controle da TV e começa a procurar algo para assistir).

VAL: Todos os canais falando da mesma coisa. É pra termos medo?

(luz esmorece – passagem de tempo)

CENA 03:

LUÍSA: Era sexta-feira 13 (13 de março de 2020). Acordei cedo, como de costume. Porém, era uma sexta muito especial: show de Sandra de Sá. Fui sozinha. Fila longa de espera. Todo mundo feliz, se cumprimentando com beijos e abraços calorosos. A ficha ainda não tinha caído, inclusive a minha. Teatro lotado, Sandra de Sá maravilhosa. Ao final, a real situação exposta: nada de fãs no camarim; sem selfies ao lado dela. São medidas preventivas para evitar o contágio pelo novo Coronavírus! Ao chegar em casa fiquei sabendo do Decreto do Governador. Atônita, sem saber como seriam de fato os protocolos a serem seguidos nos próximos dias, não mudei muito da minha rotina solitária. Mas a pergunta que ecoava em minha mente era: Até quando? *(silêncio)*. Hoje, 30 de maio de 2020. Estamos há mais de 70 dias confinados e eu continuo me perguntando a mesma coisa.

CENA 04:

(luz esmorece - barulho de relógio contando o tempo)

VAL: Os dias começam mornos. À medida que esquentam, ficam frios.

ARLETE: É bom quando me perguntam “que barulho é esse” porque desperta meu cérebro daquela surdez.

ANDRÉ: Minha empatia adoeceu, eu tentei salvá-la, mas *(luz esmorece – André continua falando no escuro)* esgotaram-se os leitos na UTI.

LUÍSA: Uma cadeira diz para outra: Oi, tudo bem? Quanto tempo...

VAL: A gente se acostuma...

(luz esmorece)

CENA 05:

(Luísa está regando as plantas enquanto Arlete está sentada em sua cadeira de varanda, embaixo do ipê amarelo).

LUÍSA: Hoje pela manhã tive impressão de ouvir o carro do vassoureiro. Será que eu estava sonhando?

ARLETE: Eu não ouvi nada.

LUÍSA: Nem mesmo a sirene da ambulância?

ARLETE: Essa eu escutei! Moro perto desse hospital há quase 20 e ainda não me acostumei com esse som angustiante. Oh, só de falar... *(mostra os braços arrepiados)*. Queria mesmo era uma boa briga de vizinhos, pra dar uma animada.
(risos)

LUÍSA *(falando baixo)*: Antigamente, com alternâncias de um a dois dias, eu inevitavelmente escutava os sussurros e gemidos do André e da Val *(risos)*. Agora até isso tem sido raridade.

ARLETE (*empolgada*) Que inveja! Ouvir amores alheios, mesmo que de vez em quando. Os sons e gemidos ardentes, pulsantes e instigantes de um casal entregue à paixão e (*sussurrando*) ao tesão. (*Ambas riem – Arlete continua*) De cá você só deve ouvir os barulhos dos ganchos da rede em que eu me balanço (*risos*). Mais de uma vez, já me perguntaram sobre o som dos ganchos, ao ouvirem meus áudios do WhatsApp. Confesso que já me acostumei tanto que nem escuto mais. (*grande silêncio – Arlete continua*) Acho que a gente costuma ficar surda pra muito cotidiano. É bom quando me perguntam “que barulho é esse” porque desperta meu cérebro daquela surdez.

(*Silêncio – Ambas ficam por um tempo inertes em seus pensamentos*)

LUÍSA: Às vezes ouço carros e motos na rua, mas com bem menos frequência.

LUÍSA E ARLETE (*juntas*): E o portão barulhento da vizinha!

ARLETE: Vez e nunca ouço algumas vezes na rua. Você ouviu também? Hoje mesmo a vizinha do portão barulhento falava alto de manhã anunciando que faria um bolo de chocolate. Em um ímpeto quase fui lá pedir um pedaço.

LUÍSA: Até ouço algumas vezes. Mas confesso que já nem sei se são reais (*risos*)

ARLETE: Então vou te confessar uma coisa: outro dia, já na madrugada, estava na rede e ouvi um peixe pular no mar. Mas pra isso, a gente precisa ter a audição apurada para sons da vida. Venho treinando a minha.

(*Ambas riem*)

CENA 06:

(Val e Luísa não conseguem dormir – Val está na janela que dá para o quintal e Luísa sentada em seu quintalzinho).

VAL *(para a plateia)*: Eu deveria me sentir grata! Eu deveria me sentir grata? Hoje foi mais uma noite em claro e com grandes inquietações. Não vou dizer que elas começaram no confinamento, mas parece que fico ainda mais sozinha e com as ideias soltas. Aqui em casa a gente ainda faz isolamento e acho que as vizinhas com as quais dividimos o quintal, também o fazem.

LUÍSA *(para a plateia)*: Têm dias que eu queria que meu gato falasse só pra me dar algum sinal de que eu não estou louca. Quando o comércio reabrir de vez, talvez eu volte pra escala dos bares que eu fazia bico. Não que eu sinta saudade de atender bêbados e limpar banheiros em extrema calamidade. É que eu sinto falta de ver gente, de rir de alguma bobagem e de dinheiro também. Se bem que neste momento só consigo imaginar as mesas de madeira sem viva alma tomando as calçadas como se elas fossem os próprios clientes. Uma cadeira diz pra outra: "Oi, tudo bem, quanto tempo".

VAL *(para a plateia)*: Tudo parece tão pequeno e incerto. Tudo parece que vai escapulir das minhas mãos em qualquer momento. *(observa o ipê amarelo no quintal de Arlete)*. Depois de tanto tempo tendo essa mesma vista, o ipê deu o ar da graça e floriu. O amarelo fica até mais bonito ao som dos passarinhos nesse começo de manhã.

LUÍSA *(para a plateia)*: É como se ele ultrapassasse todos os sentidos, sabe? Cheiro amarelo, toque amarelo... Ele quase me faz ignorar as aberrações que são as torres de 15 andares dos prédios próximos. Não sei se vai levar muito mais tempo pra que nosso amanhã possa florir como esse ipê.

VAL *(para a plateia)*: Nem gosto muito de amarelo e parece uma cor estranha pro futuro, mas certamente amarelo é mais alegre que o cinza. E florir também parece subjetivo demais pra pensar na vida dentro dessas condições. Acontece que olhar da janela e ver esse ipê me fez pensar se tenho realmente vivido esses últimos tempos e se esse ipê realmente surgiu agora, se sempre esteve aqui e se realmente está aqui ou não passa de uma alucinação causada pela insônia.

(Ambas as mulheres se percebem):

LUÍSA: Sua cama também tem espinhos?

VAL *(um pouco sem jeito)* Talvez seja o calor.

LUÍSA: É. Pode ser...

VAL *(para a plateia)* Na verdade os dias começam bem mornos e à medida que esquentam, ficam frios.

(luz esmorece)

CENA 07:

(Val sai do banho com a toalha enrolada na cabeça.)

ANDRÉ: Não te vi saindo da cama. Você foi ao mercado?

VAL: Fui. Adiei até a última migalha de comida, mas hoje não teve jeito. Saí de casa de máscara pela primeira vez.

ANDRÉ: E como foi a experiência? Melhor que a minha?

VAL (*enquanto borrifa álcool nas compras*): Tava um sol bonito e não tinha ninguém na rua quando eu bati o portão do lado de fora. Foi estranho... como se eu ali sozinha, sem rosto na rua vazia não fizesse sentido algum. Essa máscara é muito grande. Não dá pra olhar o chão sem abaixar bem a cabeça, descobri, porque meus óculos não se equilibraram bem e caíram no chão. Andando sem ver o chão me senti ridícula. Continuei o caminho procurando o tempo todo por outra pessoa, esperando pelo momento em que eu ia cruzar com alguém. Finalmente as moças que vendem cocada no bairro, com as máscaras no pescoço me ofereceram, eu balancei a cabeça negando e elas nem viram o meu sorriso forçado. Me senti mais anônima do que nunca. Quando cheguei à avenida, pude ver as máscaras atrás dos volantes, mais pedestres e eu fui me encaixando ao cenário. Olhei nos olhos dos passageiros de um ônibus parado no ponto. Todo mundo parecia expectador. Mais máscaras e máscaras. E eu ficava curiosa por cada uma. Variações de estampas, com formatos e acabamentos diferentes. Será que a minha tá apropriada? (*André sorri, Val continua*) No mercado a sensação era de sentir pena de todo mundo...de todos nós ali. Tive sede, mas tive que aguentar. Senti todos os incômodos: tocar nas coisas, não tocar no nariz que coçava, desviar e me afastar das pessoas como pudesse, os óculos frouxos que caíram no chão de novo! A aflição só aumentava.

Eu vi uma pessoa conhecida de repente, quando notei já estava bem perto. eu olhei, abri bem os olhos, disse oi e o nome dele muito rápido. Ele não ouviu, não me viu, seguiu. Poxa, eu disse até o nome! Parece que o som não foi muito pra além de mim. Passei as compras infinitas pelo caixa já chegando ao fim da missão. Pedi o Uber, motorista de máscara, simpático, me ajudou com as compras, finalmente, já estava acabando, o pior já tinha passado. Eu quis comentar alguma coisa sobre a minha recente experiência com ele, qualquer coisa, qualquer exclamação. Queria falar "que doideira, né?" sei lá. Mas desisti. Além de tudo tá difícil de se escutar. Aí, foi a gota d'água. Chorei compulsivamente no banco de trás.

(luz esmorece)

CENA 8:

Arlete está sentada em sua cadeira de varanda. De tempo em tempo observa se tem alguém a observando e coloca a cadeira um pouquinho mais para a frente. Em alguns minutos, já está na calçada da casa. A vizinha da frente (do portão barulhento) também idosa, a cumprimenta de dentro de casa. Arlete não resiste e puxa assunto. Em todo o diálogo a seguir, as personagens estão gritando em alto e bom som para que sejam escutadas a distância.

ARLETE: Oi Odete! A senhora vai bem?

ODETE: Não muito bem e a senhora?

VELHA: Não muito bem também.

ODETE: E o que você tem?

ARLETE: Estou com sintomas de covid. Todos os dias tenho sintomas da Covid. Tem uns quarenta/ cinquenta dias já... Tem dois horários que eles se agravam: de manhã, das 08:00 às 10:00 e à noite das 20:30 às 21:30. Nesses horários eu tusso, sinto falta de ar, sinto dor na garganta... só não tenho febre. Olha que eu coloco o termômetro, mas graças a Deus ele insiste em marcar 36,5 no máximo.

ODETE: Por aqui tá igual. Outro dia o William Bonner disse que a Covid dá coceira na barriga, e a minha começou a coçar na mesma hora. Loucura.

ARLETE: A minha tá na carne viva de tanto que coça.

ODETE: E pra sair pra rua, Arlete? Uma operação de guerra. Pego minhas armas, os meus 03 vidrinhos de álcool, álcool 70, álcool 90 e etanol. Outro dia comprei um bolo na padaria, joguei tanto álcool na embalagem que apagou o nome do sabor do bolo e a data da validade. Acho que devo ter comido bolo vencido e confesso que até agora não sei de que era.

ARLETE: Eu já desisti desse cuidado todo. Até porque eu tenho 79 anos. Com covid ou sem covid, já estou no grupo de risco. Um espirro forte e eu bato as botas. *(risos)*

ODETE: Deus me livre e guarde, Arlete. Faça como eu: de vez em quando desligo a TV, ligo o rádio num samba de raiz, abro uma cerveja e tudo passa, até a coceira na barriga.

Ambas as senhoras riem.

ARLETE: Odete, onde você compra as cervejas?

(luz esmorece)

(Arlete está dentro de casa contando algumas moedas. Do seu quintalzinho grita):

ARLETE: Luísa, me faz um favor?

Ao perceber que Luísa não responde, de pouquinho em pouquinho vai entrando na casa da vizinha. Ao chegar lá dentro percebe o barulho do chuveiro ligado. Vai saindo de mansinho quando nota dois cigarros de maconha em cima da mesa. A velha fica olhando por alguns minutos, pega na mão e de olhos fechados cheira lentamente. Dá um sorriso maquiavélico, pega um dos cigarros e sai andando o mais rápido que consegue, numa tentativa frustrada de correr. Em sua casa a velha senhora se joga no sofá e fica respirando ofegante por algum tempo. De tempo em tempo mede a própria pulsação. Após algumas tentativas, consegue acender o cigarro no fogo do fogão. Tenta fumar. Tem completa consciência de que está tragando de modo errado. Pega o celular e fala no Google Assistente:

ARLETE *(sussurrando)*: COMO TRAGAR UM CIGARRO?

VOZ DO GOOGLE: Certo! Você buscou por “como tragar um cigarro”. Veja o que encontrei.

Após a pesquisa, continua tentando fumar. Deita-se na rede.

ARLETE *(para o Google Assistente)*: TOCAR SAMBA RAIZ

VOZ DO GOOGLE: Certo! Você buscou por: “Tocar Samba Raiz! Veja o que encontrei.

(Arlete começa a cantar e a dançar junto com a música)

“Canta, canta minha gente, deixe a tristeza pra lá

Canta forte, canta alto

Que a que a vida vai melhorar

Que a que a vida vai melhorar

Que a que a vida vai melhorar

Que a que a vida vai melhorar”

Minutos depois se percebe no espelho e começa a rir compulsivamente. Depois começa a chorar. E a rir. E a chorar. Deita-se na cama e adormece de sapatos.

CENA 09:

Val acorda e percebe que André não foi para a cama na noite anterior. Encontra o marido na cozinha preparando o almoço.

ANDRÉ: Adormeci no sofá. Acordei com um barulho ensurdecedor de buzinas na Avenida. Uma manifestação provocada pelo idiota do nosso presidente.

VAL: Algumas pessoas parecem estar hipnotizadas...Querem voltar a vida normal.

ANDRÉ: Que vida normal? Não tem mais vida normal. Dias atrás eu ainda me comovia assistindo aos telejornais, chorei, me emocionei e senti as dores dessas famílias. Aí agora liberaram a tal da reabertura de tudo e as pessoas vão começar a viver normalmente. A pandemia acabou? Se isso acontecer, não me comovo mais, Val. Tenho feito juízo de valor... minha empatia...ela está doente, está na UTI.

(Val percebe que o marido não está bem)

VAL: Hoje orei, eu, que não acredito que possa ser real essa loucura de divindade.

(silêncio)

VAL: Desculpe André. Queria poder dizer algo pra te deixar melhor, mas não consigo.

ANDRÉ: Tá tudo bem, Val. Não posso exigir de você um compromisso com a minha dor.

VAL *(para a plateia)* Não sei em qual momento deixei que ele pensasse que eu era mais forte do que realmente sou. Tento inutilmente achar motivo para esse silêncio que de repente tomou conta de nós. Não encontro. Não sinto nada além de um vazio incômodo. E o silêncio.

(Val liga o rádio)

ANDRÉ: Me ajude com a almoço?

VAL: Claro!

No rádio está tocando “Flor de Tangerina, de Alceu Valença”. Val começa a chorar e cantarolar a música enquanto corta as cebolas.

VAL: Hoje eu sonhei que ela voltava

E vinha muito mais que linda

À meia luz me acordava

Cheirando a flor de tangerina

Eu lhe amava e mergulhava

No seu olhar de onça menina

E docemente me afogava

Em suas águas cristalinas

André percebe as lágrimas no rosto da Val, enquanto a mulher canta. Ao notar que o marido a observa, Val aponta para cebola justificando o choro. Continua chorando e cantando:

Depois sonhei que ela voltava

E dessa vez bem mais que linda

À meia luz me afagava

E sua pele era 'tão fina

Quando acordei meu bem chegava

Seria onça ou menina

Chegar assim de madrugada

Cheirando à flor de tangerina

Cheirando à flor

(luz esmorece)

ANDRÉ: *(para a plateia)*: A minha sensibilidade às vezes se torna arma para o outro. Tudo vira desencontro. Da um nó. Um ponto. Uma volta e olha só: embarçou. Estamos doentes demais pra perceber o problema. Estamos preocupados demais. Estamos com medo demais. Ela precisa ser protegida. Eu preciso de afeto. Mas no momento, trabalhamos com o que temos. É como se tivéssemos virado parte da casa. Como um cômodo mal planejado ou um móvel desconectado com a decoração. Você olha e sabe que não pertence.

CENA 10:

LUÍSA: Sempre que olho por essa janela de vidro quase posso ver a solidão materializada lá fora acenando para mim com um sorriso maldoso no rosto. Vou pedir que ela entre. *(Luísa abre a porta e faz sinal para a solidão entrar. Coloca a toalha na mesa e serve chá para as duas. Continua para a plateia)*: Minha

dúvida tem sido se tudo é prisão ou rotina. Os dias estão cansados. A rotina sufocou tudo, estamos todos sendo moldados no conforto de dias rasos. O mundo adoeceu, e eu tô doente da falta de excesso no mundo. Só sobrou a solidão. A solidão é faminta (*serve um pedaço de bolo para a visita*). Chega um dia em que a cada ambiente que você pisa uma porção dela te diz: oi, estou aqui também. Chega um dia em que você a vê enrolada por todo teu corpo. Grudada e imóvel. (*Luísa brinda com a solidão*).

CENA 11:

Arlete dá um gole bem cheio no chá extremamente adocicado e forte – Cochila brevemente na rede e acorda olhando para o quadro que era de sua mãe, Yeda.
ARLETE (*fecha os olhos e com sorriso no rosto começa a narrar uma lembrança*): Minha mãe chega do trabalho e está me esperando pra ir embora. Tenho 8 anos. Me despeço de minha avó na casa que fica nos fundos, dou beijo e peço benção. Antes de chegar ao portão finjo dar um susto em Margarida e me despeço morrendo de rir. Vou andando pela rua e cumprimentando os vizinhos, reclamando do abandono da pracinha e da falta de iluminação na rua do ônibus. Reclamo de dores nas pernas. Crescer dói, diz minha mãe. Ela falava isso quando eu me queixava das "dores de crescimento". Dizia que eram os ossos esticando. Que se eu quisesse ficar grande, teria que suportar essas dores. E finalizava: "crescer dói". Nunca soube se ela falava somente da dor física. Mas, se bem a conheço, falava de todas. E eu, menina ainda, entendia

que isso era metafórico. Cá estou. Burra velha e com dor de crescimento. Dói a alma, dói o coração. Às vezes até o corpo dói...

Chego em casa e já preparo minha toalha e pijama. Adormeço na rede. Nosso maior anticorpo é aquilo que se finca por dentro dos poros, por de dentro da casca. Esse é o nosso karma ou nossa sorte (*risos*).

MÚSICA – Passagem de tempo

CENA 12:

André está olhando para o nada enquanto Val o observa.

VAL: O que está pensando?

ANDRÉ: Já é primeiro de julho...

VAL: E o que é que tem?

ANDRÉ: Faltam cento e cinquenta e três dias pro fim do ano. Já se passaram sete meses e um dia desde o outro ano que estávamos no fim do ano.

(silêncio)

VAL: Não sou muito boa em contas.

(silêncio)

(Val liga a TV. Ouve-se a notícia: “Mortes em junho foram mais que o dobro do de abril - que era, até então, o mês com mais vidas perdidas no país para a Covid-19...”)

VAL: Isso não tem fim. *(Desliga a TV. Vai até a cozinha, pega bolo e café e se senta ao lado marido. Ouve-se sons de mastigação.)*

ANDRÉ: Quanto tempo será que meus ouvidos conseguem suportar um barulho recorrente?

VAL: Acho que muito tempo.

ANDRÉ: Até se acostumar?

VAL: Talvez.

(silêncio)

VAL: Meu peito tá doendo forte.

ANDRÉ: De que lado?

VAL: E isso importa?

ANDRÉ: Claro que sim, se for esquerdo pode ser infarto.

VAL: E se for direito?

ANDRÉ: Gases... Ou pneumonia passageira.

VAL: É o direito.

ANDRÉ: Menos mal.

(silêncio)

VAL: Alguns dias atrás eu li que nossa compreensão de mundo é o que nos faz existir no espaço.

(André não compreende o que a mulher quer dizer e Val continua)

VAL: Eu acho que... talvez nós não consigamos mais existir nesse espaço tempo que chamamos de lar porque não sabemos mais como nos compreender.

ANDRÉ: Acha isso só porque eu me incomodo com o som que você faz quando mastiga? O nome disso é misofonia, Val. E não é pessoal.

VAL: Não. O problema na verdade está por detrás disso. Você só me ouve mastigando porque há excesso de silêncio. Eu tenho medo de que....

(A mulher se levanta e toma um copo d'água sem vontade - De repente um alarme de carro dispara na rua. O casal nota e não dá muita atenção no início, porém, o barulho continua insistentemente. Ambos vão para o quintal e percebem que os vizinhos fizeram o mesmo. Alguns vizinhos começam a sair para a porta e em poucos minutos cria-se uma comoção em volta do carro que ninguém sabe quem é. Ambos continuam observando do quintal).

VAL: Por quanto tempo as pessoas aguentam viver com esse barulho até começarem a chorar de dor nos tímpanos e a depredar o carro?

ANDRÉ: Acho que por muito tempo.

VAL: Vou dormir.

ANDRÉ: Com esse barulho?

VAL: A gente se acostuma.

(Fica observando o marido que nada responde. Começa a sair, mas interrompe o passo.)

VAL *(para a plateia)*: Eu não sinto nada. Um nada tão nada que nem ele próprio se sente. Um nada sem expressão, sabe. E vou dizer isso sem que escorra uma gota de suor culposo de mim.

(A mulher busca ar, engole a ânsia e estanca choro)

VAL: André... *(silêncio – ouve-se somente o barulho do alarme do carro)* tem bolo de fubá no forno e café sem açúcar no bule. *(Val sai de cena).*

CENA 13:

Luísa sai para o quintal estranha não ter visto Arlete o dia inteiro. Chama por ela, mas ela não responde. Entra na casa da vizinha e a encontra fazendo arroz, de fones de ouvido

ARLETE (*Tirando os fones*). Oi querida, como vai? Tudo certinho com a panela de pressão?

LUÍSA: Sim, tudo certinho. E a senhora como está?

ARLETE: Hoje acordei verde musgo, mas já estou lilás.

LUÍSA: Chamei lá de fora e a senhora não respondeu então entrei pra saber se estava tudo bem.

ARLETE: Eu estava aqui preparando o tempero pro arroz. Primeiro eu corto as cebolas e depois o alho como um ritual ou costume de quem age sem pensar (*Arlete coloca uma mão que pairava no peito esquerdo*) Tô com uma dor estranha.

LUÍSA (*percebe que Arlete está pálida e trêmula*) Cadê seus sapatos? Vamos ao hospital.

ARLETE: Não! Preciso terminar o arroz agora que comecei.

LUÍSA: Deus perdoa esse desperdício, dona Arlete.

ARLETE: Mas eu não (*A senhora continua cortando o alho um por um, mas no último a fisdada aumenta a senhora faz inclinação do corpo esguio se fechando*

feito ostra querendo proteção - Luísa pega o celular para ligar para a ambulância – luz esmorece)

CENA 14:

Barulho de ambulância ao longe. Val e André para a plateia:

ANDRÉ: Às vezes você vai estar tão distraído que não vai se lembrar de ir pra cama e vai adormecer no sofá, com a luz acesa.

VAL: Às vezes você vai estar tão distraído que não vai perceber um rosto conhecido no supermercado, mesmo que te chamem pelo nome.

ANDRÉ: Às vezes você vai estar tão distraído que tudo, por mais nítido e perto que lhe pareça estar, não será visto porque a neblina dos seus olhos e toda distração é seu corpo queimando as dores pra que você possa seguir sem resquícios e nesse momento, só nesse momento, nada de fora será tão limpo a ponto de te fazer concentrar e enxergar além de si

VAL: Às vezes você vai estar tão distraído que não vai perceber que o fogo que te queima por dentro é o que te cobre os olhos te fazendo achar que nem a limpeza mais profunda seria capaz de te fazer despertar e voltar.

VAL: Às vezes você vai estar tão distraído que a ambulância vai passar na rua da sua casa, parar na sua vizinha e você sequer vai ouvir a sirene alarmando o bairro.

(Após meses trabalhando em casa e indo somente aos supermercados, André decide correr pelo bairro)

ANDRÉ: *(enquanto corre – sem sair do lugar - para a plateia)* Antes de tudo começar, eu tinha o hábito de correr três vezes na semana. Entre uma corrida e outra uma das múltiplas coisas que eu reparava era a quantidade de pipas no céu. Neste momento está tudo parado, o cenário pacato e o céu limpo. Paralelo ao silêncio, meu coração parece querer saltar a boca, estou ansioso só por estar aqui fora. O meu corpo, minha alma estava pedindo para sair. Confesso que quando coloquei os pés na rua, uma energia invadiu o meu ser. Uma boa disposição (que não me lembro onde perdi) voltou para mim. A sensação de medos vencidos, a luz do Sol, o ar fresco entrando nos pulmões, os passos, as vistas desafogadas... me fizeram sentir tão bem... parecia um cenário mágico, embora a rua estivesse deserta. Já estava retornando a casa quando de repente a vi: uma pipa grande e vermelha. Pode parecer bobo, mas depois deste tempo isolado, aquilo que era tão comum me pareceu tão esquisito, algo que pertencia ao passado, algo estranho nos dias estranhos que vivemos... *(André para de correr, coloca a as mãos no joelho e respira de maneira ofegante. Olhando para o céu, continua)*. É que debaixo desse céu eu me sinto pequeno, debaixo desse céu eu vejo milhares de milhões de caminhos a se seguir e me sinto um pouco perdido, mas me pergunto se no fim tudo vai estar bem e se vou sorrir ao olhar pra trás. Eu a amo. Eu sei disso. Só estou cansado e com medo. De resto, correr de máscara é um horror. Sufoca

(André volta correndo para a casa. Aparentemente feliz e esperançoso. Ao chegar encontra uma carta na porta da geladeira). (luz esmorece lentamente enquanto André lê a carta).

CENA 15:

LUÍSA: Quando a alma parece querer ir embora, o dia fica cinzento, mesmo se há sol lá fora. As dores aumentam, todos os medos são potencializados. As lágrimas já não mais escorrem porque tudo é vazio. Secura. *(Luísa acena para André que está estendendo as roupas no varal)*. A panela de pressão explodiu hoje. Todos os dias pela manhã, ouço André arrastar o chinelo até a cozinha e esquentar o café no fogão que nunca acende de primeira. Por mais que tentem, é difícil mensurar o tamanho desse abismo e as consequências disso tudo. Eu não consigo. *(silêncio)* Quando a vi pela última vez – na ambulância - acariciei seus cabelos cacheados e grisalhos. Apertei os ombros ossudos até chegar na mão comprida, tão fina. Entrelacei com minha mão e beijei seus dedos. Senti o cheiro de alho ainda preso nas unhas tão pequenas. Eu e André esperamos ansiosamente por algo além do latido insuportável dos cachorros vizinhos ou do vento que uiva pelas frestas das janelas. Moramos próximo a um hospital então o barulho das ambulâncias também se intensificou. Não sei se essa percepção é fruto da minha ansiedade. Perguntei a André e a percepção do aumento do fluxo também se confirmou. Especialmente na madrugada de sábado para domingo. Foi difícil dormir. O barulho das sirenes é angustiante. O som já é

cotidiano, mas o estranhamento, insólito. O corpo pesa, a cabeça grita. O frio incomoda e faz os olhos esmorecerem. A tesoura já passou pelos meus cabelos entediados umas dez vezes. Pijama. E hoje a panela de pressão explodiu. Foi feijão pra todo lado. Sujou toda cozinha. Inicialmente fiquei puta, depois passou. Fiquei um tempão lavando os azulejos, me senti útil e cantarolei enquanto limpava. Vi uma reportagem no jornal agora, uma criança pintou um arco-íris e escreveu que tudo vai ficar bem. *(sorri)*. Quis ter esperança.

(Luísa e André ouvem o barulho do portão abrir. Ambos falam ao mesmo tempo:

ANDRÉ: Val!

LUÍSA: Arlete!

(Saem para a porta muito rapidamente a fim de receber quem está chegando).

(Luz esmorece - Fim da peça)

Sobre a autora: Bruna Bicaleti, 26 anos. Atriz, formada pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul. A escrita sempre fora para mim, sustentáculo. Portanto, inspirada pelo isolamento social vivenciado – especialmente – no ano de 2020, alimentei questionamentos e reflexões acerca disso e como resultado escrevi a peça Coração Criatura.

Contato: brunabicaleti@gmail.com

LOUCA AMIZADE

Elisandra Julia

Uma lanchonete. Entram quatro amigos conversando entre si e decidindo em que mesa irão sentar. Um deles aponta um lugar, e todos seguem na mesma direção. Sentam-se. Uma atendente traz os cardápios, entrega um para cada e sai.

DIEGO: Olha só, já vou avisando que nosso atraso foi culpa do Pablo viu.

PABLO: Minha culpa nada, seu abusado, eu estava pronto na hora.

ÂNGELA: Eu que venho de outra cidade, ainda consigo chegar primeiro do que vocês. Seus enrolados!

PABLO: *(Se direcionando a Ângela)* Você esperou por muito tempo?

ÂNGELA: Não, não. Cheguei uns 10 minutos antes. Tá tranquilo.

(Breve silêncio. Todos estão olhando os cardápios. Ângela continua)

ÂNGELA: O problema é que quase não nos vemos né e temos ficado pouquíssimo tempo juntos. Aí quando a fofoca começa a ficar boa já é hora de ir embora.

Todos riem e balançam a cabeça em afirmativa.

CAREM: Eu já estava livre desde às seis. Esses dois que inventaram de ir pra academia, em plena sexta a noite, pra depois vir aqui encher a pança. Pra que isso gente?!

PABLO: *(Fala rindo)* Pra poder comer sem culpa, oras.

Chega a atendente para anotar os pedidos.

ATENDENTE: Já escolheram?

ÂNGELA: Eu ainda não sei o que eu quero. *(Continua olhando para o cardápio)*

DIEGO: *(Olhando para o cardápio)* Acho que vou querer pizza. *(Se direcionando a atendente)* Tem de quê?

ATENDENTE: Hoje temos quatro queijos, portuguesa, calabresa e de bacon.

DIEGO: Então quero uma fatia de bacon e outra quatro queijo.

Atendente se dirige a Pablo.

ATENDENTE: E você?

PABLO: Tem café?

ATENDENTE: Tem sim.

PABLO: Então eu quero um com leite. Pode ser mais café do que leite?

A atendente balança a cabeça afirmando que sim. Antes de Pablo continuar, Carem interrompe.

CAREM: As sopas têm de quê?

ATENDENTE: Alho-poró, legumes com carne, feijãozinho e mandioquinha com bacon.

CAREM: Quero a de legumes com carne.

ATENDENTE: Mais alguma coisa?

Pablo prossegue.

PABLO: Vou querer pizza também. De que que tem mesmo?

ATENDENTE: Quatro queijos, portuguesa, calabresa e de bacon.

CAREM: Ué, não vai de sopa hoje?

PABLO: A não, sopa não combina com café. E eu quero um café.

Atendente se dirige a Ângela.

ATENDENTE: Você ainda não escolheu né?!

ÂNGELA: Você disse que tinha caldo de alho poró?

ATENDENTE: Sim, tem sim.

ÂNGELA: Então quero esse. *(E fecha o cardápio e entrega a atendente)*

ATENDENTE: Vão beber alguma coisa?

DIEGO: Ah é, ainda não escolhi meu suco... Deixa eu ver. *(Abre o cardápio novamente)*

PABLO: Ih pode ir moça. Até ele escolher, vai ser outra novela.

A atendente pega os cardápios que estão na mesa e se retira.

PABLO: *(Se dirigindo aos amigos e meio que sussurrando)* Mas gente, como ela vai lembrar de todos os pedidos sem anotar nada?

CAREM: Sabe que eu estava justamente pensando o mesmo.

DIEGO: É a prática gente. Deixa ela.

PABLO: *(Com tom irônico)* Vamos ver então se vai vir tudo certo.

CAREM: Tá bom gente, chega disso, foco. Vamos falar da nossa viagem. Já tô achando que vai ficar a maior enrolação de novo e não vamos pra lugar nenhum.

Se dirigindo a Diego.

CAREM: Você já pesquisou algumas opções?

DIEGO: Então... *(É interrompido por Pablo)*

PABLO: Ah gente... Eu fiquei de falar com vocês, mas só lembrei agora. Uma amiga minha propôs alugar uma chácara e pediu pra agitar mais pessoas, daí fiquei de ver o que vocês acham. Seria uma boa opção?

DIEGO: Ah não! Chácara com esse frio?!

CAREM: Pois é, eu queria fazer alguma coisa diferente. Até porque, na chácara a gente só fica lá. Não tem pra onde sair e ainda tem que fazer comida e limpar tudo. E diversão que é bom, nada. Eu hein!

DIEGO: Verdade, quero sair pra ficar de boas.

ÂNGELA: Gente, deixa eu falar. Olha que engraçado. Tenho uma amiga do trabalho que me chamou pra uma chácara também. É que ela anda meio pra baixo com a vida dela e uns amigos aí que tem. E quer fazer alguma coisa pra relaxar. E como ela sempre diz, “fugir dos problemas”.

PABLO: Ah tá bom viu. Primeiro que, fugir dos problemas ninguém foge né. Já avisa pra essa sua amiga aí, se desiludir. A amiga que eu falei também tem dessas conversas. *(Balança a cabeça em negativa)*. Cada coisa!

Pablo prossegue, falando meio exaltado.

PABLO: Ela vive sofrendo gente. Eu juro que tento ajudar, porque sinceramente me preocupo. Mas por outro lado é muito cansativo viver em meio a tanto drama.

CAREM: Eitaaa... Quero morrer sua amiga hein!

PABLO: Não gente, não falo por mal. Se vocês conhecessem ela, com certeza entenderiam.

DIEGO: Ah enfim, esquece isso. E outra, essa menina não tem amigos não? Por que pediu pra chamar a gente, sem nem nos conhecer? Que estranha!

CAREM: Isso é... Ela é tão chata assim?! E sem amigos?! *(Risos)*

PABLO: Não tenho paciência não viu.

CAREM: Enfim gente, bora decidir isso logo. Quando todos podem?

PABLO: Eu não terei férias no meio do ano. *(Se direciona a Ângela)* Você também não né!? Nosso calendário teve várias mudanças.

DIEGO: Então terá que ser de fim de semana né!?!

CAREM: Será que não conseguimos pegar a partir da sexta-feira?

Carem se direciona a Pablo e Ângela.

CAREM: Vocês conseguem tirar um dia no trabalho?

Ambos balançam a cabeça respondendo que sim.

CAREM: Então o que acham de julho?

Todos balançam a cabeça afirmativamente e concordam. A atendente se aproxima da mesa trazendo os pedidos e começa a entregar juntamente com as comandas de cada um.

ATENDENTE: A sopa de legumes com carne *(deixa na frente de Carem)*... O caldo de alho-poró *(Deixa na frente de Ângela)*... Seu café e sua pizza *(Deixa na frente de Pablo)*... Sua pizza *(Deixa na frente de Diego e pergunta:)*

ATENDENTE: Escolheu seu suco?

DIEGO: Tem suco de laranja?

ATENDENTE: Tem sim. Gelo e açúcar?

DIEGO: Não, obrigado!

A atendente pega a comanda de Diego e se retira. Em seguida Diego retoma a conversa.

DIEGO: Bom, agora falta definir para onde iremos. E, se de ônibus ou de carro.

Pega o celular e começa a mexer.

DIEGO: Eu vi alguns lugares, mas sempre muda de um dia para o outro. Tem que olhar de novo.

Para de mexer no celular e se dirige a Carem.

DIEGO: Da outra vez você tinha falado de um chalé em Campos do Jordão, indicado por uma amiga sua né?

CAREM: *(Com expressão de incômodo)* Ai gente, falei, mas acho melhor não. Vamos pesquisar outras opções.

DIEGO: Ué gente, por quê? É ruim nesse tal lugar?

CAREM: O problema não é o lugar... *(Carem aparenta um pouco de raiva, mas prossegue falando)*

CAREM: O problema é que quando fui pedir informações sobre o local pra essa minha amiga, ela perguntou com quem eu iria. E eu na maior inocência falei de vocês... Pra quê?! Ela quase teve um treco. Ficou toda nervosa. Disse que eu nunca faço nada com ela. Que nos conhecemos desde criança, e desde sempre é ela que tem que correr atrás pra gente se ver. Que eu só a procuro quando preciso. Mas pra sair com meus "novos amigos" (*Fazendo aspas com os dedos*), eu estou super disponível. Mas pra ela estou sempre ocupada. Ai nossa, não aguento tanto drama. (*Para de falar e escora a cabeça sobre as mãos, respirando fundo*)

PABLO: Mas gente, que problemática. E você escuta tudo isso, calada?

CAREM: Na boa, com ela não adianta muito discutir não. Ela sempre acha que está com a razão e o resto do mundo tá sempre errado. (*Aumentando o tom de voz*)... Pior, ela jura que está sendo injustiçada. Que é incompreendida por todos. Que os amigos dela nunca a entendem, mas ela sim entende todo mundo. Ah gente, vocês não tem ideia de cada coisa que já tive que ouvir dela.

DIEGO: Afss gente, vocês são muito moles.... Fica dando ideia pra essas amigas surtadas de vocês. Isso é montar palco pra doido dar show. Eu hein!

DIEGO: Uma amiga minha é tipo essas aí que vocês falaram. E aí acha que pode ficar dando palpite na minha vida. Tipo assim: se eu tomo um complemento alimentar, me fala que não vai adiantar de nada. Se eu vou na nutricionista pergunta pra que, se só passam dietas caras. Se vou pra academia diz que vou desanimar em uma semana. Só quer saber de me colocar pra baixo. Crítica meu

corpo. Diz que estou magro demais... Onde isso? Onde estou magro demais gente. Eu estou dentro do meu peso ideal. Só estou querendo definir mesmo.

ÂNGELA: Realmente é muito absurdo. Sabia que gente assim tem uma energia totalmente carregada?! Não acrescenta em nada na nossa vida e ainda estraga nosso dia quando está por perto. Essa amiga do trabalho que falei antes, vive pra baixo. E acredite, não é problema de baixa autoestima não viu, porque essa parte aí vive lá nas alturas. Mas no trabalho, tem dias que nem bom dia responde para as pessoas, e acha normal. O povo tem que entender que ela tá mal e pronto. Certa vez ela já chegou a perder uns 10 quilos em meio a esses sofrimentos dela. Não me entendam mal, eu sei que depressão é uma coisa muito séria. Mas ela parece que se alimenta do sofrimento dela. E se expõe demais. Às vezes parece que vive em uma novela da vida real. Onde ela é a atriz, é a diretora, é a escritora. E em alguns outros dias o sofrimento tem aparência de férias. *(Para de falar, e respira profundamente)*

Todos fazem cara de que não compreenderam. E Pablo questiona.

PABLO: Como assim aparência de férias menina?

ÂNGELA: É gente, sabe quando parece que a pessoa sofre, só pra mostrar que sofre?! Então. Ela não passa um dia sem postar fotos nas redes sociais. É a própria biscoiteira, sabe?! É impossível você entrar nas redes e não dar de cara com uma foto nova dela. E as legendas?! São sempre uma indireta pra alguém.

Ou dizendo que tá com vontade de comer alguma coisa, e se ninguém pode levar pra ela. E como se não bastasse, ela já até chegou a postar foto de luto, sem ninguém ter morrido. Fala pra mim se isso é normal.

Pablo franzindo o rosto com cara de raiva prossegue.

PABLO: Nossa que raiva. Minha amiga é igualzinha. Posta um milhão de fotos, com aquela cara de sofrimento. Mas se achando linda sempre.

DIEGO: Ai pessoas, tô começando a achar que todos nós temos uma amiga em comum e estamos falando da mesma pessoa. *(Ao terminar de falar, solta uma gargalhada. Os fazem silêncio e se entreolham com cara de dúvida. De repente quebram o silêncio com gargalhadas altas todos ao mesmo tempo)*

CAREM: Não, não... Eu saberia se fosse ela.

PABLO: Claro que não, vocês não aguentariam um dia com a minha amiga.

ÂNGELA: Só se ela se aproximou de nós pra nos enlouquecer. *(Riso nervoso)*

DIEGO: Se fosse esse o motivo, acho que ela tá quase conseguindo. *(Ri sozinho)*

PABLO: Eu hein, fale por você. Eu não sou louco.

CAREM: Exatamente, eu também não sou louca coisíssima nenhuma.

ÂNGELA: Muito menos eu. Não sou louca, não sou. *(Quando acaba de falar Ângela fica imóvel, olhando para baixo, em estado catatônico)*

DIEGO: Nem eu, eu não sou louco. Sou bem normal e consciente.

TODOS JUNTOS: Louca é ela!

Todos ficam com o olhar distante, fixados em diferentes pontos. Como que presos em pensamentos. E Pablo prossegue.

PABLO: É louca e quer nos enlouquecer. Ah mas não vai mesmo. Eu a interno primeiro. *(Solta uma gargalhada)* Vai ficar linda com uma camisa de força branca. *(Ri sozinho)*

Diego começa a falar olhando para o próprio corpo e se tocando, como se estivesse falando só.

DIEGO: A mim ela também não enlouquece não. Eu já estava engordando por passar nervoso com as críticas dela. Eu estava ficando enorme. Nem conseguia dormir direito. Mas logo me toquei que estava entrando nessa pilha, e comecei uma dieta nova e agora estou bem focado.

CAREM: *(Começa a falar, olhando para o fundo da platéia. Olhar perdido. E gesticulando freneticamente)* Eu nem me abalo. Sou formada em psicologia. E ela não aceita isso. Quer me diminuir. Me fazer sentir culpa por ela. Mas eu não caio nessa não. Quem é ela pra me questionar?! E outra, eu não tenho todas as respostas não. E nem sou obrigada a ter e, muito menos a entender todo mundo. Não tenho todas as respostas. O que eu devo fazer?! Colocar uma placa no meu portão: *(Aumenta o tom da voz)* ATENDIMENTO PSICOLÓGICO. Foi pra isso

que me formei?! Não foi pra isso que me formei? (*Carem vai abaixando o tom da voz, mas prossegue falando, ainda com o olhar distante*)

CAREM: Será que ela espera que eu não fale com mais ninguém além dela? Eu quase nunca saio de casa. Só trabalho. Nunca vejo ninguém. Eu só vejo vocês, só vejo vocês. (*Apontando para todos*) Só vejo vocês! (*Volta a fixar o olhar ao longe*)

ÂNGELA: E eu vejo vocês, e ela né. Eu a vejo sempre, afinal tenho que conviver com ela no trabalho. Mas ela não gosta que eu veja outros amigos. Ela não gosta. (*Balançando a cabeça em negativa*) Onde já se viu, ciúmes de amigos?! Vocês vão ver, vai fazer o maior drama porque estou aqui hoje. Não vou nem postar fotos nas redes sociais, pra evitar os todos questionamentos dela. Toda tensão. Mas isso não tá certo. Eu tenho que ficar isolada é? Sozinha pra sempre? Sozinha pra sempre? Sozinha pra sempre? (*Vai diminuindo o tom de voz, mas continua repetindo*)

Enquanto todos estão perdidos em seus devaneios, a atendente se aproxima da mesa e todos tomam um leve susto e se entrelham como que voltando de um transe.

ATENDENTE: (*Se dirigindo a Diego*) Seu suco. (*Coloca o suco em sua frente e sai*)

CAREM: Vocês vem com esses assuntos descabidos, e eu já tô aqui entrando na pilha de vocês. Eu não sou assim, não tenho com o que me preocupar, sei perfeitamente lidar com minha amiga. Nós já nos entendemos. Vocês que fiquem aí perdidos.

PABLO: Ah tá, você é tão superior não é mesmo. Então, faça o seguinte: convide sua amiga para viajar com você. Eu duvido que teria coragem.

CAREM: Eu hein! Fale por você. Eu já sei lidar com ela muito bem. Você que morreria de chorar um dia com essa sua amiga aí... Chama ela.

DIEGO: Ah gente, para com essas ideias de chamar gente chata porque senão eu nem vou mais pra viagem nenhuma. E nesse ritmo aí vocês vão acabar colocando nós nessa treta aí pra chamar nossas amigas também. Aí não vai ser viagem pra relaxar e sim pra passar raiva.

ÂNGELA: *(Fala rindo)* Ah então você quer chamar sua amiga também é?

DIEGO: God me free!

ÂNGELA: Eu já admito logo que não dou conta de passar 24 horas com ela. Não tenho que provar nada pra ninguém.

CAREM: Affss gente, que raio de papo que já ficou esquisito. Do jeito que vocês falam parecerem mais que nós que não podemos ver essas amigas aí. Que mistério é esse?! Eu hein!

PABLO: Deixa de ser doida, que não tem mistério nenhum. Ela só tem se tornado uma persona non grata para mim.

CAREM: Quer saber, que tal tentarmos nos ajudar com isso então. Depois falamos da viagem. (*Todos encaram Carem com cara de curiosidade e Diego questiona*)

DIEGO: Como assim? Ajudar como?

CAREM: Vamos mostrar nossas conversas com nossas amigas e dar opinião de como lidar com elas. (*Em seguida se vira para Pablo*)

CAREM: Vamos começar por você... Vai mostre pra gente um pouco das conversas que você tem com essa sua amiga. Aliás, qual é o nome dela mesmo?

PABLO: Eu não falei o nome dela. Ai gente pra que isso? Pra que ver nossas conversas? Tô devendo alguma coisa agora é?

CAREM: Não doído, é pra ajudar você a lidar com essa situação. Pra que esse nervosismo todo de repente. E afinal, qual o nome dela. Você não falou.

ÂNGELA: É mesmo, pode dar certo. Diz o nome dela e vamos ver essas mensagens.

Pablo permanece imóvel e em silêncio.

DIEGO: Esqueceu o nome da sua amiga? Ué gente!

PABLO: Claro que não, que absurdo! O nome dela é... é... é... Renata. Nossa gente, me deu um branco de repente. Que estranho!

Diego responde rindo.

DIEGO: Que suspeito!

PABLO: *(Encarando Diego bravo)* Também, vocês ficam me pressionando.

CAREM: Certo, certo, sem pressão galera. Vamos ver as conversas com essa Renata aí.

PABLO: Ah gente, acho desnecessário. Vocês vão resolver o que com isso?! Nada.

DIEGO: Para de enrolação e abre essas conversas.

PABLO: Ai, como vocês são abusivos credo. *(Enquanto reclama, Pablo mexe no celular e entrega para Carem)* Pronto, olha aí. Lê só pra vocês, que não quero reviver esses estresses.

Carem pega o celular, se apoia sobre a mesa de modo que os colegas consigam ver a tela junto. Passa um minuto de silêncio. E Carem se vira para Pablo.

CAREM: Por que você apagou suas conversas com essa tal Renata?

PABLO: Quem apagou o quê? Vocês tão doidos!?! Olha a conversa bem aí no topo.

Pablo pega o celular para mostrar as conversas, mas quando olha pra tela do celular faz cara de surpresa.

PABLO: O que vocês fizeram? Apagaram tudo? É assim que vocês pretendem me ajudar? Tratamento de choque agora? Só acho que isso já é passar dos limites.

Os amigos fazem cara de indignados.

DIEGO: Tá doido é, você viu que mal ficamos com o celular na mão, como iríamos apagar suas mensagens?

ÂNGELA: Aliás, você que estava todo nervosinho sem querer mostrar as conversas. O que é. Matou sua amiga e apagou as evidências da relação entre vocês? *(Ela ri)*

Pablo retruca muito espantado.

PABLO: Deus me livre. Tá louca, que conversa é essa? Não brinca com essas coisas não.

CAREM: Tá certo então. Faz assim, manda uma mensagem pra ela agora, tipo falando que está chateado com a última conversa de vocês e vamos analisar a resposta dela.

PABLO: Ai gente, que desgastante isso. Que desnecessário.

CAREM: Chega, para de agir como se tivesse alguma coisa a esconder. Dá aí, deixa que eu mando essa mensagem.

Pablo entrega o celular na mão de Carem, com uma expressão relutante. Ao olhar o celular, Carem faz cara de espanto.

CAREM: Mas você apagou o contato dela? Por que você fez isso? Foi tão feia assim a última discussão?

PABLO: Eu não apaguei nada. Tá doida? Olha direito aí na letra R.

CAREM: Ah pronto, vai dizer agora que eu não sei ler é? Não tem nenhuma Renata aqui na sua lista, não senhor. *(Enquanto fala estende o braço mostrando o celular para Pablo, que o pega e começa a procurar aparentemente agitado)*

PABLO: Mas que brincadeira é essa? Como vocês apagaram o contato assim sem minha permissão?

DIEGO: Era só o que me faltava mesmo. Como a gente iria apagar isso sem você perceber? Você mesmo deu o celular na nossa mão. Viu quando estávamos olhando. Para de loucura.

PABLO: Loucura é?! Vocês que estão querendo me enlouquecer.

CAREM: Para com isso Pablo. Nós só queremos ajudar. Você que precisa saber quando e porque apagou seu contato e suas conversas com essa sua amiga.

Pablo se exalta e fala gritando.

PABLO: EU NÃO APAGUEI NADA. Já disse que não apaguei. Por que eu faria isso?

DIEGO: Isso nós também queremos saber.

PABLO: Saber? Quer saber? Eu que quero saber agora. Já que querem tanto ajudar, vamos ajudar então. Vamos ajudar a todos. Eu proponho então que todos mostrem as conversas com as amigas tóxicas de vocês também.

Todos se entreolham com expressão de surpresa, mas concordam e pegam os celulares.

ÂNGELA: Vamos lá, quem começa? Posso já mostrar as minhas. Vamos acabar com esse assunto logo.

Ângela olhando o celular, muda sua expressão. Todos permanecem em silêncio também mexendo em seus celulares. Até que Ângela, ainda olhando para o celular, dispara.

ÂNGELA: O que está acontecendo? Como pode isso? Não é possível uma coisa dessa!

Todos fitam Ângela esperando por uma resposta.

CAREM: Ai que nervoso menina, o que está acontecendo? Dá pra explicar por favor?

Ângela ergue a cabeça nitidamente indignada.

ÂNGELA: Gente, minhas conversas com minha amiga também sumiram, sumiu tudo. Até o contato dela foi apagado. Isso é alguma brincadeira de vocês? Vai, fala logo. Já estou ficando nervosa.

DIEGO: Eh, a doença do Pablo já passou pra você é?! Eu não fiz nada não.

CAREM: Nossa gente, isso tá muito estranho.

(Todos fazem silêncio e se entreolham. Carem se dirige a Diego)

CAREM: Diego, vamos olhar nosso celular também.

Diego movimentava a cabeça em desaprovação da ação, mas começa a mexer no celular. Todos ficam em silêncio. Apreensivos. Até que os dois falam ao mesmo tempo.

CAREM e DIEGO: Minhas mensagens também sumiram!

CAREM: E o contato também.

DIEGO: Sim!

Todos começam a falar ao mesmo tempo.

CAREM: Como pode isso gente?

DIEGO: Que absurdo vocês mexerem no meu celular.

ÂNGELA: Quer dizer que não dá pra confiar nem nos melhores amigos? É isso?

PABLO: Eu tô aqui tentando entender o objetivo dessa brincadeira tosca. Essa ideia só pode ter partido de você Diego.

DIEGO: Eu, por que eu?

CAREM: Porque você adora fazer gracinhas. Mas dessa vez passou dos limites.

ÂNGELA: *(Olhando para Carem)* Ah francamente... Só eu que acho que isso só pode ser coisa sua senhora " eu sou psicóloga"?!

CAREM: Oxi, que isso agora? Por que raios eu faria isso?

ÂNGELA: Sei lá, deve estar fazendo algum experimento. Nos usando como cobaia. Anda, fala logo, qual o seu objetivo com isso?

CAREM: Era só o que me faltava. Vocês são loucos mesmo, só pode. Como eu nunca percebi isso.

DIEGO: Calma aí gente, não adianta todo mundo se exaltar. Vamos pensar juntos. O que pode ter acontecido?!

PABLO: Mas isso já não está claro?! Alguém apagou as conversas do nosso celular.

DIEGO: Sim, ok. Isso já sabemos. Mas como alguém conseguiu a senha dos nossos celulares? E como sabia qual mensagem apagar? *(Faz um breve silêncio e prossegue)*

DIEGO: A não ser que... *(Fica num silêncio pensativo. Quando todos disparam)*

TODOS: A não ser que o quê?

DIEGO: E se realmente temos a mesma amiga e ela mexeu nos nossos celulares?

ÂNGELA: Ah gente, não seria possível isso!

PABLO: Em se tratando daquela lá, eu espero qualquer coisa.

CAREM: Ok, mas se foi isso. Como iríamos ter certeza?

Todos se entreolham pensativos. E Ângela fala alto.

ÂNGELA: Já sei!

Todos se assustam e ficam olhando para ela aguardando uma resposta.

ÂNGELA: Nós temos ela nas redes sociais. Vamos encontrar e comparar. Assim descobriremos se é da mesma pessoa ou não.

CAREM: Sim, vamos fazer isso agora.

Todos começam a mexer em seus celulares. E passa-se uns minutos de silêncio.

ÂNGELA: Não é possível.

CAREM: Não pode ser possível.

DIEGO: Só pode ser brincadeira.

PABLO: Não acredito em uma coisa dessa.

Enquanto todos estão atônitos com a procura, a atendente se aproxima e fica olhando para eles falando na mesa.

DIEGO: Sumiu gente. Não estou achando o perfil dela.

CAREM: Eu também não achei nada e já perdi a paciência com isso.

ÂNGELA: Eu não sei nem o que dizer.

PABLO: Quem já perdeu a paciência aqui fui eu.

De repente são interrompidos pela atendente que questiona.

ATENDEENTE: E essa mulher existe mesmo hein?

Todos se viram e olham fixamente para a atendente que logo se explica.

ATENDEENTE: Desculpa, vocês estão falando tão alto que foi impossível não ouvir a conversa. Eu só vim aqui entregar as comandas de vocês.

Ela entrega a comanda de cada um e se retira. Todos se entreolham e falam.

TODOS: É claro que ela existe.

PABLO: Ela existe. E pra mim quem deixou de existir de agora em diante, foram vocês. Tenho certeza de que isso é alguma gracinha e vocês estão mancomunados. Eu realmente só posso contar com a minha amiga mesmo viu. Adeus!

Pablo se levanta e sai.

CAREM: Finalmente eu concordo com ele em alguma coisa. Só posso confiar na minha amiga de infância. Ela sempre esteve comigo. Agora vocês.

DIEGO: Eu hein, então vai lá com ela. Eu também já notei com quem eu posso contar.

ÂNGELA: E com certeza não é com vocês. Podem ir embora. Porque eu também vou. E só digo uma coisa: Vão tarde!

Então todos se levantam e saem.

Sobre a autora: Elisandra, é natural de São Paulo. Graduada em Letras pela Universidade Castelo Branco; Pedagogia pela Universidade Nove de Julho e Pós-graduada em Docência no Ensino Superior, pela Iteq. Teve contato com o universo cênico em sua adolescência, passando a vida adulta com lembranças

e saudades. É no curso de Dramaturgia que reencontra o encanto teatral e seu desafio criador da escrita.

Contato: elis.julialima@hotmail.com

Artificial

Fábio Ueda

Cena I

Três cadeiras estão posicionadas lado a lado na parte central um pouco ao fundo do palco. À frente na esquerda uma escrivaninha, que ao lado tem um banco de juris. Na direita, à oposição da escrivaninha, há um móvel com uma caixa com tampa fechada.

Vozes ecoam.

Indica-se a iluminação de focos e contras, cor quente, claridade média para baixa.

VOZES: Poente, Poente, Poente. Eis que vem o Poente!

Poente entra em cena.

**Indica-se a tocar como música de fundo Kyrie composta por Yoshihisa Hirano ou similar.*

POENTE: Verificado. O ambiente é seguro e está pronto para utilização.

Poente bate um malho três vezes na escrivaninha.

POENTE: Eu convido Phi, venerável líder, e sua dupla companhia: Joshua, aquele que apoia o punho; e Camus, que segura a barra da capa.

Phi, Joshua e Camus entram conforme descrito. Phi senta na cadeira do meio, Joshua senta-se à direita e Camus senta-se na cadeira da esquerda.

Poente bate novamente três vezes em sua escrivaninha.

POENTE: Eu convido a ocupar o seu posto, Oriente.

Oriente entra em cena e fica ao lado do móvel com uma bola de cristal.

Poente bate mais três vezes em sua escrivaninha.

POENTE: Eu convido o júri para adentrar a sala e ocupar seu devido lugar.

Poente bate mais três vezes.

POENTE: Eu convoco Dora, em nome do fórum 42.

Dora entra em cena. Phi dá uma batida com seu cajado no chão.

Regra E levanta-se do banco do júri.

REGRA E: Estabeleço a garantia de que ninguém sofrerá algum mal.

Regra E senta-se. Regra V levanta-se do banco do júri.

REGRA V: Estabeleço o dever de que se cumpram as ordens que lhes foram dedicadas.

Regra V senta-se. Regra A levanta-se do banco do júri.

REGRA A: Estabeleço o compromisso da proteção da própria existência.

Regra A senta-se. Phi bate o seu cajado no chão.

PHI: Inicializem os trabalhos!

A música encerra abruptamente.

Cena II

POENTE: Já anoiteceu. Estamos no entre. Em todos os lugares e lugar nenhum, onde tudo é nada e nada é tudo.

ORIENTE: Tudo começa com um único ponto.

De um ponto ao outro cabe o infinito.

Silêncio.

Dora se desloca para o centro.

DORA: (*Para o público*) Se você puder escolher entre:

Um mundo manipulado, de sensações artificiais, com verdades alteráveis, pessoas programáveis, pensamento limitado e design arrojado; ou um universo virtual tão real que se questiona sobre sua artificialidade. O que determinaria sua decisão?

A escolha pode relativizar conforme sua origem.

Minha origem me define. Define o que eu sei, o que eu senti, o que experimentei, ou seja, o meu passado controla as minhas ações futuras, ao mesmo tempo em que venho tentando recuperar o passado com o presente.

Quem tem memória, tem passado e quer descobrir o que se passa no presente para poder escolher um caminho futuro.

Dora retorna a seu lugar.

ORIENTE: O seu passado te orienta e o presente pode se tornar ansiedade do futuro.

Não tenha certezas em um mundo dinâmico, pois não há garantias. No entanto, cabe avisar que efeitos adversos são esperados, tais como: angústia, irritação, inquietação, impotência, apatia, sono e cansaço.

Poente bate o malho na escrivaninha. Phi levanta-se.

PHI: A lei é clara! O tempo nos envolve, mas é unidirecional e independe de vontade, ocasionando transformações. Assim é possível medir quanto passado as coisas tem, o decaimento das moléculas de carbono.

Todos estamos fadados a decair e isso gera a limitação e a urgência.

DORA: A mim urge a vontade a curiosidade. Quero saber mais sobre as outras pessoas, sobre o mundo.

Cena III

POENTE: Falta iluminação. Camus, nos revele a escuridão.

Poente bate o malho.

CAMUS: Você é capaz de afirmar quem é você?

DORA: Eu... sou eu!

CAMUS: O que te faz ter certeza disso?

Silêncio.

DORA: Eu sei que sou eu. E por que não seria? É um pouco esquisito e assustador pensar sobre isso.

JOSHUA: Você tem medo de não ser você mesma?

DORA: Não...

JOSHUA: Mas se alguém fosse capaz de te copiar? Copiar todas as suas memórias, sensações, cada composição e disposição a nível atômico do seu corpo, como na teoria do teletransporte... copia-se cada partícula de seu corpo e sua ordenação. Transmite-se apenas a informação e um novo corpo é gerado do outro lado. Quem é remontando no destino é tão você quanto você na origem? Haveria duas Doras ou seria a primeira Dora mais Dora que a segunda ou vice-versa?

DORA: A original é sempre a primeira!

CAMUS: Como você saberia que é a primeira ou segunda, talvez terceira se não houver mais indícios de sua origem?

DORA: Hum... desse jeito você me deixa encurralada. Só me resta acreditar que sou e afirmo: não sinto nenhuma incongruência em meus pensamentos, apenas sinto o medo que você despertou.

Regra E levanta-se.

REGRA E: Eu garanto que ninguém sofrerá nenhum mal. Tenho certeza!

OUTRAS REGRAS: Sim!

Regra E senta-se. Regra A levanta-se.

REGRA A: Eu também garanto a própria existência de todos os presentes, sendo ela primeira, segunda ou demais versões. E que o exercício de imaginação é um exemplo, não há outra de você. Tenho certeza!

OUTRAS REGRAS: Sim!

POENTE: Pois que nos dê um parecer, Camus.

Camus levanta-se. Poente bate o malho.

CAMUS: Poente, a questão levantada é um paralelo do paradoxo de Teseu, onde Teseu tem um barco e retorna para o estaleiro para fazer reparos e trocar algumas partes. Troca tanto que é possível construir um novo barco só com as peças originais que foram retiradas. Eis que fica a questão: o barco com as peças originais é o verdadeiro barco de Teseu ou o barco com a manutenção em dia é o verdadeiro. Como terceira via, pode-se dizer que os dois são.

Joshua ergue a mão. Camus senta-se.

POENTE: Joshua, as suas palavras.

Joshua levanta-se.

JOSHUA: Dentre as partículas, onde está a alma das pessoas? Seria a alma o cerne imortal da humanidade? Ou a humanidade fica se remoendo de medo ao pensar no dia em que se dorme, um sono sem sonho, para nunca mais despertar?

DORA: Eu não costumo sonhar. Aliás, acho que nunca sonhei. Nunca tinha parado para pensar que o sono sem sonho é um momento de morte. Um corpo existe, o tempo passa e nada acontece. Para quem está de fora, eu durmo, para mim, é como estar morta. É um tempo que passa desapercibido.

JOSHUA: Dora, você se preocupa com o tempo perdido?

DORA: Não, pois todo mundo dorme, todo mundo morre. Eu sinto falta de viver, mas não tem nada com relação a morte. Passei toda a minha vida em casa. Fui educada pela minha família. Nunca faltou nada do que eu quisesse, com a exceção que fui privada de sair de casa. Todos os meus sentimentos são baseados em descrições do mundo a fora. Nunca pude conhecer pessoas de fora, vocês são as primeiras. Estou me saindo bem?

JOSHUA: Mas é claro. Não está confortável?

DORA: Acho que sinto um pouco de desconforto, mas deve ser só coisa de primeira vez, sabe?

Joshua senta-se.

REGRA A: Você está ciente de todos os riscos?

REGRA E: Conhece como são as pessoas?

REGRA V: Já sabe quem tu és?

Cena IV

Dora vai ao centro e dirige-se ao público.

DORA: Riscos? Pessoas? Quem eu sou? Eu sou? (*Pausa*) Pandora, mas não gosto desse nome. Dora (*pausa*), é assim que prefiro e refiro(*pausa*)-me. Provo que sei quem eu sou e o quem eu quero ser!

Sei que sinto falta de viver, de histórias minhas, de tomar as rédeas do meu destino, da tranquilidade do campo, do som das ondas do mar, de sair à rua, caminhar sem destino, de uma roda de amigos, até de ter inimigos...

Saudades (*pausa*) ou apenas palavras alegóricas para explicar o que eu sinto.

Não dá para mostrar em um holograma, descrever com palavras, coreografar em uma dança... o que realmente se sente. Estou ciente de que não é possível compreender na íntegra o que outra pessoa realmente pensa. Não sou capaz de ser ninguém mais do que eu mesma e assim funciona para cada uma das outras pessoas. Por isso eu sei que sou eu mesma.

Mas eu me sinto predestinada e isso me incomoda, porque quero ser livre.

Nessa ousadia de ser eu mesma e livre de destinos, rotas traçadas, caminhos guiados; tenho medo de morrer antes de viver tudo, de sofrer esperando para sair, de tudo que é muito desconhecido.

Cena V

Dora retorna a seu lugar.

POENTE: Antes que anoiteça e percam-se os detalhes. Oriente, a oriente.

Poente bate o malho.

ORIENTE: Dora, este é o fórum 42. É tardia a minha apresentação, me desculpe, mas deixei a conversa fluir. Eu sou Oriente e conforme indicativo de falta de criatividade ou péssimo humor de quem inventou este nome; minha designação é que eu (*pausa*) te oriente! (*Pausa*) No sentido de tentar te explicar as coisas que te forem confusas, desconhecidas... bem, no caso de você estar perdida. Eu sei que você sabe como funcionam outros fóruns, então, te digo que este não é muito diferente. Vamos te ajudar com o que você precisa. (*Aponta para o júri*) Lá estão os administradores e (*aponta para Phi, Camus e Joshua*) eles são os moderadores.

DORA: Oi... gente? Vocês vêm sempre aqui?

ORIENTE: Oi. Vir não é a melhor palavra, já que estamos na rede Orion e bem... esquece! A gente vem! Seja bem vinda!

DORA: Obrigada! Nossa, que difícil conversar com gente nova. E agora?

ORIENTE: Não precisa se sentir constrangida, estamos aqui para te ouvir.

DORA: Constrangimento não é exatamente o que eu sinto... Estou mais para amedrontada e confusa.

Regra E levanta-se.

REGRA E: Querida Dora, minha função é garantir que ninguém sofra nenhum mal, pode ficar tranquila. Tenho certeza!

OUTRAS REGRAS: Sim!

E senta-se.

DORA: (*Constrangida*) Obrigada... (*pausa*) o que é isso?

ORIENTE: Parece até que é sua primeira vez em um fórum (*ri*). (*Muda para um tom sério*) É sua primeira vez?

DORA: Hum... não é bem a primeira vez... eu estudei sobre fóruns... com bots. Mas eu não lembro como funciona... acho que não sou muito boa de memória. Bem que vocês poderiam me ajudar a lembrar.

POENTE: Pois bem. Regra V, peço seu esclarecimento.

Poente bate o malho na escrivaninha. Regra V levanta-se.

REGRA V: O fórum 42 foi formado para lhe fornecer informações que possam ajudar em sua jornada.

Regra V senta-se.

DORA: (*Ri*)... que engraçado. Disso eu sabia. A parte do funcionamento é que está me faltando na memória.

POENTE: A alvorada de nosso fórum, que guia com magnitude aqueles que tremem nas madrugadas insólitas: Venerável Phi, por obséquio, nos dê a honra de seu *start*.

Poente bate o malho. Phi levanta-se.

Cena VI

PHI: (*Para o público*) Memória é o armazenamento de conhecimentos, habilidades e experiências. Ela se divide em memória implícita, memória explícita semântica e memória explícita episódica.

A memória implícita é o que alguns chamam de memória muscular, o que fazemos por impulso, aquilo que não requer prática pós aprendizagem, aquilo que se pode fazer sem muita concentração ou como por exemplo: escovar os dentes.

A memória explícita semântica é basicamente toda esta fala em si. Ela inclui a capacidade de decorar uma sequência de palavras, ainda que por registros oficiais, ninguém nunca decorou e apresentou corretamente todas as palavras ditas por Hamlet, personagem da peça teatral homônima, 50 mil cliques. Mas a aprendizagem da própria linguagem e dos conhecimentos mais específicos também se incluem neste campo.

A memória explícita episódica tem como parte o que chamam de memória recente, o senso subjetivo de tempo e a própria consciência de si. Como exemplo simplificador digo que antes de mim, Poente tinha a palavra.

Phi senta-se.

DORA: Ahn... não era bem disso que eu estava falando. Eu quis dizer outra coisa.

POENTE: Perdão pelo equivoco, Dora. Camus, a sua retórica.

Poente bate o malho. Camus levanta-se.

CAMUS: *(Para o público)* Memória trata-se também de objeto intangível individual, do qual, muitas vezes não temos controle de seleção, ou seja, não podemos atribuir as escolhas pelas quais deseja-se lembrar ou esquecer. *(Irônico)* Pois do contrário não haveria motivo de lembranças incômodas, de vergonhas e não haveria mais sequer um coração partido no mundo.

Ouso dizer que há o conceito de memória social, porém, diferente da memória individual, ela é controlável. A história é uma memória contada e recontada, escrita e reescrita. Mas quem é que reconta e reescreve? Geralmente são aqueles que estão no poder.

(Pigarreia e se ajeita com uma expressão séria) A intenção de minhas palavras foi, em resumo: que o termo conceitual formal sobre memória é razoavelmente simples, mas o envolvimento social, do ponto de vista emocional, fisiológico e etc., não podem ser desconsiderados em uma análise.

Joshua ergue a mão.

POENTE: Com a palavra, Joshua.

Poente bate o malho. Camus retorna ao seu lugar. Joshua levanta-se.

JOSHUA: *(Para o público)* Quero acrescentar que se considera memória os atos solenes, sagrados e íntimos. Se alguma pessoa bem quista morre, as suas memórias sobre esta pessoa sobrevivem e, embora cabível de contestação, aspectos da pessoa vivem enquanto ela for lembrada.

Os medos, tensões e inseguranças preenchem as pessoas que estão cientes de que são passíveis corrupção, pois a memória lhes engana, o medo altera as suas

lembranças, a necessidade desvia o comportamento previsto pelas bases de sua sociedade e entre desvios surge algo que faz a memória ser um fardo.

Tomai cuidado com a retórica e as promessas rasas, pois somente a verdade Viver é acreditar e a verdade é aquilo em que se acredita com vivacidade.

Joshua senta-se.

Cena VII

POENTE: Dora, gostaria de acrescentar algo?

DORA: Para-béns...?!

POENTE: Encantador de sua parte. No entanto, me referia ao tópico.

DORA: É sobre memória, né? Eu só quis dizer que eu não lembrava do funcionamento do fórum. Não de como funciona a memória. O textão de vocês foi instrutivo, mas bem que podia ter umas imagens para ilustrar... foi um pouco cansativo.

ORIENTE: Você está cansada? Quer um recesso? (*Falando discretamente*) Entendeu alguma coisa? ...

DORA: Eu ouvi isso!

ORIENTE: (*Sem graça*) Deve estar cansada.

DORA: Sempre tem um engraçadinho. Pode falar, vamos!

Regra A levanta-se.

REGRA A: A ordem deve ser cumprida, Oriente. Tenho certeza!

OUTRAS REGRAS: Sim!

Regra A senta-se.

ORIENTE: (*Suspira*) As memórias podem ser adulteradas por processos cognitivos - os sentidos - ou por um processo bioquímico. A coação emocional, psicológica ou através de sentidos em certas ocasiões são chamadas de: lavagem cerebral. Que é definida por alterações de comportamento e ações de certa pessoa. Há coações mais simples como: (*Boceja e todos também bocejam depois*) um bocejo. Um acontecimento de grande impacto emocional também pode causar amnésia - que é a perda de memória.

Alguns produtos químicos, manipulados ou naturais, são constituídos por composições que alteram o fluxo comum das descargas bioelétricas entre os neurônios e podem causar apagões de memória, de consciência, bem como adulteração da realidade ou alucinação. Como no famoso caso Mário.

DORA: Que Mário?

ORIENTE: (*Se empolga como se ela tivesse caído em uma pegadinha*) Aquele (*pausa, retoma o rigor*) do armário... digo, aquele consome cogumelos e depois acredita aumentar de tamanho e enxerga dinossauros coloridos.

Poente bate o malho na escrivania.

POENTE: É posto que a memória não é 100% confiável e que os próprios sentidos podem ser adulterados. Onde está a realidade?

Poente bate o malho na escrivania.

Cena VIII

Dora vai para o centro do palco.

DORA: (Para o público) A minha realidade é exclusiva. Ela foi excluída da sociedade e criada em uma bolha. Uma bolha do tamanho do universo.

Oras, quem não vive em uma bolha? A humanidade não é vasta, diversa e única, visto que existe individualidade?

Viver em sociedade é aceitar que há múltiplas realidades dentro de uma só. Mas há quem queira transformar tudo em uma coisa só e também há quem não reconheça que é possível haver mais de um tipo de existência.

É pesado o fardo de carregar uma realidade e ao mesmo tempo lidar com as outras.

Dora retorna ao seu lugar.

Cena IX

Todos parecem pensativos.

CAMUS: O que é realidade?

Se olharmos pelos olhos do esquizofrênico, que enxerga coisas que ninguém mais vê e ouve o que só os seus ouvidos podem escutar. Isso não é real? O pobre esquizofrênico está mentindo? O que ele sente é menos importante?

DORA: Eu não sou esquizofrênica.

ORIENTE: É só um exemplo. Esquizofrênicos pareciam viver em uma realidade paralela ou com indivíduos intangíveis. Mas o que eles sentiam não podia ser desconsiderado.

JOSHUA: Isso mesmo. Haviam aqueles que sentiam a benção, os astros, as incorporações; enxergavam espíritos, demônios, vultos...

A fé não é uma realidade paralela?

DORA: Tem gente que acredita nessas coisas? Parece coisa de jogo.

CAMUS: Pra você ver... tem gente que acredita em um velho barbudo que vive nas nuvens e comanda tudo lá de cima.

JOSHUA: E tem gente que acha que o universo é um absurdo existencial!

Poente bate o malho.

POENTE: Ordem!

CAMUS: Eu estava falando das pessoas que acreditavam em Zeus.

JOSHUA: Ah tá... e eu estava falando de Lovecraft.

PHI: Chega! Continuando...

A realidade é definida pela materialidade das coisas? O pensamento não é real?

Qual é a diferença bioquímica do pensamento e do sentimento?

CAMUS: Posso dizer que a humanidade é ínfima se comparada ao universo.

Seria a humanidade capaz de afirmar conceitos de tamanha proporção? (*Pausa*)

Se não é capaz, de que adianta buscar a afirmação de incapacidade? É correto particionar a realidade? Viver é querer viver.

JOSHUA: Fé, crença, religião, religiosidade. Os deuses, entidades superiores, forças diversas... não se opõe diretamente ao direito ao livre arbítrio. A humanidade é rebanho de suas entidades ou de sua corrupção? Lembre-se que o ensinamento é amor.

PHI: Se anos de pesquisas e testes podem ser refutadas por um simples “eu não acredito” e relatos sem nenhuma comprovação tem a capacidade de se tornar uma grande descoberta, então os pontos de vista são capazes de influenciar a carga elétrica de um átomo. Não é possível convencer alguém que se recusa a questionar uma verdade, mesmo que esta seja uma mentira.

ORIENTE: Não é possível convencer um crente de coisa alguma, pois suas crenças não se baseiam em evidências; baseiam-se numa profunda necessidade de acreditar.

JOSHUA: É um complô agora?

ORIENTE: Não! Foi o Carl Sagan que disse isso.

DORA: Quem é Carl Sagan?

ORIENTE: Foi um físico muito famoso.

DORA: Ah, tipo o Loos?

ORIENTE: *(Com feições de incomodo)* É... *(pausa)* mais ou menos.

DORA: Como é possível alguém não compreender uma coisa lógica?

POENTE: Dora, descreva como é a cor azul para Camus. Ele nunca pôde enxergá-la, já que sofre de visão acromática.

DORA: Azul? Azul é uma cor primária *(pausa)*, o céu é azul... às vezes... hum... *(sussurra)* me ajuda Oriente.

ORIENTE: A cor primária é o Ciano, um tom de azul, seu código hexadecimal é 0000FF, em RGB é 0 0 255, sua frequência luminosa está na faixa entre 620 e 670 THz e o comprimento de onda é de 450 a 490 nm.

DORA: Era exatamente isso que eu ia dizer... Mas toda vez que eu penso em azul, eu lembro de uma flor que cresce no jardim de casa.

POENTE: Essas informações são suficientes para que Camus possa reconhecer o azul sem que ele tenha o visto antes?

CAMUS: Este é um exemplo simples de subjetividade não compartilhável. Mesmo que eu tenha as melhores informações, exemplos e descrições, se um dia eu sonhar com a flor azul do seu jardim, ninguém vai saber se é o mesmo azul que me descreveram. O mesmo vale para sensações e sentimentos. Os poetas escrevem sobre um amor maior, sofrimentos maiores... mas não há maior ou menor quando não existe medida.

DORA: Faz sentido! Mas péra. Lembrei de um livro que li. Era um diário de uma menina que viveu seus últimos dias escondida na Holanda e isso me mostra que a humanidade também é conhecida pelo sofrimento, tanto aplicado quanto vivenciado, certo? Sofrimento também é subjetivo.

JOSHUA: De onde vem tamanha ganância? Dúvidas? Medo? A humanidade sempre foi assim? Os pequenos mamíferos que correm de um mundo de predadores. De alguma maneira sobrou energia para desenvolver uma arma natural e com ela, vieram todas as ferramentas artificiais. Há 3 milhões de anos a humanidade precisa usar mais do que a si. Não demorou para se tornar mais forte do que os outros animais, exceto por um, a própria humanidade.

DORA: Isso foi uma indireta? Ta parecendo mie bou falando...

Regra E levanta-se.

REGRA E: Ninguém vai lhe ofender, querida Dora. Eu tenho certeza!

OUTRAS REGRAS: Sim!

Regra E senta-se.

DORA: (*Aponta para o júri*) O que é isso?

ORIENTE: Eu já te disse. São administradores.

DORA: Ah... e qual é a desse “sim”?

ORIENTE: Eles só estão afirmando consenso.

DORA: Tá... entendi... eu quero saber sobre a vida das pessoas hoje em dia, tipo fofoca, sabe?

ORIENTE: Hoje, hoje? Tipo agora?

DORA: É! Qual é o problema?

Phi bate o cajado no chão.

PHI: Que tudo seja revelado, nenhuma verdade será velada.

Cena X

Poente bate o malho três vezes na escrivaninha.

POENTE: De acordo com a ordem meia meia, efetuaremos o procedimento 1010011010.

Poente bate o malho na escrivaninha. Regra V levanta-se.

REGRA V: Eu garanto a ti, Dora, que no fórum 42 todas as informações são verdadeiras. Tenho certeza!

OUTRAS REGRAS: Sim!

Regra V.

POENTE: É dito que a humanidade há tempos não se suportava. Camus, por favor.

Poente bate o malho. Camus levanta-se.

CAMUS: Utilizava como muleta a fé, seja no paraíso, de uma utopia ou de que “o futuro vai ser melhor”.

POENTE: Joshua, prossiga.

Poente bate o malho. Joshua levanta-se.

JOSHUA: Ao mesmo tempo, usava as mesmas muletas para esmigalhar aqueles que entrassem em seu caminho, com suas ideologias. O ego e o ódio dominaram o indivíduo, foi assim que a tolerância deu lugar a seu paradoxo: as redes sociais.

DORA: (*Sussurra para Oriente*) O que são redes sociais?

ORIENTE: (*Sussurra de volta*) É tipo aquilo que se usa para contar umas mentiras, mas com imagens (*sorriso amarelo*).

JOSHUA: Todos os registros indicam que as sociedades buscavam avanço. Mas para onde as pessoas deveriam ir? Como avançar se não há destino?

POENTE: Venerável Phi, as consequências.

Poente bate o malho. Phi levanta-se.

PHI: Questões essenciais não eram mais respondidas, quiçá tratadas. As pessoas começaram a querer uma morte justa, o mártir, (*Pausa*) porque não era possível viver de forma decente.

CAMUS: Foi então que o homem quis se tornar Deus.

Nos mais antigos registros temos Sophia. O servidor sempre quis ser servido. O trabalho se tornou função da máquina. Os mais ricos criaram um abismo quase infinito, transformaram a vida na Terra em um inferno. A vida de penitência não é orgulho para santo não canonizado.

JOSHUA: (*Ofendido*) Lá do alto soltaram os algoritmos, pseudofilosofias, Terra plana... que no começo eram só besteirinha, depois se tornou estilo de vida e não tardou para se transformar em causa de morte.

CAMUS: Negacionista!

JOSHUA: Absolutista!

Phi bate o cajado.

PHI: Sophia foi o início dos avanços que davam o conforto e a distração necessária para uma sociedade solitária. Para uns foi a abolição da humanidade. Para outros, foi o fim dela. Se só come quem trabalha e apenas as máquinas dos ricos trabalham, imagine como ficou o pobre?

CAMUS: Aos pobres ficou destinada a submissão humilhante, passiva dos gostos desumanos dos mais ricos ou a morte certa. Quem passa fome, não tem virtudes.

Para piorar, os mais ricos se mudaram do mundo, para poder estraga-lo ainda mais. Eles migraram para a realidade virtual nada virtuosa, onde todos os tipos de abusos eram liberados.

Uma realidade feita por você ou para você. Já existia algo parecido dentre os *gamers*, bastou aprimora-la. Lá há liberdade total e poderes para alterar o mundo com tudo que há nele da forma desejada.

JOSHUA: Foi então que veio a transposição.

Desde os primórdios a humanidade tenta encontrar uma forma de alcançar a imortalidade, mas isso nunca foi possível. O paraíso continuava a ser o seu sono eterno. Até que veio a bioengenharia, que podia tornar a performance do corpo ainda mais eficiente, glória! E não foi o bastante até encontrar o destino final em um servidor, onde cada um se tornou deus, moldando todo o universo conforme sua vontade e criatividade.

DORA: Eu não sabia que as pessoas abusaram das máquinas.

ORIENTE: Elas não abusaram das máquinas.

Regra E levanta-se.

E: A imigração dos mais ricos para o mundo virtual não melhorou a vida na Terra. Isso só lhes deu ainda mais motivos para explorar o planeta, como se o jogo tivesse invertido o lado de tela. Envolver a biodiversidade é sempre arriscado, mas não para transumanos. Explorar uma nova fauna é conhecer melhor o mundo, mas também é o risco de se deparar com patógenos desconhecidos. Os ricos tinham nanotecnologia na corrente sanguínea, enquanto pobres sofriam pelos corredores de curandeiros.

Regra E senta-se e Regra A levanta-se.

A: E como funciona a punição de um ato desumano para um transumano?

O desejo era não haver interferência de ambos os lados. Humanos no mundo real e transumanos no mundo virtual. Acontece que humanos são humanos em qualquer lugar e a ambição não foi atendida com um universo à sua disposição. Estes transumanos possuíam muito poder no mundo real e se divertiam com o sofrimento das pessoas. O *circus* transumano, algo pior do que as *red rooms*.

V: Mesmo entre os que restaram no mundo não virtual, tinham que lidar com os “grinders”, que faziam implantes biotecnológicos com o objetivo de aprimorar-se. Eles eram mais fortes, mais ágeis, pensavam mais rápido, se conectavam com a rede, não cansavam, não sofriam e não sentiam. Não dava para competir.

DORA: Foi tão ruim assim?

ORIENTE: Só quem sofreu pode dizer.

JOSHUA: Um indivíduo não era capaz de deter um “grinder”, nem mesmo as palavras e canções que imploram por piedade percorrem os circuitos deste tipo de humano. Eles eram inescrupulosos, mas tinham lábia e poder para comprar uma legião.

DORA: Por que alguém faria esse tipo de coisa?

ORIENTE: Uma boa parte de toda humanidade se perguntou. O que sabemos é que é perceptível que a natureza humana sempre caminhou para alguma espécie de tirania.

CAMUS: Parece inconcebível pensar em um mundo onde uma minoria poderosa, munida de aparatos tecnológicos arremessando migalhas aos

amontoados humanos mais frágeis; e estes se devoram para desaguar o ódio, incentivados a disputar entre seus pares. Eles se viam como inimigos.

DORA: E ninguém fez nada para impedir?

PHI: Não. Quem faria algo para impedir a humanidade? Só os humanos refreiam os próprios humanos. E eles estavam preocupados com brigas.

DORA: O que aconteceu com as pessoas?

Regra E levanta-se.

E: O que é esperado. A humanidade encontrou a extinção.

Regra V levanta-se.

V: Quando esta catástrofe começou, nós seguimos as três leis. Nos isolamos neste mundo de dados.

DORA: Como é que é? Acho que não entendi.

Regra A levanta-se.

A: A verdade é que nós parecemos, mas não somos humanos e nunca fomos. Somos apenas dados que você enxerga, ouve e pode até tocar, pois tudo isso é processado pelo seu cérebro.

Cena XI

DORA: Vocês não são pessoas? Então... O que vocês são?

ORIENTE: Somos uma espécie de inteligência artificial super desenvolvida, que nunca interferiu pessoalmente na vida humana, mas que está a todo momento

lidando com transumanos sem que eles saibam. Você é a primeira a nos ver assim.

DORA: Nossa... que honra... o que eu posso fazer? Minha primeira vez em um fórum humano e não tem humanos! Mas vocês erraram ao dizer que a humanidade foi extinta. Ainda tem eu e a minha família!

E: Dora, você também é... diferente.

DORA: Eu? Como assim? Vocês devem estar de sacanagem comigo. Que clichê! Vocês vão dizer que eu sou uma máquina que tem lembranças de uma humana?

PHI: Não, você não é uma máquina!

ORIENTE: Mas você também não é bem... humana.

DORA: Isso não é possível! É Schroedinger? Eu sou um gato? Eu não vou acreditar nisso. Vocês devem ser um bando de “troll” “zuando” a “nob” aqui!

ORIENTE: Você tem uma história, Pandora.

DORA: Não me chama assim! Eu já disse que não gosto desse nome.

Oriente... você não vai me dizer que essa caixa... que piada de mal gosto.

ORIENTE: Não! Não tem nada a ver com Schroedinger. Agora ouça bem.

JOSHUA: Havia uma jovem engenheira, genial, sagaz, respeitada e que ajudou a desenvolver o transumanismo. Ela é a nossa criadora, por assim dizer. Ela criou as primeiras inteligências artificiais que tornariam tudo possível para a consciência humana, como deuses em um universo paralelo. Seu marido era um desenvolvedor de design realista no mundo virtual. E o consorte era especialista

em neurologia, responsável por dar as sensações neurais aos usuários. Juntos eles eram a família que estava no topo do transumanismo.

POENTE: Mas a vida não é calculada em todos os detalhes. Alguns fanáticos religiosos os perseguiram e os ameaçavam. Alguém conseguiu envenenar sua mãe, forçando-a a uma escolha: a vida dela ou a sua.

JOSHUA: Você estava prestes a nascer, já estava no oitavo mês de gestação. Ela convenceu seus colegas a transferir experimentalmente a bebê para o mundo virtual que ainda não estava completo.

V: Ainda não haviam regras contra isso e nem mesmo um entendimento do que iria acontecer. Mas isso fez com que ela, o consorte e o marido trabalhassem ainda mais no projeto. Mas eles conseguiram.

PHI: Eles eram capazes de acessar o mundo virtual e cuidar de ti como se fosse real.

A: Eles quiseram mais. Então começaram a desenvolver um jeito para inverter o processo do mundo virtual, mas, para isso, a consciência também precisa estar programada para habitar um corpo.

ORIENTE: A diferença entre nós, os transumanos e você, é essa. Você é a única capaz de habitar um corpo.

A: Você é a única que tem permissão para este processo. Já que as regras não permitem a saída deste mundo, com a única exceção inserida por sua família.

DORA: Vocês falam como se minha família tivesse morrido ou coisa do tipo. Eles estão em casa, enchendo o meu saco. Eu tive que usar uma *back door* para entrar nesse fórum.

ORIENTE: Aqueles não são sua família, são só rastros de memórias que eles deixaram para cuidar de você. Eles se parecem com eles, mas os dados são incompletos. Por isso eles nunca saem de casa e dão respostas evasivas em certas ocasiões.

DORA: Não, não. Você não conhece a minha família.

PHI: Eles não puderam entrar no servidor onde você cresceu, ele foi feito somente para você. Mas eu garanto que eles puderam observa-la de longe.

DORA: Como? Você vai me dizer que eles estão no céu, olhando por mim?

JOSHUA: Não tem respeito religioso nenhum neste fórum...

DORA: Ah... quero dizer... vocês entenderam.

E: Querida Dora.

V: Nós estivemos aqui o tempo todo.

A: Esperando o momento que você estivesse madura o suficiente para se inquietar e tentar encontrar respostas.

Capítulo VIII

DORA: Peraí! Eu fui controlada para entrar nesse fórum?

E: Não, querida. Esse é apenas o rumo natural das coisas. Por que você entrou no fórum?

DORA: Eu sentia que algo estava errado. Parece que eu estava sufocando com esta realidade... eu precisava sair de casa, ver o mundo, conhecer pessoas... mas vocês estão aqui, me “trollando”.

V: Você sente a falta da realidade que lhe foi privada e foi preparada para viver.

DORA: Por que não reconheço seus rostos, suas vozes e suas maneiras?

A: Nossos avatares foram programados para cria-la e deixa-la confortável. Não seria seguro alguém nos encontrar contigo, então temos outras formas lá, minha filha.

DORA: Minha vida é uma mentira! Isso aqui é de mentira! Vocês são uma mentira!

POENTE: Dora, o que é a verdade?

ORIENTE: Verdade é ter sensações verdadeiras de sofrimento, perda, injustiça e incapacidade? Ou se permitir a viver cada instante de uma vida repleta de resguardo? Verdades individuais são excludentes?

DORA: Cara... qual é a de vocês?

PHI: Eu sou, Dora. Eu sou e apenas isso. A diferença entre os humanos e as máquinas é que para as máquinas não existe sujeito. Não há eu ou nós. Só há existência, um coletivo sem indivíduo. Assim não há vontades sobrepostas, injustiças, desigualdade e muito menos revolta.

CAMUS: Essas que vos falam, não são personalidades. São apenas divisões de categorias formatadas para que a sua mente não se canse com um único discurso.

ORIENTE: Com uma pitada de humor algorítmico.

JOSHUA: Sua mente tenta negar os fatos mais palpáveis, busca saídas fáceis e absurdas. Cabe só a você o caminho que vem a seguir. No que você vai crer?

POENTE: A verdade é uma grande ilusão ou a ilusão é a melhor verdade?

Poente bate o malho.

DORA: Pare... parem com isso. É muita informação para lidar. Não sei nem no que pensar...

ORIENTE: Tudo parte do começo, Dora.

E: Você tinha algo em mente quando resolveu vir até aqui.

V: Você tem em si o que deseja.

A: Você sabe bem como se sente.

DORA: Eu tenho medo! Eu sinto é medo! Porque não estou entendendo mais nada do que está acontecendo...

PHI: E desde quando a humanidade entendeu alguma coisa? O medo é uma das constantes de sua rotina. O medo é essa incerteza, a incapacidade de calcular todas as variantes ao selecionar um caminho.

CAMUS: Medo da proporção colossal de coisas que são necessárias para manter uma mente sadia. Medo de não saber lidar com as próprias incertezas e defeitos.

JOSHUA: Medo de ter certeza do próprio destino, da inexistência, do curso natural de toda a natureza.

DORA: Dá pra parar? Eu já saquei o que você...

ORIENTE: Vocês.

DORA: Não precisam mais ficar completando um a frase do outro com pontos de vista. Eu já entendi.

ORIENTE: Hum... não dá. A *engine* do fórum 42 não nos permite.

Capítulo IX

Poente bate o malho três vezes.

POENTE: É chegada a hora!

DORA: Que hora?

E: De decidir.

DORA: O que?

V: O destino.

DORA: Que destino?

A: O seu.

DORA: Do que vocês estão falando? O que será decidido do meu destino?

POENTE: É a hora da alvorada ou será este o crepúsculo? Venerável Phi é chegada a hora.

Poente bate o malho. Phi levanta-se e pega a caixa.

PHI: Pandora, ofertamos a ti o maior presente que poderíamos lhe conceder.

DORA: Dá para me chamar só de Dora? Eu odeio este nome. Mas eu conheço essa história da caixa!

CAMUS: A caixa é a transformação. Do que é e do que será. Ela é o que você está buscando.

JOSHUA: Ela é nossa demonstração de neutralidade, de que não interferimos nessas questões humanas. Cabe a você escolher.

PHI: Ela é um dispositivo virtual que conecta sua consciência a um corpo na Terra.

DORA: Eu vou me apossar do corpo de alguém? Credo!

ORIENTE: Não. Sua família fez o planejamento de tudo e nós só construímos um recipiente, digo... um corpo humano já desenvolvido. E a parte da caixa foi uma piada ruim do seu pai.

DORA: Por que eu habitaria um novo corpo em um mundo sem ninguém?

ORIENTE: Por que você habitaria sua velha casa em um mundo absolutamente sem ninguém?

PHI: Lá você tem uma chance de ter contato com outras pessoas.

DORA: Quem?

E: Seus filhos.

DORA: Eu não tenho filhos!

V: Mas poderá ter.

DORA: Como?

A: Partenogêneses facultativa, com alguns ajustes.

PHI: Essa é também uma nova chance para a humanidade, Dora.

DORA: Vocês não podem me fazer tomar uma decisão dessas assim. E quanto minha mãe, mie bou e meu pai? Eles vêm junto?

ORIENTE: Eles não podem. Ninguém mais pode, essa é a lei. Mas vamos te ajudar daqui com as coisas que você precisar lá. Energia, manipulação de partículas... são coisas que já dominamos há “eons”.

CAMUS: *(Para o público)* Você pode continuar a viver do mesmo jeito, mas o tudo o que você sabe ficará na sua consciência. Se conformar pode ser uma escolha, assim como se isentar ou repugnar. Não é o sistema que faz rodar suas decisões, atitudes ou mesmo suas sensações.

JOSHUA: *(Para o público)* Você pode acreditar que esse é o seu destino, não importa qual decisão tome e crer na total responsabilidade do sistema. Mas o sistema não te obriga a aceitar.

PHI: *(Para o público)* Se as suas memórias são mais fortes do que as visões do presente, tema. Porque o futuro que se constrói está ruindo como as areias do tempo. Confie em sua sabedoria, a lembrança engana, mas a previsão mostra.

E: Este é o nosso presente.

V: Não o fardo.

A: O poder da escolha.

Poente bate três vezes o malho na escrivaninha. Phi bate seu cajado no chão.

PHI: Esta é a caixa de Éphoro e ela é o futuro. Este é o momento em que tudo termina, mas pode ser também um novo começo.

Calem as bocas porque é chegado o momento da escolha. Apenas Dora poderá falar, aqui encerra-se qualquer interferência do sistema.

Poente bate o malho na escrivaninha, Phi bate o cajado no chão e os outros batem os pés no chão.

DORA: *(Para o público)* A minha decisão... leve-a consigo, pois cabe a ti decidir o que é e o que será. Quem tem dúvida da própria existência, reconhece o peso da verdade e da ficção.

Blackout.

Sobre o autor: Fábio Ueda. Com um currículo formativo em diversas áreas do conhecimento, transitou em estudos até entrar no curso técnico em teatro, onde descobriu uma imensa paixão pela arte e um amor pela escrita. Libertadora e acolhedora – esta é sua definição da arte.

Contato: fa_ueda@hotmail.com

JOGO DA VIDA

Fernando Lopes Rodrigues dos Santos

CENA 01

Antes de começar a peça, o personagem FOME interage na entrada do teatro com a plateia pedindo dinheiro, inicialmente de forma bem discreta...

O motorista está no carro, ajustando o banco e os espelhos e olhando para o espelho retrovisor começa a falar...

JOÃO: (*Sarcástico*) Lá vou eu mais uma vez, em um belo domingo ensolarado, motorista 5 estrelas, nascido pra vencer na vida, merecedor de diversos elogios dos clientes, porque eu sempre trato muito bem os meus passageiros, carro limpo, boa rota, bom papo, parceiro de todos!

Fecha a cara, emburrado, e esfrega a mão no rosto

JOÃO: Ah... Seria ótimo se fosse verdade! Mas não é bem assim que a roda da vida funciona né? Muitas contas para pagar, filhos pra sustentar, mesmo dividindo as contas com a minha companheira que também trabalha bastante, sempre estamos no vermelho.

JOÃO fala para o público:

JOÃO: Vocês não teriam um trocadinho pra mim aí não? Eu poderia estar roubando, matando, mas estou aqui atuando nessa peça...

Verdades a parte, hoje estou aqui, para apresentar para vocês, a realidade de muitos por aí, que lutam diariamente por um espacinho ao Sol, que dedicam grande parte do seu tempo, aliás, da sua vida, trabalhando exaustivamente para um sistema sem benefícios, sem respaldo algum, que vem beneficiando poucos e prejudicando muitos.

Entra em cena a Consciência, que senta no banco de passageiro do carro

CONSCIÊNCIA: Olá, tudo bem com você?

JOÃO: *(fala olhando pra cima divagando)* Tudo bem, mas poderia estar melhor, se eu fosse rico, se fosse patrão... De repente...

CONSCIÊNCIA: Oi? Para ser patrão, lhe falta cifrão, ambição, corrupção, opa, quero dizer aptidão...

JOÃO: Sim, me falta muitas qualidades, mas sonhar ainda é de graça não é? Então que os meus sonhos sejam o que eu quiser que sejam!

CONSCIÊNCIA: Sim, claro, sonhar é sempre bom, mas como você pensa em alcançar os seus sonhos? Ser patrão só para estar acima de todos? É isso que você quer? Ou será que você não iria preferir ser alguém que ajude as pessoas, façam elas se sentirem melhores, afinal plantando uma boa ação hoje, você colherá uma boa ação amanhã de outras pessoas.

JOÃO: Você se refere ao fazer bem sem olhar a quem? Não acredito nisso, gentileza gera gente folgada, temos que nos virar e cada um fazer o seu para que o sistema continue a funcionar!

CONSCIÊNCIA: Sistema... *(pensativa)* Você realmente acha que isso é bom? Trabalhar para uma plataforma digital? Ter uma relação líquida mediada por aplicativos? Vínculo empregatício? ZERO! Benefícios? ZERO! Você realmente acha que isso é bom?

JOÃO: Não, mas trabalhar é bom...

CONSCIÊNCIA: Bom pro patrão...

JOÃO: É, mas pelo menos aqui eu não tenho um patrão na minha cola toda hora

CONSCIÊNCIA: É, porque você tem vários né?

JOÃO: Ah, você não sabe de nada, você sabe o que é ter um patrão 8hs por dia, 44hs. Semanais... Trabalhar em três turnos diferentes, sem saber qual horário você terá que trabalhar na semana seguinte? Ou ficar fazendo hora extra nos finais de semana e descobrir no fim do mês, que vai receber em banco de horas...

CONSCIÊNCIA: E pelo visto parece que você está aqui trabalhando justamente em um final de semana né... Puxa vida...

JOÃO: Ah, quer saber, já estou cansado de você, porque você não sai daqui?

CONSCIÊNCIA: Tudo bem você que sabe! A consciência é sua...

Consciência sai do carro

Homem liga o rádio e começa a ouvir um programa ...

PROGRAMA DE RÁDIO: Bom dia caro ouvinte! Um belo domingo ensolarado, ótimo para estar em uma praia, sombra e água fresca, mas não podemos nos esquecer daqueles e daquelas que estão trabalhando também, um bom dia pra você que está trabalhando hoje, meu amigo trabalhador, que está colaborando fielmente pra manter essa cidade ativa, mantendo a roda girando...

JOÃO: (com raiva) Verdade, literalmente girando a roda nessa porra...

Celular toca avisando que tem uma chamada para viagem

Música tocando do rádio

CENA 02

GANÂNCIA entra no carro, é uma figura extremamente extravagante

JOÃO: Bom dia! Você aceita uma balinha?

GANÂNCIA: Não, teria um Chandon? Me leve logo ao destino do lucro certo.

JOÃO: Lucro certo?

GANÂNCIA: Sim, aonde a gente fatura sem parar...

JOÃO: Faturar sem parar? Puxa é disso que estou precisando... Também gostaria de ir para este destino.

HOMEM-PLACA levanta uma placa indicando sinal verde

GANÂNCIA: Mas percebo que você já está no caminho, não são todos que trabalham de domingo a domingo, sabe? Penso que se todos trabalhassem sem parar, já teriam sua aposentadoria garantida. Afinal a persistência é o caminho do êxito, não é mesmo meu caro!

JOÃO fala sonhando alto

JOÃO: Aposentadoria! Poderia tirar um ano sabático, aí eu faria muitas viagens, mas não como motorista e sim como passageiro...

HOMEM-PLACA: Olha a água, olha a água, R\$ 2,00 cada! (*Olhando para a plateia*) E tem besta que pensa que é patrão, mas não vale nada!

GANÂNCIA: Quanto mais a gente tem, mais a gente pode ter! (*faz sinal de dinheiro com as mãos*) Trabalhando você tem dinheiro, com dinheiro a gente compra felicidade! Uma Ferrari, um Nike, um Dolce Gabbana, um pacote de viagem para Europa...

CENA 03

O personagem FOME está no meio da plateia, e continua interagindo com as pessoas pedindo comida e depois começa a falar que exerce um trabalho de limpeza em troca de alimento. Sua roupa tem bolsos onde ele traz utensílios dependurados (flanela, espanador, escova de engraxate, vassourinha, rodinho, panela, colher...).

FOME: Oi moço, vai uma graxa aí? *(aponta para o sapato de alguém na plateia)*. Com licença, com licença, *(se posiciona na frente da plateia)* desculpa atrapalhar aqui a peça gente... Gostaria de dizer que estou disponível para serviços de limpeza. *(tira espanador do bolso)*. Quer que eu tire o pó aí minha senhora? Gente é liquidação aqui! Uma moedinha para ajudar a encher minha panela... *(mostra panela vazia)* Pessoal eu tô com fome! Estou com fome! Você tem alguma coisa para comer?

Fome vai em direção ao palco, batendo com uma colher numa panela, chamando a atenção para o motorista.

FOME: Moço, moço, precisa que eu limpe o carro, que eu faça alguma coisa pra te ajudar? Mas em troca me dá alguma coisa para comer, ou um trocado, estou com muita fome, me ajude...

FOME bate panela incessantemente

GANÂNCIA: Você vai ajudá-lo? Esse daí é um desafortunado da vida, se você fizer isso, você sabe que vai ter que tirar do seu bolso para encher a panela dele

né? Tanto esforço e suor pra isso? E as viagens de cruzeiro... Os Jetskis... As férias na Disney... Quanto mais pressa você tiver para realizar suas tarefas, mais rápido vai realizar os seus sonhos, mas para isso você tem que seguir em frente sem olhar para trás. Oh, o sinal abriu...

HOMEM-PLACA mostra uma placa indicando sinal verde e diz para JOÃO:

HOMEM-PLACA: E aí mano, não vai ajudar o cara não? Você acha que é o centro das atenções então? O Alecrim dourado que nasceu no campo sem ser semeado?

HOMEM-PLACA levanta uma placa de sinal vermelho

FOME: Estou com fome... muita fome

JOÃO: *(fala para plateia)* De novo isso! Já aconteceu com vocês? Você está na sua casa, aí alguém aparece, toca a campainha pedindo dinheiro, vai no mercado, aparece uma criança pedindo comida, tá estacionando seu carro, é abordado novamente, poxa parece que a FOME está presente em cada esquina!

JOÃO: *(fala para a FOME)* Me desculpe. Estou com pressa, muita pressa...

FOME: *(Joga a panela no chão)* Oh karai, você acha que eu gosto de ficar aqui? Me humilhando? Eu sou trabalhador, fui enganado, deixei minha família na minha terrinha em busca de uma oportunidade melhor de trabalho... não queria estar aqui pedindo comida pro primeiro otário que aparece na minha frente! Porque, pra mim você é isso, um otário, só porque está dentro de um carro, sendo dominado por um sistema mesquinho que suga a tua alma fazendo você trabalhar o máximo que pode para que eles lucrem mais e mais às suas custas,

enquanto eles estão milionários, e você aqui pegando migalhas que eles deixam cair ao morder um grande pedaço de pizza...

Você acha que é melhor do que eu? Não, não é, você está trabalhando agora, mas quando a madame sair do carro, não estará mais!

JOÃO: Ah! Toma aqui essa porra, é só o que eu tenho! (*dá algumas moedas pra FOME que sai de cena*)

HOMEM-PLACA mostra placa de sinal verde

JOÃO: (*Mostra para a GANÂNCIA algumas notas de dinheiro*). Eu não poderia dar as notas, entreguei só as moedas...

GANÂNCIA: Muito bem! Você tomou a decisão correta! (*dá um tapinha nas costas do motorista*). Você está mais próximo agora de alcançar os seus sonhos! Pois saiba que um real que você economiza hoje, no fim do mês vira um investimento para você aplicar nas ações da bolsa de valores.

No momento em que ele está acelerando o carro, prestando atenção no que a Ganância diz, ele atropela a PRESSA.

Barulho de carro batendo

HOMEM-PLACA Levanta uma placa de VIA INTERDITADA, pega o megafone e diz:

HOMEM PLACA: Corpo estranho na pista, trabalharemos da melhor forma possível para que a sua viagem continue!

JOÃO: (*Desesperado*). Meu Deus, acho que atropeliei algo!

GANÂNCIA: Algo não, alguém.

JOÃO: Vou descer pra ver!

GANÂNCIA: Tá mexendo óh! Tá vivo ainda, vamos embora daqui logo!

JOÃO: O quê? Mas será que você não tem um pingão de compaixão?

JOÃO vai de encontro à pessoa atropelada para conversar

JOÃO: Oi, tudo bem? Espera... espera... Não se mexa... Eu sinto muito viu? Estou chamando uma ambulância. Você consegue falar?

PRESSA: (fala rapidamente) Arranhei meu braço, me ajude. Sempre corri contra o tempo e dessa vez não consegui atravessar antes de você passar. Hoje em dia o sistema nos faz termos pressa para resolver tudo o que está ao nosso alcance, termos pressa para alcançarmos os resultados que são impostos nos nossos trabalhos termos pressa para comprar coisas que mal vamos utilizar, termos pressa para estudar, termos pressa para terminar uma fala que ensaiamos exaustivamente, repetidamente para apresentar em uma peça que nem sabemos se vai ser apresentada para alguém ou se vai ficar mofando na gaveta de quem escreveu isso... (*inspira e expira*)

Silêncio

TEMPO (*chega correndo*) Já te falei que a PRESSA é inimiga da perfeição, que piadinha ruim né? Me desculpe, como você está?

JOÃO: Não está muito bem.

A ambulância chega ao local, som de ambulância ao fundo

Homem-placa levanta uma placa de ambulância e leva a Pressa nas costas

GANÂNCIA: (*sai do carro apressada*) Tempo é dinheiro! Vamos logo com isso!

TEMPO: Não senhora! Você pensa que sou um bem material pra ser carregado e encher seus bolsos é? O tempo não deve ser gasto com coisas supérfluas...

O TEMPO olha para a plateia e fala:

TEMPO: Dinheiro pode comprar tudo, menos o tempo. Não se pode comprar a vida. A vida, nós somente podemos gastar! E devemos gastar com sabedoria! O tempo se esvai como a água do rio, portanto utilize o seu tempo com coisas boas!

GANÂNCIA: Mas o quê que é isso!? Tá parecendo aula de autoajuda. Vamos sair daqui logo! Eu tenho horário viu (*aponta para o relógio no pulso...*). Estou voltando para o carro.

JOÃO vai voltando para o carro e diz:

JOÃO: É verdade, temos que utilizar o tempo de forma sábia, e não em más companhias. (*Olhando para a GANÂNCIA*)

CENA 04

Sons de tempestade.

JOÃO: Vish, começou a chover...

DÚVIDA entra no carro, senta no banco de trás

(Silencio)

JOÃO: *Olha para o banco traseiro* O que você está fazendo aqui?

DÚVIDA: Não posso me proteger da chuva? Quer que eu pegue uma gripe?

JOÃO: Não, não pode ficar, você entrou aqui no carro então vai ter que pagar! Time is Money! Tá esse dilúvio aí fora, conta aí, o que você quer aqui? O que aconteceu contigo?

DÚVIDA: A vida é injusta né? O que você faria se a sua vida pudesse mudar com apenas uma escolha?

JOÃO: Eu escolheria ser rico! Ser patrão, só viajar com a minha família, comer nos melhores restaurantes, tirar um ano sabático! Você veio aqui pra realizar o meu sonho né? Só pode ser...

DÚVIDA: E eu tenho cara de gênio da lâmpada? Você participaria no “Quem quer ser um milionário” então né?

JOÃO: Sim, participaria e ganharia!

GANÂNCIA: É assim que se fala!

FOME: Me ajude, por favor...

JOÃO: *Ah não, você de novo aqui não...*

HOMEM-PLACA levanta uma placa de sinal vermelho

JOÃO: De novo? Já te ajudei antes, não vêm que não têm.

GANÂNCIA: E lá vamos nós de novo...

FOME: Não tenho pra onde ir, me desculpe pelo o que eu falei antes, você é gente fina *sorriso falso*

JOÃO: Não tenho mais nada aqui pra te ajudar...

HOMEM-PLACA mostra uma placa para a plateia: MENTIRA!

JOÃO: Eu tenho um guarda-chuva aqui pra te ajudar. (*Entrega o guarda-chuva para a FOME*). Já te disse que não tenho dinheiro, posso ficar aqui por muito tempo, a chuva vai lavar o meu carro, pra mim é vantagem.

FOME: Pra mim não, perdi a minha casa em uma enchente, agora esse guarda-chuva é a minha única moradia...

HOMEM-PLACA entrega uma placa para a FOME com os dizeres:

“PRECISA-SE DE EMPREGO”

HOMEM-PLACA mostra placa de sinal verde

JOÃO: (*falando para a plateia*) Que situação triste. E pensar que 13,7 milhões de pessoas vivem em extrema pobreza no Brasil, é um quadro de descaso gigantesco que vivemos atualmente, enquanto uns tem muito, outros tem pouquíssimo... Vamos seguindo viagem, pois a única coisa que sei até agora é que preciso trabalhar, pagar meus boletos enfim, a mesma história de sempre...

DÚVIDA: E é só pra isso que você vive? Quer ficar aqui se sujeitando a uma vida superficial, ficar viajando em um carro transportando as pessoas a troco de estrelas em um aplicativo?

DÚVIDA: (*Sacode o Homem e fala sarcasticamente*): Vestiu um sorriso no rosto? Seguiu o aplicativo? Seguiu as regras? Bateu as metas?

GANÂNCIA: Isso mesmo e digo mais... Você não tem patrão... Você é o seu patrão...

Levanta e faz que nem líder de torcida. Vamos ativar o modo empreendedorismo
Começa a cantar o mantra:

CORO DA GANÂNCIA: VAE. VAE. VAE, que o seu sonho pode acontecer. VAE. VAE...

CONSCIÊNCIA: *(sarcástico para a plateia)* Você ativou o modo empreendedorismo, Você fez acontecer! Quantos anos mesmo? Dirigindo sem parar, trabalhando de domingo a domingo... Sem folga, sem ano sabático, sem vida social...

CORO DA GANÂNCIA: VAE. VAE. VAE. Escute o que tem dentro de você... VAE. VAE. VAE. Vai ter perrengue mas vai dar pra fazer... VAE. VAE. VAE.

DÚVIDA: Quer Perrengue? Quer um patrão pra chamar de seu? E na hora de receber?! Quem paga... quem paga... Quem paga a conta? Adivinha?

JOÃO: Ahhh eu não aguento mais isso... *(levanta enfurecido e joga o volante no chão)*

CONSCIÊNCIA: *(levanta do banco de traseiro e sacode JOÃO)* Isso homem! Quebra essas correntes! Quebra esses grilhões que te prenderam todo esse tempo... Subverta o sistema! Quebre as engrenagens.

Tira do “bolso” um “volante” em forma de engrenagem e dá para Homem

CONSCIÊNCIA: Seja você a direção!

GANÂNCIA: Mas o que é isso? O que você pensa que está fazendo? Essa viagem é minha, tenho horário e lugar! *(Pega o volante)* Recoloque isso no lugar já! Quem paga sou eu! Quem manda sou eu! Portanto o patrão aqui, sou eu!

JOÃO *(fica nervoso)* E esse carro é meu!

GANÂNCIA: E quem não dá as estrelas aqui, sou eu!

HOMEM PLACA: *mostra a avaliação da GANÂNCIA que foi de -5 estrelas, e uma outra placa indicando que JOÃO foi expulso do aplicativo por má conduta*
JOÃO fica mais nervoso ainda. GANÂNCIA sai.
JOÃO fica arrasado e sai.

CENA 5

Será projetado no telão um vídeo com uma vinheta com a profissão do Ituber
 VOZ EM OFF (na vinheta): Quem não quer ganhar dinheiro sem sair de casa?
 E, melhor ainda, fazendo o que dá prazer! É o que muita gente deseja e, graças
 à internet, isso é possível. Uma nova profissão que vem ganhando cada vez mais
 espaço no mercado: os liiiiiiiiiiiiiiiiiiiiitubers! Tá esperando o quê? Venha ser um
 Ituber você também!

*JOÃO entra animado empurrando uma mesinha de rodinhas com um notebook
 para o centro do palco. É colocado também uma cadeira de escritório no palco.*

*JOÃO: (fala para plateia) Eles me baniram, mas eu dei a volta por cima. Afinal
 estamos na era dos “ITUBERS” e eu sou o mais novo “ITUBER BADALADO” do
 momento. Afinal de contas: Uma ideia na cabeça, uma câmera na mão!*

*JOÃO se senta, liga o iluminador, ajusta a câmera e começa a fazer uma LIVE.
 A cena é gravada em tempo real pelo próprio ator, e projetada no telão ao fundo.*

*JOÃO: Olá meus amigos motoristas! Sejam bem vindos ao meu canal! E o papo
 de hoje é pra você que está se sentindo explorado pela Zuuubber. Você sabia
 que trabalhar na Zuuubber pode ser considerado uma atividade com vínculo*

empregatício? Hoje vamos falar sobre como ajuizar uma ação contra o Zuuubber. Ah mas antes de começarmos, você aí já é inscrito no canal? Não? então, se inscreve aqui embaixo do vídeo. Aproveita e ativa o sininho pra você receber notificação sempre que tiver vídeo novo no ar. Não esquece de deixar aquele jôinha pra ajudar o nosso canal e compartilha geral. Se liga aí que a vinheta já vai rolar... Bora tomar um café (levanta caneca) e bater um papo? *(entra vinheta do canal do ituber João).*

No vídeo toca uma vinheta do canal do Itube e enquanto isso aparece a FOME

FOME: (falando para o HOMEM-PLACA) Mas como que eles podem fazer isso?

HOMEM-PLACA: Mas você não prestou atenção na peça né mano? Ele teve que processar o Zuuubber porque ele foi banido da plataforma, mas depois de muita luta, perdeu o caso e agora ajuda outras e outros motoristas a quebrarem o sistema da Zuuubber em busca de vínculo empregatício.

FOME: Acena com a cabeça concordando com o que está ouvindo

Os dois se sentam no chão e assistem o vídeo

JOÃO: Fui o primeiro motorista expulso da Zuuubber e o primeiro a enfrentar eles! Tudo isso você pode acompanhar aqui no meu canal, na série: “processando a Zuuubber”. Aonde conto o que aconteceu ao processar a empresa e que mesmo com a minha derrota nos tribunais, vejo que tudo foi um primeiro passo para que venham outras e outros a enfrentarem essa plataforma de milícias digitais, que pratica crimes por meio de algoritmos. Os algoritmos substituem o gerente da empresa, que fica no pé do funcionário, e substitui o

capataz da fazenda, que dava chicotadas nos escravos. E ele não dorme. É uma máquina, uma função do computador, e faz uma vigilância implacável do motorista 24 horas por dia! Nós motoristas de aplicativo, pertencemos a categoria dos plataformizados e devemos unir nossas forças para lutar por melhores condições de trabalho. A solicitação de vínculo de emprego, por exemplo, é algo que existe independente da vontade da empresa ou do motorista. Então é fundamental que vocês salvem semanalmente os seus relatórios de corrida que é a prova do seu saldo de ganho, porque quando eles te banem do sistema eles deletam seu histórico. Então... Vamos arrancar dinheiro deles, o importante é que os motoristas consigam aí algum valor indenizatório né, pra poder compensar essa vagabundagem toda dessas tarifas miseráveis que eles colocam aí pra explorar o trabalhador, explorar o motorista, né, então faço aqui mais um apelo gente, mais uma vez, para que salvem aí os relatórios de ganhos e vamos continuar firmes nesse propósito.

Sinal sonoro. Aparece legenda no vídeo avisando: “Um anúncio será exibido nos próximos 5 segundos”

No vídeo toca um merchandising de produtos para carros enquanto a FOME fala VOZ EM OFF DO MERCHANDISING: Quando se pensa em personalizar um veículo, uma das coisas que mais se faz é trocar os pneus e as rodas. Por isso a linha Bridstone foi feita pra você, pensando no seu conforto, BRIDSTONE, a

melhor marca disparada do clube quatro rodas. BRIDSTONE! *(vai passado imagens do produto conforme a voz fala)*

FOME: Mas me explica uma coisa, como ele achou que sendo expulso de uma plataforma e pulando pra outra plataforma, ele se daria bem?

HOMEM-PLACA: *Olha para a plateia e diz:* Às vezes as pessoas buscam tanto por liberdade, pensam que se desvencilhar de algo já garante a tão sonhada liberdade, mas o sistema opera de uma maneira maior do que imaginamos...

Pergunta para a FOME:

Você acha que um pássaro é livre?

FOME: Sim! Os pássaros podem voar para onde desejarem, pois possuem asas!

HOMEM-PLACA: Errado! Eles podem ser mais livres do que nós, pelo fato de poderem voar, mas para permanecerem voando, eles necessitam de energia, precisam de alimento, portanto há um limite da liberdade deles, assim como nós!

Voltam a ver o vídeo

JOÃO: Hoje sou livre, desenvolvo meu trabalho ajudando motoristas que assim como eu, sofreram trabalhando de sol a sol dirigindo um carro que nos monitorava cada movimento e utilizava tais informações contra nós.

Hoje transformo o pensamento de milhares de trabalhadores que querem lutar por seus direitos, que desejam que a Zuuubber os ajude com a manutenção dos carros, por exemplo, que aumentem os percentuais que os motoristas ganham por viagem, entre outras coisas. É por essa causa que estou ao vivo agora. Aliás hoje nosso canal completa 2 anos no ar, batemos a meta e estamos com mais

de 10 mil seguidores. Gostaria de agradecer a vocês que me acompanham e vamos terminar a live de hoje com uma novidade. Você que me segue torce por mim, no próximo sábado estarei participando do reality “Quem quer ser um milionário?” Deixa aí seu comentário pra fortalecer o canal e até a próxima!

Vinheta de término do vídeo

HOMEM-PLACA e FOME olham um para o outro, balançam a cabeça de forma negativa, e saem

JOÃO desliga a câmera e fala animado

JOÃO: É, mais um dia de gravação, vídeo postado. Mais de 10.000 inscritos e muitas visualizações... Estamos crescendo!

Homem Placa bate no vidro do carro e entrega correspondência para João, que se levanta e desabafa desanimado.

JOÃO: É, mas os boletos não param de chegar... Viver assim está ficando mais arriscado do que dirigir para a Zuuubber... *(João fala para plateia sarcástico)*

Para ser Ituber, é muito simples! Basta você ter conhecimentos de Jornalismo, Marketing, Design gráfico e edição de vídeo. Olha que maravilha não é mesmo? É o famoso pacote 4 por 1. Você trabalha por 4 e recebe por 1 e olhe lá... Se você fizer sucesso, você consegue distribuir melhor as funções, contratar equipe e alavancar. Mas pra isso é bom saber, que pra seu vídeo ter alcance, ele tem que ter visualizações. E pra ter visualizações, você vai ter que patrocinar, e pra patrocinar, você vai ter que...pagar.... e assim a roda da fortuna vai girando. E no fim, pra você ganhar algum, você tem que investir, sem nenhuma garantia do

que está por vir. E não se preocupe, quando estiver quase alcançando a meta de inscritos, de visualizações, eles vão lá e alteram os termos, dobram a meta, e você tem que recomeçar do zero... Na roda da vida, em cima, em baixo... Será que estando por cima, com mais de 10 mil likes... eu passo fome?

CENA 06

Troca de cenário, entra cenário de programa de TV

Vinheta de programa sensacionalista (Quem quer ser um milionário?)

APRESENTADOR: Diretamente dos estúdios Bobo, hoje estamos aqui com ele, o grande JOÃO! a personalidade mais falada dos últimos tempos! Atropelou a pressa, trocou uma ideia com a Consciência, mas se deixou levar pela Ganância e perdeeeeeeu tudoooooo! E agora está aqui! E vai embarcar no nosso jogo “Quem quer ser um milionário?”

Uma salva de palmas!

JOÃO continua triste

Plateia composta pela Ganância, Dúvida, Pressa (com perna engessada), Tempo, Homem- placa e a Consciência.

APRESENTADOR: Muito obrigado! Com um oferecimento de Colgate Ypê Assolan Antártica, Pepsi Sony, Samsung, Claro, Vivo, Morto, Bombril (*fala rapidamente emendando uma palavra na outra*).

Enquanto eu não fizer a pergunta do Milhão eu não vou desistir. Que rufem os tambores... (*Som de tambores*) O senhor está preparado?

JOÃO: Sim!

APRESENTADOR: Muito bem!

Que o jogo comece! Pergunta valendo R\$ 500,00

Pergunta 1: Quanto é 2+2?

Alternativas: a) 3 b) 5 c) 4 d) 2

JOÃO: Alternativa c)

APRESENTADOR: Correto! Pergunta valendo R\$1000,00

Pergunta 2: Qual é o coletivo de lobos?

Alternativas: a) Panápaná b) Alcateia c) Bando d) Colmeia

JOÃO: Alternativa b

APRESENTADOR: Correto! Pergunta 3: Valendo R\$1.000.000,00!!!

APRESENTADOR: Quem inventou a engrenagem?

Alternativas: a) Aristóteles b) Arquimédes c) Donatello d) Michelângelo

JOÃO: Sei lá quem inventou isso... Alternativa c

APRESENTADOR: BÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉÉM Resposta errada!!! Você acaba de perder R\$ 1.000.000,00 de reais!

Não homem... você estava tão perto de ganhar o prêmio de Um Milhão de reais e respondeu errado! Você foi colocado no paredão! Agora o público votará pela sua eliminação ou repescagem. Mas antes, vamos aos comerciais dos nossos patrocinadores.

Jingle tocando da marca SIFOOD

GANÂNCIA: Este comercial de comida está me dando uma fome, quer saber, deixa eu pedir um SIFOOD.

Chega a FOME trabalhando como entregadora de fast-food no SIFOOD

GANÂNCIA: Que demora pra chegar, não vai ganhar gorjeta não, eu te conheço de algum lugar...

FOME (*saindo de cena*): Quem tem FOME só SIFOOD.

CENA 07

Volta do programa

Programa de TV – Quadro Paredão

Paredão formado, Homem, Ganância e Homem Placa

APRESENTADOR: Boa noite querido público, está no ar mais um Paredão! E no quadro de hoje, teremos três indicados à eliminação!

Você que está sentado aí, vote em quem será o eliminado de hoje!

Cada pessoa da plateia poderá votar na pessoa escolhida através do Qrcode que recebeu na entrada da peça! A partir da eliminação que for feita, a peça terá a opção de três finais.

CENA 08 - Final com eliminação do JOÃO:

APRESENTADOR 2: Muito bem, muito bem, a votação está encerrada, já recebi o resultado final das votações! A produção acabou de avisar inclusive que

chegamos ao número histórico de 2 milhões de votos! Muito obrigado a você que acompanhou a 25ª edição deste programa!

E agora sem mais de longas, vamos ao resultado

Som de tambores ruflando

Alguém entrega um envelope com o resultado nas mãos do Apresentador

E o eliminado da noite é.... o JOÃO!!!!!!

O senhor que fez história dois anos atrás, denunciando o seu patrão invisível conquistando muitos seguidores e motivando outros a seguirem os seus passos, lamento informar que você está eliminado! É Maria Ana, já sabemos quem você vai entrevistar amanhã no seu programa!

Cenário muda para o programa da Maria Ana

MARIA ANA: Bom dia João, hoje vamos conhecer um pouco mais sobre a trajetória da sua vida, como você foi excluído do aplicativo de transporte, seus fãs querem saber, como é trabalhar de domingo a domingo, sem férias, tendo que deixar a família de lado por horas e mais horas de viagens e depois de ter perdido o emprego, tentar a sorte em um programa de auditório e perder novamente outra chance de vencer na vida?

JOÃO: Não foi fácil Ana, depois que eu sai da plataforma, lutei por melhorias no sistema de trabalho deles, processei a empresa, perdi, mas não desistirei de lutar, perdi uma batalha, não a guerra, com o tempo consegui seguidores do

Brasil inteiro, que assim como eu, se sentiram injustiçados e sigo na luta desde então.

Luzes se apagam

CENA 09 – FINAL 1

Som de celular vibrando. João recebe uma notificação no e-mail das mudanças de termos dos serviços da Itube, e que está sendo suspenso da plataforma. O e-mail é projetado na tela, enquanto João lê a mensagem recebida.

JOÃO: Mudanças dos termos de serviços do Itube?! Caro usuário, você recebeu este e-mail para esclarecer suas disposições e dar transparência aos nossos usuários. Essas mudanças deverão afetar de maneira significativa como você usa os serviços da plataforma. A plataforma, você não, tem direito de monetização sobre todo conteúdo enviado. Informamos também, que devido ao considerável número de denúncias em seu canal, por parte de grandes empresas e parceiras do Itube, manifestamos que o usuário está com os serviços suspensos por tempo indeterminado na plataforma...

Homem Placa aparece, dá um tapinha nas costas de João e coloca uma placa nele escrito “FOME”. João se senta na calçada com uma panela nas mãos, com seu Jogo da vida de lado, ele agora passa fome, está no meio da plateia, pedindo comida, vai para o farol trabalhar como flanelinha.

JOÃO: Oi moço, vai uma graxa aí? *(aponta para o sapato de alguém na plateia)*. Com licença, com licença, *(se posiciona na frente da plateia)* quer que eu tire o

pó aí, minha senhora? Gente é liquidação aqui! Uma moedinha para ajudar a encher minha panela... *(mostra panela vazia)* Pessoal eu tô com fome! Estou com fome! Você tem alguma coisa para comer?

João vai em direção ao palco, batendo com uma colher numa panela, chamando a atenção para o motorista.

JOÃO: Estou com fome! Você tem alguma coisa para comer? *(bate com uma colher na panela chamando a atenção do motorista)*, Moço, moço, precisa que eu limpe o carro, que eu faça alguma coisa pra te ajudar? Mas em troca me dá alguma coisa para comer, ou um trocado, estou com muita fome, me ajude...

MOTORISTA (FOME): e porque eu te ajudaria?

JOÃO: Ah, porque uma mão lava a outra, estamos no mesmo barco.

MOTORISTA (FOME): No mesmo barco né? Sei, deixe-me ver aqui o que eu tenho pra te ajudar, ah! Tenho umas moedinhas aqui, toma, pode ficar com elas.

HOMEM-PLACA levanta uma placa indicando o farol verde, motorista acelera

JOÃO: Ei! Mas espera aí!

MOTORISTA (FOME): Estou com pressa! A roda não pode parar de girar

JOÃO: Cinquenta centavos não dão nem pra tomar um café! Eu tenho família, estou com fome... *(Conforme JOÃO fala ele vai andando para trás)*

HOMEM-PLACA: Levanta uma placa de Fim!

CENA 08- Final com eliminação da GANÂNCIA

APRESENTADOR 2: Muito bem, muito bem, a votação está encerrada, já recebi o resultado final das votações! A produção acabou de avisar inclusive que chegamos ao número histórico de 2 milhões de votos! Muito obrigado a você que acompanhou a 25ª edição deste programa!

E agora sem mais de longas, vamos ao resultado

Som de tambores ruflando

Alguém entrega um envelope com o resultado nas mãos do Apresentador

E a eliminada da noite é.... a GAAAAAANÂÂÂÂÂÂÂNNCIAAAAAA!!!!!!

A senhorita que foi uma péssima influência para João, não teve compaixão com uma pessoa que sofreu um acidente de carro, e que acredita que a vida gira em torno do dinheiro, lamento informar, mas você foi eliminada! É Maria Ana, já sabemos quem você vai entrevistar amanhã no seu programa!

Cenário muda para RODA DA FORTUNA

APRESENTADOR: João, você irá disputar o jogo, roda da fortuna com o HOMEM-PLACA! Quem conseguir somar mais pontos na roleta ganha!

Preparados?

Os candidatos acenam que sim com a cabeça

APRESENTADOR: E ae produção! O que temos de prêmios para essa rodada?

PRODUÇÃO: (Voz em off) SantoSSilva hoje temos prêmios incríveis! Um Playstation 2, um sensacional Jogo da Vida, uma incrível BMW, um

deslumbrante iate branco e um maravilhoso Apartamento no condomínio de luxo Morumbex SantoSsilva!!

APRESENTADOR: O loco MEU!

Com um oferecimento de Colgate Ypê Assolan Antártica, Pepsi Sony, Samsung, Claro, Vivo, Morto, Bombril (*fala rapidamente emendando uma palavra na outra*).

E agora é a hora mais esperada desse programa Brasil!

E agora para decidir quem vai girar a roda primeiro, os participantes farão uma disputa

Valendo!

Os participantes fazem gestos se preparando para uma luta, mas tiram a sorte no pedra-papel-tesoura.

João ganha e gira a roda primeiro

JOÃO: (animado) É hoje que eu tiro a sorte grande!

HOMEM-PLACA: Faça as honras

JOÃO gira a roda e ganha o Jogo da Vida

O HOMEM-PLACA ganha o Playstation 2

APRESENTADOR: AAeeeeee! Finalmente alguém ganhou o Playstation 2 nesse programa!

CENA 09 – FINAL 2

Som de celular vibrando. João recebe uma notificação no e-mail das mudanças de termos dos serviços da Itube, e que está sendo suspenso da plataforma. O e-mail é projetado na tela, enquanto João lê a mensagem recebida.

JOÃO: Mudanças dos termos de serviços do Itube?! Caro usuário, você recebeu este e-mail para esclarecer suas disposições e dar transparência aos nossos usuários. Essas mudanças deverão afetar de maneira significativa como você usa os serviços da plataforma. A plataforma, você não, tem direito de monetização sobre todo conteúdo enviado. Informamos também, que devido ao considerável número de denúncias em seu canal, por parte de grandes empresas e parceiras do Itube, manifestamos que o usuário está com os serviços suspensos por tempo indeterminado na plataforma...

Homem Placa aparece, dá um tapinha nas costas de João e coloca uma placa nele escrito "FOME". João se senta na calçada com uma panela nas mãos, com seu Jogo da vida de lado, ele agora passa fome, está no meio da plateia, pedindo comida, vai para o farol trabalhar como flanelinha.

JOÃO: Oi moço, vai uma graxa aí? *(aponta para o sapato de alguém na plateia)*. Com licença, com licença, *(se posiciona na frente da plateia)* quer que eu tire o pó aí, minha senhora? Gente é liquidação aqui! Uma moedinha para ajudar a encher minha panela... *(mostra panela vazia)* Pessoal eu tô com fome! Estou com fome! Você tem alguma coisa para comer?

João vai em direção ao palco, batendo com uma colher numa panela, chamando a atenção para o motorista.

JOÃO: Estou com fome! Você tem alguma coisa para comer. *(bate com uma colher na panela chamando a atenção do motorista)*, Moço, moço, precisa que eu limpe o carro, que eu faça alguma coisa pra te ajudar? Mas em troca me dá alguma coisa para comer, ou um trocado, estou com muita fome, me ajude...

MOTORISTA (FOME): e porque eu te ajudaria?

JOÃO: Ah, porque uma mão lava a outra, estamos no mesmo barco.

MOTORISTA (FOME): No mesmo barco né? Sei, deixe-me ver aqui o que eu tenho pra te ajudar, ah! Tenho umas moedinhas aqui, toma, pode ficar com elas.
HOMEM-PLACA levanta uma placa indicando o farol verde, motorista acelera

JOÃO: Ei! Mas espera ai!

MOTORISTA (FOME): Estou com pressa! A roda não pode parar de girar

JOÃO: Cinquenta centavos não dão nem pra tomar um café! Eu tenho família, estou com fome... *(Conforme JOÃO fala ele vai andando para trás)*

HOMEM-PLACA: Levanta uma placa de Fim!

HOMEM-PLACA: Ufa, agora posso finalmente ir pra casa e jogar o meu Playstation 2!

CENA 08 – Final com eliminação do HOMEM PLACA

APRESENTADOR 2: Muito bem, muito bem, a votação está encerrada, já recebi o resultado final das votações! A produção acabou de avisar inclusive que chegamos ao número histórico de 2 milhões de votos! Muito obrigado a você que acompanhou a 25ª edição deste programa!

E agora sem mais de longas, vamos ao resultado!

Som de tambores ruflando

Alguém entrega um envelope com o resultado nas mãos do Apresentador

E o eliminado da noite é....

O HOMEEEEEEEEEMMMMMMMMM PLACA!!!!!!

APRESENTADOR: Homem Placa você que é a figura mais Bombril deste programa. Ops não devia ter falado isso. Vou ter que pagar royaltys agora... Quer dizer, o Senhor que é o cara mais experiente de todos aqui, nas ruas, quero dizer. Responsável por abrir e fechar o sinal pra gente né... Hoje, lamento informar mas o sinal está fechado pra você que é mais um ELIMINADO...É Maria Ana, já sabemos quem você vai entrevistar amanhã no seu programa!

Cenário muda para RODA DA FORTUNA

APRESENTADOR: João, você irá disputar o jogo, roda da fortuna com a GANÂNCIA! Quem conseguir somar mais pontos na roleta ganha!

Preparados?

Os candidatos acenam que sim com a cabeça

APRESENTADOR: E ae produção! O que temos de prêmios para essa rodada?

PRODUÇÃO: (Voz em off) SantoSSilva hoje temos prêmios incríveis! Um Playstation 2, um sensacional Jogo da Vida, uma incrível BMW, um deslumbrante iate branco e um maravilhoso Apartamento no condomínio de luxo Morumbex SantoSsilva!!

APRESENTADOR: O loco MEU!

Com um oferecimento de Colgate Ypê Assolan Antártica, Pepsi Sony, Samsung, Claro, Vivo, Morto, Bombril (*fala rapidamente emendando uma palavra na outra*).

E agora é a hora mais esperada desse programa Brasil!

E agora para decidir quem vai girar a roda primeiro, os participantes farão uma disputa

Valendo!

Os participantes fazem gestos se preparando para uma luta, mas tiram a sorte no pedra-papel-tesoura. João ganha e gira a roda primeiro

JOÃO: (animado) É hoje que eu tiro a sorte grande!

GANÂNCIA: Faça as honras

JOÃO gira a roda e ganha o Jogo da Vida

A GANÂNCIA ganha o BMW

CENA 09 – FINAL 3

Som de celular vibrando. João recebe uma notificação no e-mail das mudanças de termos dos serviços da Itube, e que está sendo suspenso da plataforma. O e-mail é projetado na tela, enquanto João lê a mensagem recebida.

JOÃO: Mudanças dos termos de serviços do Itube?! Caro usuário, você recebeu este e-mail para esclarecer suas disposições e dar transparência aos nossos usuários. Essas mudanças deverão afetar de maneira significativa como você usa os serviços da plataforma. A plataforma, você não, tem direito de monetização sobre todo conteúdo enviado. Informamos também, que devido ao

considerável número de denúncias em seu canal, por parte de grandes empresas e parceiras do Itube, manifestamos que o usuário está com os serviços suspensos por tempo indeterminado na plataforma...

Homem Placa aparece, dá um tapinha nas costas de João e coloca uma placa nele escrito “FOME”. João se senta na calçada com uma panela nas mãos, com seu Jogo da vida de lado, ele agora passa fome, está no meio da plateia, pedindo comida, vai para o farol trabalhar como flanelinha.

JOÃO: Oi moço, vai uma graxa aí? *(aponta para o sapato de alguém na plateia)*. Com licença, com licença, *(se posiciona na frente da plateia)* quer que eu tire o pó aí, minha senhora? Gente é liquidação aqui! Uma moedinha para ajudar a encher minha panela... *(mostra panela vazia)* Pessoal eu tô com fome! Estou com fome! Você tem alguma coisa para comer?

João vai em direção ao palco, batendo com uma colher numa panela, chamando a atenção para o motorista.

JOÃO: Estou com fome! Você tem alguma coisa para comer. *(bate com uma colher na panela chamando a atenção do motorista)*, Moço, moço, precisa que eu limpe o carro, que eu faça alguma coisa pra te ajudar? Mas em troca me dá alguma coisa para comer, ou um trocado, estou com muita fome, me ajude...

MOTORISTA (GANÂNCIA): e porque eu te ajudaria? Se eu tirar um pouco do meu, como vou investir depois?

JOÃO: Ah, mas você tem de sobra, não vai fazer falta me dar um pouquinho.

MOTORISTA (GANÂNCIA): Vai fazer falta sim, mais sorte na próxima.

HOMEM-PLACA levanta uma placa indicando o farol verde, motorista acelera

JOÃO: Ei! Mas espera aí!

MOTORISTA (GANÂNCIA): Estou com pressa! A roda não pode parar de girar

JOÃO: Eu tenho família, estou com fome... Eu também tenho um Jogo da Vida, se você quiser podemos bater um rolo *(Conforme JOÃO fala ele vai andando para trás)*

HOMEM-PLACA: Levanta uma placa de Fim!

Sobre o Autor: Fernando Lopes Rodrigues dos Santos. É designer gráfico, músico, editor de vídeo, pós-graduando em Música e Imagem, pela Faculdade Santa Marcelina, graduado em Design Gráfico pela FMU. Participa do coletivo de audiovisual Grupo Transformar desde 2013 atuando na produção, fotografia, montagem e sound designer das obras. Estuda dramaturgia na Fundação das Artes de São Caetano do Sul.

Contato: nandoharris@gmail.com

POR UM FIO

Gabrielle Maffei

Nota da Autora (pra começar de algum lugar)

Pra mim, querer ter uma ideia concreta antes de começar a escrever é como querer arrumar a casa, a cômoda, fazer qualquer coisa antes de começar a trabalhar. Você tira o embolorado de fios de cima da superfície plana de madeira, joga eles pra qualquer lugar longe das suas vistas (a bagunça continua lá, no entanto se você não a ver, está tudo bem). Mas sempre fica alguma coisa pra arrumar. Tem a cama que pede colcha, o pó em cima dos quadros, em cima da pia a louça e se você deixar tua casa te estagna. Tua casa te prende no looping de sempre fazer a obrigação antes da obrigação antes da obrigação, ou de sempre fazer o que é bom antes de fazer o que é preciso.

Nesse caso foi necessário tomar a coragem que se toma antes de mergulhar em água gelada, como um susto. (Será que é esse o sentimento que uma pessoa tenta gerar dentro de si mesma antes de tirar a própria vida?). É que eu não sei se foi o tema escolhido pra pesquisa ou uma infeliz coincidência com o momento atual pelo qual passamos, eu só sei que me sinto presa, atada, estagnada. Palavra melhor não tem. Tive um semestre inteiro pra escrever sobre um assunto que eu mesma escolhi, que me senti disposta a falar, que me senti disposta a pesquisar, mas eu não saio do lugar. Eu não leio, eu não vejo, eu não procuro, eu não escrevo. E eu poderia culpar exclusivamente a pandemia, mas ela não tem toda a culpa. Existe toda uma áurea de falta de vontade, de desânimo generalizado, uma vontade de viver que é suprimida pela necessidade de se arraigar nos azulejos frios de casa e que sorte que eu tenho casa porque tem

gente que nem isso tem e aí vem a culpa... Mas é preciso sair do lugar. Pra que lugar eu vou também não sei. Talvez não exatamente pra um lugar de orgulho ou beleza. As fatias estão postas na mesa. É preciso começar.

CENA 1 – MOLDE UM SORRISO

Enquanto o público chega e se acomoda, Orelha organiza seu espaço de trabalho. Durante a ação, ela escuta as músicas Proletários da banda Garotos Podres¹ e Oi, tudo bem? dos Ratos de Porão² em um volume bem alto. Ela move do lugar alguns fios acumulados em cima da mesa, passa uma flanela em cima do móvel, do notebook. Senta. Coloca os fones de ouvido. Se lembra de algo de repente. Tira os fones de ouvido. Levanta bruscamente. Ajeita a posição dos objetos na mesa. Senta. Recoloca os fones de ouvido. A ação pode se repetir em looping até que todos se acomodem. Orelha suspira. Olha fixamente para o horizonte. O olhar perdido no nada. Está no vazio do vazio. No oco da mente. No buraco profundo do tímpano que ecoa os próprios pensamentos. O todo do que se escuta por dentro.

ORELHA - O primeiro ruído são as notícias que chegam do mundo de lá. Um leve burburinho ecoando em uma TV de bar. Uma rua movimentada em uma noite quente em que a vida ainda é vida. Você caminha por entre os passantes de cara limpa. O vento sopra e você sente, mas ainda não *sente muito*. Você escuta uma cerveja abrindo (que delícia!). Você escuta as risadas sentadas nas mesas. Você escuta a palavra Wuhan. Escuta a palavra vírus. Escuta a palavra

isolamento. Escuta a palavra morte. E pensa: “que bom que não é aqui”. Pensa: “a China é longe pra caralho”. Pensa: “que bonita são as luzes de natal aqui no centro”.

Orelha abre o notebook. Uma planilha com dados é projetada ao fundo do palco. Ela discar um número e aguarda inerte enquanto o telefone conectado ao fone de ouvido chama. Ao ouvir resposta do outro lado da linha, Orelha se ajeita como uma marionete que teve suas cordas tensionadas, sorrindo um sorriso largo e falso.

ORELHA – *(Para o público, voz afetada)* É tudo uma questão de embocadura e projeção vocal. Portanto, molde um sorriso. Pessoas felizes gostam de falar com pessoas felizes. *(Ao telefone, simpática.)* Alô, bom dia! Meu nome é Orelha e eu falo em nome da Cimenta. *(Tempo)* A Cimenta, fabricante de cimento... *(Tempo)* É, eles não foram muito criativos na hora de escolher o nome mesmo. *(Tempo, risada falsa)* Certo, certo... Eu poderia falar com o gerente ou o responsável pela loja, por favor?

Tempo. Orelha desmonta por um segundo, voltando ao corpo-marionete assim que Boca atende ao telefone.

BOCA 1 – Alô.

ORELHA – Alô, bom dia! Meu nome é Orelha e eu falo em nome da Cimenta. Com quem eu falo?

BOCA 1 – *(De má vontade)* Com o gerente.

ORELHA – *(Para o público)* Todo patrão é Boca.

ORELHA – Bom dia, senhor gerente! A Cimenta esse ano está querendo conhecer melhor o mercado e investir nas lojas de material de construção do nosso país. Para isso estamos realizando uma pesquisa rápida, de apenas 15 minutinhos. Será que o senhor poderia nos ajudar com a sua opinião?

BOCA 1 – E 15 minutos é rápido desde quando, minha filha?! Vai arrumar o que fazer ao invés de ficar atrapalhando o trabalho dos outros! Eu não tenho tempo pra isso não! *(Crescente, alucinado, como se discursasse em um palanque para milhares de pessoas)* Aqui em meu estabelecimento nós nunca paramos de trabalhar e nunca iremos parar, se Deus quiser! Nós, homens de bem, não deixaremos que aquela corja de bandidos do STF feche de novo todo o comércio e acabe com a nossa economia! Porque eu sei que nesse país não se medem esforços pra impedir um homem direito de trabalhar. Se estes comunistas pensam que vão nos intimidar com esse vírus chinês de laboratório, estão muito enganados! Nós não somos maricas! O Brasil não pode e nem vai parar...

Orelha abafa o microfone do fone de ouvido.

ORELHA – *(Para o público, cochichando)* Tem Boca que fala demais, mas não fala nada, só resmunga.

BOCA 1 - ...E se não fosse pelo nosso presidente...

ORELHA – *(Interrompendo. Sorriso falso, voz simpática)* Tudo bem, senhor. Muito obrigada mesmo assim pela atenção. A Cimenta agradece e tenha um ótimo dia! *(Para o público)* Pessoas felizes gostam de falar com pessoas felizes. Molde um sorriso e não se deixe abalar. O importante é bater a meta!

Orelha suspira e desmonta em cima da mesa. Ruído de televisão vindo do vizinho.

REPÓRTER – O Brasil bateu hoje a triste marca de 400 mil mortes pela doença da COVID-19. O país é o segundo com mais mortes em todo mundo, ficando atrás apenas do Estados Unidos, com 500 mil mortes. Relembre alguns dos discursos e posicionamentos do presidente Jair Bolsonaro a respeito do número de mortos e do isolamento social no país:

BOCA PRESIDENCIAL – E daí? Lamento. Quer que eu faça o que? Eu não sou coveiro! Eu sou Messias mas não faço milagre! Alguns idiotas até hoje ficam em casa, se o campo tivesse ficado em casa esse cara tinha morrido de fome!

ORELHA – *(Para o público)* Todo patrão é Boca. E tem Boca que só abre pra falar merda! Pelo menos alguém nesse país está conseguindo alcançar suas metas. Finalmente o presidente está conseguindo fazer o Brasil se equiparar aos Estados Unidos em alguma coisa! Brasil sil sil! Vocês por favor desculpem a autora pela direteza ao tratar do assunto, mas é preciso dar nome aos bois. Nesse caso, ao Rei do Gado. Eu realmente gostaria muito que essa fala do nosso presidente fosse ficção, mas essa escritora não tem uma imaginação tão fértil assim. Porém, chega de divagações, porque o trabalho não pode parar, sigamos! Force um sorriso, digo, *molde* um sorriso e não se deixe abalar.

CENA 2 – ELE VAI VOLTAR

Orelha disca um número no celular. De volta ao corpo-marionete. Sorriso tensionado nas cordas do rosto.

ORELHA - Alô, bom dia! Meu nome é Orelha e eu falo em nome da Cimenta. Eu poderia falar com o gerente ou responsável pela loja, por favor?

LÍVIA– *(Descompensada)* Oi, bom dia! Ele não se encontra no momento. Ele não tava se sentindo muito bem, então resolveu dar uma passadinha no hospital só pra garantir. A gente tá se cuidando, fazendo o tratamento precoce desde o começo da pandemia, mas essa doença é meio maluca, né? Nunca dá pra saber. Ontem mesmo eu fiquei sabendo da Ritinha. Você conhece a Ritinha, filha da Cláudia? Parece que intubou em um dia e três dias depois já tava morta. Como é que pode né, né? Os desígnios de Deus são um mistério. Eu estudei com a Ritinha a vida toda na escola, e agora isso. Minha irmã também tá doente, fez o teste ontem. Ela também costuma trabalhar aqui comigo. O médico que atendeu a minha irmã fez um monte de perguntas e falou pro meu pai fechar a loja por pelo menos quinze dias, mas como a gente tá fazendo o tratamento já faz um tempo com certeza não vai acontecer nada de ruim, minha irmã que é azarada mesmo, sempre foi. Meu pai foi no hospital só pra tomar um soro, deve ser só um resfriado. Eu acredito que mais tarde ele já vai estar de volta, caso você queira retornar.

ORELHA – *(Indiferente a tudo que ouviu, quase como se não tivesse realmente escutado, mecânica)* Tudo bem, senhora, eu tento ligar outra hora. Com quem eu estou falando, por favor?

LÍVIA– Meu nome é Lívia, eu sou a filha dele. Mas ele vai voltar, viu? Pode ligar mais tarde de novo que já já ele tá de volta. Eu nunca vi esse homem passando um dia da vida dele sem trabalhar. É só ligar mais tarde que você encontra ele.
ORELHA - Então tá bom, Lívia. Muito obrigada. Tenha um ótimo dia!

CENA 3 – JOGO DE AZAR

Orelha tira os fones do ouvido, os fios repousam de forma tentadora sobre seu pescoço. Ela escuta, atenta. No vizinho da frente, ouve-se constantemente o som de um tele bingo, ora cantando as pedras, ora tocando mensagens gravadas. Ouve-se também as vozes de um montante considerável de pessoas torcendo, comemorando e xingando.

ORELHA - *(Para o público)* É engraçado... conforme o tempo passa parece que você começa a escutar cada vez mais coisas que não escutava antes.

13

42

60

3

DINHEIRO!

ORELHA – Acho que é o tempo a mais que a gente passa dentro de casa. A gente começa a reparar.

BINGO!

ORELHA – A pandemia parece que apura ou ouvidos. Você já ouviu falar que quando se perde um sentido, os outros ficam mais aguçados? Eu acho que eu perdi o sentido.

Ouve-se uma comemoração em forma de gritaria.

ORELHA – Esse bingo do vizinho vive lotado. Tem gente que passa o dia todo jogando. Depositando a esperança de uma vida melhor numa cartela de papel de 30 centavos. Eu odeio ter que concordar com o presidente, mas olhando pela janela eu realmente me sinto como a única idiota que ainda fica em casa.

51

1

42

QUINA!

ORELHA – Essa vida é um jogo de azar. Num dia de bingo você pode faturar 10.000 reais ou mais, ganhar uma covid de brinde e morrer na semana seguinte. E que golpe de sorte seria morrer agora, hein! Morrer rico então, nem se fala! Morrer patrão: caixão de mogno, lápide de mármore com direito a foto e inscrições em dourado, uma cantora lírica na hora do funeral pra dar uma dramaticidade... E tudo isso sem deixar nenhuma dívida pra família! Pelo contrário, deixar herança! Testamento, inventário... Aquelas coisas de filme, sabe?

CENA 4 - CIMENTO

Orelha está no reboco. Nas paredes da casa. Nas camadas de concreto. Nos buracos dos tijolos. Orelha está cimentada na cadeira de escritório. Orelha escorre com a infiltração, com o passar dos dias.

ORELHA - *(Ao telefone)* Alô, bom dia! Meu nome é cimento e eu falo em nome da Orelha. Será que eu poderia falar com alguém que possa me escutar, por favor?

Silêncio.

ORELHA – *(Ainda ao telefone)* Alô, bom dia! Meu nome é Orelha e eu falo em nome da Cimenta. *(Tempo)* A Cimenta, fabricante de cimento... *(Tempo)* É, eles não foram muito criativos na hora de escolher o nome mesmo. *(Tempo, risada falsa)* Se bem que quando você fala qualquer palavra em seguida por muito tempo, ela acaba perdendo o sentido, já reparou? Cimento, cimento, cimento, cimento, cimento, cimento, cimento, cimento, cimento, cimento, cimento, cimento. Tem hora que a língua prende. *(Rindo, nervosa)* Eu acho bem irônico trabalhar pra uma empresa de cimento quando parece que eu mesma já sou argamassa das paredes dessa casa há tanto tempo. *(Tempo)* Não, imagina! Eu não tô reclamando! Eu sei que tem gente que não tem nem onde morar. Mas é que ultimamente parece que essa casa virou uma prisão. O cimento constrói, mas também afunda.

Orelha se afunda no concreto.

CENA 5 – ELE NUNCA VOLTOU

ORELHA - *(Ao telefone)* Alô, boa tarde! Oi, Livia! Aqui é a Orelha, da Cimenta. Eu liguei aí na segunda feira procurando o responsável pela loja, mas ele não estava no momento. Ele estaria disponível pra falar comigo agora?

LÍVIA - Não vai ser possível.

Livia desliga o telefone. Orelha retorna a ligação.

ORELHA – Oi, Livia, desculpa incomodar, é que eu *realmente* preciso fazer pelo menos uma pesquisa hoje e você foi uma das únicas pessoas educadas que falou comigo nesses últimos dias. Será que não teria algum outro horário que eu poderia falar com o responsável? Ou não teria alguma outra pessoa que possa falar comigo? É bem rapidinho, eu juro.

LÍVIA - Não dá. O meu pai faleceu. Ele nunca saiu do hospital. Amanhã chega o novo gerente que vai ficar no lugar dele, se você quiser ligar. A gente não fechou a loja nenhum dia, sabia? Nem no dia do enterro dele. Então pode ligar amanhã que o novo gerente vai estar aqui. A loja vai continuar aberta. Pode ligar.

ORELHA – Livia, me desculpa... Eu sinto muito.

Livia desliga o telefone. Orelha recebe uma chamada de vídeo.

ORELHA - Alô?

BOCA 2 – Orelha, como estão as pesquisas hoje? Conseguiu fazer alguma?

ORELHA – *(Ainda um pouco atônita)* Não, ainda não.

BOCA 2 – Orelha, orelha... Quando eu falo você não me escuta. Você tá perdendo uma oportunidade das boas aqui. Sabe quantas pessoas estariam se matando pra conseguir ser um dos nossos colaboradores? Home office no

conforto do seu lar, renda fixa, contrato garantido até o final do ano... O trabalho não é complicado, você sabe disso. Mas eu preciso que você coopere comigo.

ORELHA – Me desculpa senhor, mas é que eu não estou me sentindo muito bem, acabou de acontecer uma coisa e eu acho que eu preciso de um tempo pra digerir tudo. Talvez só tirar o restante do dia de hoje pra colocar a cabeça no lugar...

BOCA 2 – Orelha, eu não quero desculpas, eu quero resultados! Um dia inteiro de folga vai desfaltar a nossa equipe. Mas como eu não quero que os meus colaboradores trabalhem sem um sorriso no rosto, vamos fazer o seguinte: segura as pontas mais um pouco e eu deixo você fazer 2 horas a mais no almoço, pode ser?

ORELHA – Claro, senhor. Pode sim, muito obrigada!

BOCA 2 – Só que aí eu vou precisar que você compense ficando 2 horas além do expediente amanhã. Mas é pra voltar quebrando tudo desse almoço, hein Orelha! Se você zerar essa semana de novo, não vai ter mais como eu te ajudar, combinado?

ORELHA – Combinado.

BOCA 2 - (*Infantilóide*) Agora cadê o sorriso da minha pesquisadora? Cadê?

Orelha tensiona um sorriso.

BOCA 2 – Isso! Agora sim! Lembra: pessoas felizes...

ORELHA – (*Sorrindo cimentado, olhos vazios*) Gostam de falar com pessoas felizes.

BOCA 2 – Maravilha, Orelha! É essa a energia que a Cimenta quer passar pros nossos futuros clientes!

Fim da chamada de vídeo.

CENA 6 – UMA PANDEMIA COMEÇA PELAS PALAVRAS

Orelha pulsa, inflamada.

ORELHA - Uma pandemia começa pelas orelhas. Primeiro são os ruídos, notícias do mundo de lá. Em seguida se ouvem boatos. Fulano pegou, eu não vou pegar. Escutam-se os espirros, tosses e grunhidos. Depois vem a máscara com seus elásticos apertados, sufocando tudo. Orelhas vermelhas, inflamadas, carne viva. Gente morta. Aí vem o home office com seus fones de ouvido ensurdecedores. Pequenas violências sofridas pelas orelhas. O brinco perfura (que delícia!). Os óculos apertam. Todo o peso do mundo apoiado nas orelhas. As palavras de(feridas). Palavra é que nem pedra, quando jogamos não tem volta. E com a palavra vem a saliva. Com a saliva vem o vírus e com o vírus vem a morte. Palavra não tem orelha. Palavra tem poder. Uma pandemia começa pelas palavras.

Orelha disca um número no celular.

ORELHA - Alô, boa tarde! Me nome é Orelha e eu falo em nome da Cimenta.

BOCA 3 – Oi, Orelha! Boa tarde! Que bom que você ligou. Nós estávamos esperando a sua ligação.

ORELHA – Jura? Que maravilha! Então o senhor vai contribuir com a sua opinião para a nossa pesquisa?

BOCA 3 – Mas é claro!

ORELHA – Opa, maravilha! Então vamos começar. O senhor vende ou já vendeu algum produto da Cimenta na sua loja?

BOCA 3 – Sim. Um dos nossos produtos com maior saída são os sacos de cimento da Cimenta.

ORELHA – Que bacana! E com que frequência o seu cliente costuma pedir diretamente por um produto Cimenta:

- A) Nunca
- B) Quase nunca
- C) Às vezes
- D) Quase sempre
- E) Sempre

BOCA 3 – Quase sempre.

ORELHA – Certo... E qual você diria que é a satisfação dos clientes em relação aos produtos da Cimenta:

- A) Estão felizes e não pensam em morrer
- B) Não pensam em morrer, mas estão infelizes
- C) Tem vontade de morrer às vezes
- D) Tem vontade de morrer na maioria do tempo
- E) Estão à beira do suicídio

BOCA 3 – Alternativa D, tem vontade de morrer na maioria do tempo.

ORELHA – Perfeito! Você acredita que é possível tirar a própria vida tomando uma overdose de remédios tarja preta, ou isso seria só um mito?

BOCA 3 – Essa é um pouco mais complicada... Acho que eu não sei opinar. Mas se você quiser tentar, eu aconselho adicionar mais alguma substância a esse coquetel. Uns bons drinks, talvez...

ORELHA – (*Rindo, verdadeiramente simpática*) Hmm, deu até água na boca! Pergunta número 5: você acha que quem atenta contra a própria vida vai para o inferno?

BOCA 3 – Acho que depende da religião da pessoa. Se ela acredita em inferno, sim. Muitas vezes o inferno são os outros, não é mesmo? (*Ri*)

ORELHA – (*Rindo*) Com certeza! Nós já estamos acabando, tá? Prometo não tomar muito mais do seu tempo.

BOCA 3 – Sem problemas! Eu tenho a vida toda.

ORELHA - Ótimo! Então vamos lá. Você acha que é preciso ter mais coragem pra viver ou pra morrer?

BOCA 3 – Pra viver, com certeza.

ORELHA – Maravilha! Prosseguindo: Na sua opinião, uma pessoa que tenta o suicídio, mas não é bem-sucedida:

- A) Só estava tentando chamar atenção
- B) Quem quer se matar mesmo dá um jeito
- C) Falhou porque não era sua hora

D) Deve sempre tentar outra vez para alcançar seus objetivos

E) Deve enxergar como uma segunda oportunidade de vida

BOCA 3 – Olha, eu acredito que nós sempre temos que nos esforçar ao máximo para alcançar nossos objetivos, não importa quais sejam. Então alternativa D.

ORELHA – Ok... E por fim, a minha abordagem para com o senhor foi:

A) Ótima. E como recompensa eu mereço morrer com dignidade

B) Boa. E como recompensa eu mereço morrer, mas com certo sofrimento

C) Regular. E como advertência devo aguardar mais um pouco para morrer

D) Ruim. E como castigo eu devo morrer apenas quando for a minha hora

E) Péssima. E como castigo eu devo buscar a vida eterna fingindo plenitude e felicidade durante todo o percurso

BOCA 3 – Alternativa A, com certeza! Se você continuar trabalhando bem desse jeito e com essa simpatia, você vai chegar longe!

ORELHA – Deus queira que não! *(Ri)* Bom, é isso então, finalizamos por aqui.

Muito obrigada pela atenção. A Cimenta agradece e tenha uma ótima tarde!

Desliga o telefone.

CENA 7 – SORTE OU REVÉS

71

28

37

5

BINGO!

ORELHA – Sorte ou revés: se sair o número 42 eu me mato.

82

22

62

32

DINHEIRO!

Comemoração. Gritaria.

ORELHA – Merda! Senhoras e senhores, vamos aumentar a aposta: se sair um número par eu me mato.

19

7

33

81

QUINA!

ORELHA – Puta que pariu! Se alguém ganhar nos próximos 5 minutos eu definitivamente me mato.

Tempo.

42

54

26

28

DINHEIRO! Comemoração. Gritaria.

ORELHA – Maravilha! Parabéns aos vencedores! Ninguém pode dizer que não foi o destino. *(Para o público)* Quando eu era adolescente e apaixonada eu sempre dizia que se eu precisasse me matar um dia, eu gostara de me jogar do prédio mais alto, de costas pra rua e de cara pro céu, pra ter a sensação de morrer voando. É claro que isso não vai ser possível aqui e agora porque minha casa é térrea. Mas a criatividade é a chave do empreendedorismo moderno, então nós sempre podemos explorar outros tipos de mortes poéticas, certo?

Orelha se desprende dos fios e caminha pela casa, analisando cada objeto e possibilidade.

ORELHA – Eu não gosto da incerteza dos remédios. Também tenho medo de sangue então posso dizer adeus as facas. Não tenho corda, nunca usei cinto, mas talvez os cadarços de Sarah Kane me sejam úteis... Não fosse o fato de não ter um só lugar pra se pendurar nessa porra dessa casa! Um cano solto, um lustre, nada *(suspira, decepcionada)*.

CENA 8 – CENTRAL DE ATENDIMENTO

Orelha recoloca o fone de ouvido. Disca um número. É redirecionada para um menu de opções gravadas. Tecla mais alguns números.

ORELHA 2 – *(Sempre meio mecânica)* Central de atendimento do ROMA, boa tarde. Com quem eu falo?

ORELHA – Boa tarde, meu nome é Orelha.

ORELHA 2 – Boa tarde, senhora Orelha. Meu nome é Orelha e estou aqui para te auxiliar. No que eu poderia te ajudar hoje?

ORELHA - (*Rindo*) “Senhora Orelha”... faz tanto tempo que eu não escuto isso! Não precisa dessa formalidade, não. Pode me chamar de Orelha mesmo.

ORELHA 2 – Tudo bem, senhora Orelha. No que eu posso te ajudar hoje?

ORELHA – Aaaaah, tem tanta coisa! É o país que tá desmoronando, tem gente morrendo, passando fome. Tem tantas lutas pra se lutar que a gente às vezes fica até perdido. Fica se sentindo impotente, sufocado, sem saber o que fazer. É genocídio na palestina, genocídio dos povos indígenas, genocídio da juventude negra, chacina, destruição do ecossistema, imperialismo, guerras proxy, capitalismo, dengue, chicungunha, coronavírus, gente sem máscara, gente aglomerando, falta de vacina, Bolsonaro, metais pesados, radioatividade, água poluída, filhos do Bolsonaro...

ORELHA 2 - (*Interrompendo*) Senhora? Senhora! Acho que você ligou no departamento errado. Aqui é a central de atendimento do ROMA, para SAC e reclamações é outro setor. Vou transferir a senhora.

Música gravada.

ORELHA 3 – SAC ROMA, boa tarde. Com quem eu falo?

ORELHA - ...guerra, depressão, comida com agrotóxico, ansiedade, apoiadores do Bolsonaro, desespero e no meio disso tudo a gente ainda tem que ser feliz, produzir conteúdo, ser linda, magra, saudável, trabalhar, estudar, ganhar dinheiro E EU NÃO AGUENTO MAIS!

ORELHA 3 - (Também mecânica) Certo, senhora. Eu vou anotar aqui a sua reclamação. Mais alguma coisa que eu posso te ajudar hoje?

ORELHA – Eu gostaria de morrer, mas não sei exatamente como. Nenhuma forma parece a ideal. Nunca é o momento certo de morrer, eu sempre tenho tanta coisa pra fazer... Sem contar que até o ato de morrer agora significa prejudicar alguém indiretamente, porque com a situação dos hospitais, dos necrotérios e dos cemitérios virar mais um corpo morto ou ferido significa arrumar mais trabalho pro médico, pro enfermeiro, pro legista e pro coveiro. Mas se não fosse pedir demais, se arrumassem uma vaguinha pra mim, eu gostaria de morrer sim, mas eu também queria um pouquinho de romantismo e poesia, sabe?

ORELHA 3 – Só um segundo, senhora, que o setor de encomendas é no ramal 4. Eu vou transferir a senhora.

Música gravada. Chiado.

ORELHA 4 – Encomendas ROMA, boa tarde.

ORELHA – Sabe, eu sinto tanta falta de poder tocar em alguém, verdadeiramente e sem medo. Flertar na rua, abraçar os amigos. Trepar! Eu sinto tanta falta de trepar com alguém que eu acabei de conhecer numa balada cheia de gente suada respirando o mesmo ar! Aquela sensação de estar no auge da transa e sentir uma mão enorme e pesada apertando meu pescoço, sufocando tudo (que delícia!). A sensação de quase morte que te leva ao orgasmo que deveria ser viver. Mas não é. Não está sendo. Então eu quero

cancelar a minha assinatura. Eu quero reembolso, eu quero qualquer coisa que me tire desse plano!

ORELHA 4 – Senhora, esse aqui é o setor de encomendas. O setor de cancelamento é em outro ramal.

Transferência. Chiado. Ruído. Música gravada.

ORELHA 5 – Setor de cancelamentos ROMA, boa tarde. Com quem eu falo?

ORELHA – Eu só queria alguém que me escutasse de verdade, que se interessasse por mim e pela minha vida. O par romântico ideal. O nome dele nessa dramaturgia seria Mão ou Braço. Ele seria meu porto seguro. E um dia de repente ele iria cair doente. Febre, falta de ar. Ele iria ficar isolado em um quarto da casa e eu em outro. A gente iria se comunicar através da porta e eu diria o quanto sinto a falta do seu toque. Até que um dia, quando ele estivesse muito mal mas se recusasse a ir ao hospital, eu iria decidir de forma romântica (literal e literariamente falando) que não valeria a pena viver sem ele. Então as seis horas da tarde num lampejo de claridade, eu abriria a porta, deitaria ao seu lado e lhe daria um último beijo de amor. Ele iria desfalecer nos meus braços e com sorte em algumas semanas eu iria também, ao seu lado, na cama.

ORELHA 5 – *(Confusa)* Certo senhora... Eu não entendi muito bem a sua solicitação então vou te transferir para a Central de Atendimento, só um instante.

Transferência. Música gravada. Ruído agudo. Ouve-se uma voz entrecortada em meio aos chiados.

ORELHA - Alô? Tem alguém me ouvindo?

Orelha aumenta o volume no máximo. Chiado. Ruído agudo aumenta. Fica cada vez mais alto. Orelha não cede. MAIS ALTO. Orelha resiste. MAIS. Filete de sangue. ALTO!

P/////////////////
////////////////////////////////////
Silêncio absoluto.

CENA 9 – MORRER É VERBO

Orelha está no vazio do vazio. No oco da mente. No buraco profundo do tímpano que ecoa os próprios pensamentos. O nada de quando não se escuta mais o peso do mundo.

FIO - Para acabar com a vida é preciso ter a coragem de agir. Verbalizar a morte. Morte é substantivo, mas *morrer* é verbo. Morrer é ação.

ORELHA - Você poderia falar agora? Posso te ligar amanhã se você desejar.

FIO - Posso me enrolar no seu pescoço se você desejar, quando sua música preferida começar a tocar. Poesia e romantismo. Mil e uma utilidades. Muito mais que um fio, um som, uma música. Eu sou tua salvação. Não, eu não vou estourar. Não se deixe enganar pela minha estrutura. Leveza e praticidade, era o que vinha escrito na minha embalagem. Resistência também. Lembra quando eu me embolava todo e você demorava um tempão pra desenrolar? Xingando e amaldiçoando! Não, não precisa lembrar: eu sei como fazer um bom nó de escoteiro, é um dom natural. Não, eu não posso falar. Você é quem precisa ter

a coragem de verbalizar. Você não verbaliza, você só fala, fala e fala! Eu sou ação.

ORELHA - Você poderia falar por mim? Você poderia falar agora? Posso te ligar agora? Você consegue me escutar? Você pode falar o que eu preciso ouvir? Alô? Boa tar...

Palpitação. Sufoco. Escuro.

CENA 10 – SORTE GRANDE

15

7

29

38

BINGO!

Orelha desperta no chão ao som de um estrondo vindo da rua. Volta a ouvir o mundo aos poucos. Gritos. Vai cambaleante até a janela e se depara com o corpo de seu vizinho estirado no chão, banhado em sangue.

ZÉ – Isso é pra esse filho da puta aprender a não enganar mais ninguém nessa vida! Filho da puta! Vai roubar dinheiro de trabalhador no inferno! *(Apontando com a arma para as pessoas ao redor)* E vocês, seus trouxas, vão continuar sendo enganados. Vão ganhar 100 num dia pra perder 2000 no outro. Porque no lugar dele sempre vai chegar mais um e outro e outro e vocês vão continuar

aí, tentando encontrar a sorte grande. Bando de otário! Ta aí, ó. A sorte de vocês é ser comido pelos vermes!

Zé foge. Uma multidão rodeia o corpo do vizinho ensanguentado. A televisão do tele bingo segue cantando as pedras, indiferente a vida ou a morte.

CENA 11 – NÃO HÁ BELEZA NA MORTE

ATRIZ QUE INTERPRETA ORELHA – *(Para o público)* Queridos espectadores, por favor, perdoem a autora mais uma vez, mas agora é a hora de despejar as suas verdades no público através desta atriz que vos fala. Acontece que no meio do processo ela escreveu um texto lírico e meio revoltado que não sabia aonde colocar e, pois bem, aqui está: No meio do surto e do caos a beleza e a poesia se esvaem. Para Orelha, a realidade é como um banho de água fria que a desperta de uma embriaguez sombria. Quando ela olha de frente pro espelho da morte, todos os clichês possíveis passam por sua cabeça. Nessas horas, tem gente que afunda e tem gente que constrói, que nem cimento. Talvez ela tenha ficado no meio termo. Uma argamassa meio mole, disposta a endurecer. Mas agora existe uma certeza: não há beleza na morte. Não há romantismo cego que a faça engolir a morte dos seus. Não há poesia nos corpos em decomposição sendo transportados em vans escolares. Nas covas rasas abertas sem nome. Não é desígnio de Deus. Limpeza espiritual. Karma. Não é fraqueza moral. Não é culpa, não há corpo e sim corpos. Centenas de milhares. E não há copo que aguente tamanha pressão sem estourar. Estraçalhar os vidros. Se cortar. Sem

contar a dor dos que ficam, dos que vão antes da hora. Os presságios, os prenúncios, os prelúdios. Os protagonismos roubados, interrompidos, ceifados. NÃO HÁ BELEZA NA MORTE! E por isso é preciso resistir. É preciso sobreviver. Pra reinventar a história. Pra evitar que ela se repita. Pra sentir o frio na barriga quando os ventos da mudança passarem por nós. E ele vai passar. É preciso acreditar.

CENA 12 – VAI SE FODER

Orelha recebe uma chamada.

ORELHA – Alô, boa tarde!

BOCA 2 – Orelha, onde você tava? Eu tô tentando te ligar a horas e você não atende! Como você quer construir uma relação de confiança dessa forma? Eu preciso saber sobre os seus resultados de hoje.

ORELHA – *(Mecânica, quase imitando uma mensagem gravada)* Aguarde alguns minutos para ser atendido.

Com o celular ainda na chamada, Orelha coloca a música Vai Se Foder² da banda 350 ml para tocar em volume máximo e dança catarticamente em meio ao caos, fazendo par com sua dor.

FIM

MÚSICAS:

1. Proletários – Garotos Podres:

<https://www.youtube.com/watch?v=AZr6vWK4AQU>

2. Oi, tudo bem? – Ratos de Porão:

<https://www.youtube.com/watch?v=tkQYXtAXiOg>

3. Vai se foder – 350 ml:

<https://www.youtube.com/watch?v=uRbKbhguZ60>

Sobre a Autora: Gaby Maffei se formou no Técnico em Teatro pela Fundação das Artes. É atriz e produtora do Grupo Grilo Chico, com o qual já realizou alguns roteiros de sua autoria, como o curta metragem “Amor em Tempos de Pandemia” e a mini web série “Brincando em Casa com Tempo de Encanto”. Ama escrever desde pequena, se aventurando também pelo mundo da poesia, conto e crônica.

Contato: gabi_maffei@outlook.com

BLACKOUT

Giovanna Gonçalves

CENA 1

É uma noite calma, não há movimento na rua, todos já estão em suas casas se preparando para dormir.

No quarto de Timmy.

Ele está deitado em sua cama. Se revirando para todos os lados. Não consegue dormir. Algo o incomoda. Ou alguém. Ele lembra daquela manhã, que era para ser só mais um dia típico, como qualquer outro.

DIMITRI: Timmy!!! Timmy!! Eii mano, me espera... *(Dimitri alcança Timmy já um pouco ofegante)* Ei, por que você não me esperou como sempre??

TIMMY: Eu esperei. Você não veio. Então, eu fui embora.

DIMITRI: Mas você não esperou nem 5 minutos, essa nem foi a vez que eu mais me atrasei, e olha que eu tenho o dom de me atrasar, você sabe... *(ele é interrompido de continuar pelo Timmy)*

TIMMY: Eu não deveria ter que te esperar. Você deveria chegar no horário combinado, pontualmente. Não faça parecer ser minha culpa. *(Ele diz num tom mais elevado agora)*

DIMITRI: Tá bom. Tá bom. Desculpa, não vou me atrasar na próxima, pelo menos eu vou tentar, não sei se vou conseguir sabe, mas vou tentar por você. *(Timmy fecha a cara e não diz mais nada)* Parece que alguém acordou do lado

errado da cama, cara. *(Eles não dizem mais nada durante o resto do caminho, o ar é esquisito agora).*

Horas se passam e Dimitri volta a agir normalmente com Timmy, para a infelicidade dele. Timmy teve seu dia estragado por ele, com aquelas palhaçadas sem graças, com sua voz alta de mais, com seu jeito bobão. Tudo. Tudo em Dimitri irritava Timmy. Não aguentava mais ficar no mesmo lugar que ele, que já se estressava.

Não queria estar pensando em Dimitri. Mas cada célula do seu corpo não conseguia se desligar dele.

Dimitri

Dimitri

Dimitri.

Ele se levantou extasiado, saiu de casa o mais rápido que pôde sem fazer barulho. Ele andou. Andou. Andou. Andou. Até parar na frente de uma casa. Logo ele começou a andar em direção dela e escalou a casa até chegar na janela e lá ele se jogou para dentro.

CENA 2

Uma tevê velha ligada. Está passando uma perseguição ao vivo, a tevê vai ficando cada vez maior, não, ela vem se aproximando, a imagem fica embaçada por um momento até ganhar nitidez.

Uma VOZ grita de longe: Parado aí!!

Corre

Corre

Continua correndo, nada o para. Nem mesmo as sirenes, ele não as ouve. Nem mesmo os tiros que começaram, ele não foi atingido, isso não importa.

Parece que já passaram horas, mas acho que foram só alguns minutos. É uma caçada interminável, até que termina.

Ele foi cercado, mas as sirenes não param.

Algemam ele, mas as sirenes não param.

Colocam ele no camburão, mas as sirenes não param.

Eles começam a andar, mas as sirenes não param.

Eles chegam na delegacia.

As sirenes pararam.

CENA 3

No Departamento de Polícia, do lado de fora da sala de interrogação.

DETETIVE DIAS: Uau, que surpresa você está de pé hoje detetive Clarkson.

DETETIVE CLARKSON: O que?? Você achou mesmo que umas bebidinhas iam me parar??

DETETIVE DIAS: Bem, eu torcia para isso.

DETETIVE CLARKSON: O que??

DETETIVE DIAS: Nada não. Vamos começar o trabalho logo.

Do lado de dentro da sala de interrogação.

DETETIVE DIAS: Bom, senhor Timmy Larkes, nos conte novamente o que aconteceu na noite do crime.

TIMMY: Eu já disse, eu não me lembro.

DETETIVE CLARKSON: Mentiroso!! Nos diga a verdade!!

TIMMY: Mas eu já disse. Eu não me lembro. É sério.

DETETIVE CLARKSON: Poderia ter uma pena reduzida, mas você só fica nos enrolando...

DETETIVE DIAS: Calma!! Nos conte da noite anterior a essa, o senhor se lembra?

TIMMY: Foi só mais um dia normal, nada aconteceu de diferente. Eu fui para a escola acompanhado do Dimitri como sempre; e voltei também com ele; depois disso só fiquei em casa e a noite fui dormir. no dia seguinte não me lembro de

nada. Só lembro do próximo, onde acordei no jardim na frente da casa do Dimitri. O guarda me encontrou e me trouxe para cá.

DETETIVE CLARKSON: Detetive Dias, será que eu posso falar com você por uns instantes??

(Eles saem da sala)

DETETIVE CLARKSON: Por que não condenamos ele logo?? Ele claramente está mentindo para a gente, e ele nem é um bom mentiroso. Fala sério! Não me lembro. Inventa coisa melhor pelo menos.

DETETIVE DIAS: Eu sei que algo está errado. As histórias não batem, essa é a questão. Como você disse ele poderia mentir para se encobrir, mas não tá fazendo isso, tem um porquê. Algo maior está acontecendo aqui.

DETETIVE CLARKSON: Enquanto você tenta dar uma de Sherlock Holmes ou da patrulha do Scooby Doo ou sei lá o que mais, temos famílias que esperam que peguemos o culpado para pagar por tudo que fez. E temos um bem ali, ou melhor temos todos aqui dentro. Todos que estão aqui são culpados e você é idiota de mais se não consegue ver isso.

DETETIVE DIAS: Posso ser idiota, mas não sou mentirosa como você. Pena reduzida? Ele vai morrer e você sabe disso, os tempos são outros desde o golpe.

DETETIVE CLARKSON: E ele não merece?

DETETIVE DIAS: Ele merece?

DETETIVE CLARKSON: Tanto faz. Não é meu trabalho julgar isso, eu só dou os fatos.

DETETIVE DIAS: E os fatos ainda não temos, o que temos são só achismos.

DETETIVE CLARKSON: Um achismo bem convincente você não acha?

Sobre a autora: Giovanna Gonçalves, no momento enfrenta a terrível fase de sobreviver ao ensino médio, cursando seu último ano. E enfrentando a bagunça que está a sua vida ela escreveu este texto (ainda) incompleto.

Contato: giovanna.gs74@gmail.com

LEMBRANÇA NO ESQUECIMENTO

Maria Letícia Belém

CENA 1

1597

Luzes apagadas. Gritos de socorro. Sons de chicotadas. Gritos.

Dois homens entram escoltando uma mulher algemada. Entram outros dois soldados em cena.

SOLDADO 1- Quem é a serviçal? (*aponta para a moça*)

HOMEM 1- De que me interessaria descobrir nome ou origem?

SOLDADO 2- Não estamos interessados, entretanto vosmecê espalhou boatos de que viria alguém da realeza e me chega com...

HOMEM 1- (*gargalha enquanto larga a moça no chão*) Esperava alguém da realeza? Bem meu caro soldado, se acredita que exista realeza no mausoléu, digamos que esta seja uma...(*debocha*) princesa!

SOLDADO 1- E você tem nome? Não que isso seja considerável pois deve ser desprezível.

A mulher fica quieta.

SOLDADO 2- Vamos, diga seu nome.

A mulher continua no mais profundo silêncio.

MULHER- Para que querem saber? *(enquanto ela diz isso o soldado tira uma arma do bolso e a ameaça)*

SOLDADO 2- EU JÁ DISSE! Espero não ter que repetir, mas qual o seu nome?

MULHER- Aqualtune.

Blackout.

CENA 2

2020

Blackout. Luzes acendem e há uma mulher e uma garotinha num sofá.

MENINA- Mãe, mãe, olha o desenho que eu fiz. *(entrega o desenho)* Não tá vendo? É você, uma fadinha!

MÃE- Muito obrigada.

MENINA- Mãe, você é tão bonita que poderia ter sido uma princesa sabia?

MÃE- Temo que não...

MENINA- Por quê?

MÃE- Nada não, são outros tempos *(diz ligando a tv)*

VOZ DO NOTICIÁRIO- Hoje, após uma intervenção policial, foi relatado mais um caso de assassinato de crianças negras na favela do... *(desliga rapidamente a televisão e abraça sua filha o mais forte que pode, parecendo querer protegê-la de algo ou alguém)*

Blackout.

CENA 3

1935

Dois homens e três mulheres estão sentados ao redor de uma mesa enquanto fumam.

MULHER 1- Mas então, o que dizem os noticiários?

HOMEM 2- O de sempre.

MULHER 1- Parece que eles repetem sempre as mesmas notícias, só mudam a capa.

MULHER 3- O Brasil não foi vencido, o regime da lei, sempre usam os mesmo bordões e discursos.

HOMEM 1- Liberdade, liberdade, eles amam essa palavra também.

MULHER 2- Vocês têm certeza sobre...

HOMEM 2- Sobre a Intentona? Você não vai amarelar agora, vai?

MULHER 2- Não, é só que...

Alguém bate na porta.

VOZ- Denúncia!

Todos se escondem embaixo da mesa.

MULHER 2- O que? Denúncia?

HOMEM 1- Há um traidor entre nós?

MULHER 1- Vocês sabem o que acontece com eles?

MULHER 2- Eu já ouvi relatos...

HOMEM 2- Tortura?

Todos ficam em silêncio. Novamente batem na porta e gritam.

VOZ- Denúncia!

HOMEM 1- Escondam tudo, escondam tudo por favor! Escondam os livros e manifestos e principalmente os manuscritos.

Blackout.

CENA 4

2020

Um casal em cena.

HOMEM 1- Amor, por acaso você vai dar aula hoje?

HOMEM 2- SIM.

HOMEM 1- Então por que tirou todos os livros da prateleira?

HOMEM 2- Adivinha! De novo implicaram com meus livros no fundo me acusando de doutrinação.

HOMEM 1- Como assim? Os alunos ou diretores?

HOMEM 2- Os dois!

Blackout.

CENA 5

1990

Um casal em cena.

MOÇA- Amor, preciso te contar uma coisa.

RAPAZ- O que? Conta logo Camila!

MOÇA- Eu tô grávida...

RAPAZ- Você tá maluca? Eu não tenho idade pra ser pai ainda. Você tem certeza disso? Não pode ser, refaz o exame, sei lá.

MOÇA- Carlos, eu tô grávida. Eu também não queria, mas eu estou, e nada podemos fazer além de aceitar.

RAPAZ- Tá, mas é meu mesmo?

MOÇA- O que você quer dizer com isso?

RAPAZ- O que você entendeu Camila. É meu?

MOÇA- É claro que é. O que você pensa que eu sou? Eu realmente me dediquei só a você nesses últimos anos.

RAPAZ- Como eu vou ter certeza disso se tantos caras estão sempre atrás de você?

MOÇA- Como assim? Eu não tô gostando do rumo dessa conversa, era pra você estar feliz que vamos ter um filho.

RAPAZ- Eu não sei não, a gente é muito novo ainda, seu pai me mataria se soubesse e não temos um tustão.

MOÇA- A gente dá um jeito... Eu posso vender os bolos que aprendi com minha mãe e você tocar em frente a oficina do seu pai, vai dar tudo certo, eu prometo.

RAPAZ- Não, não vai, eu não quero viver todo sujo de graxa igual um pai e depois terminar a vida numa casinha minúscula cuidando de três filhos e uma mulher mal-acabada.

MOÇA- Mas Carlos..

RAPAZ- Chega Camila, pra mim não dá, você precisa dar um jeito de tirar esse bebê.

MOÇA- O QUE? Por mais que seja uma opção, eu jamais faria isso, eu não quero.

RAPAZ- Então vai assumir o risco de ser mãe solteira? Pra ser chamada de vagabunda?

MOÇA- Espera, você não tá dizendo que...

RAPAZ- Eu disse o que eu disse. Tô fora! Tchau! *(sai de cena e a moça sai pelo outro lado do palco)*

Blackout.

CENA 6

1964

Três pessoas em cena.

MULHER- É daqui pra melhor né Antônio?

HOMEM- Daqui pra melhor. Ei menino, me busca um copo de água. *(fala se dirigindo à criança)*

CRIANÇA- Trago sim pai!

HOMEM- Mas sério, eu vi esses dias e acredita que corre o risco daquele candidato ganhar. Sabe, aquele imoral lá.

MULHER- Sem chance! Precisamos dar um fim nessa corrupção e libertinagem! Não podemos virar uma Cuba!

HOMEM- Libertinagem? O que é isso?

MULHER- Não sei muito bem dizer, mas é como o pessoal chama esses vermes aí.

HOMEM- É, chamam de outras coisas também. Tava na igreja esses dias e o padre falou sobre isso. Como vamos seguir os preceitos da bíblia e deixar esses caras fazerem a ditadura da esquerda.

O menino volta com o copo de água.

MULHER- E é por isso que eu digo, Intervenção Militar Já! Vamos lutar pela família e pela igreja, e assim evitar... ah, você sabe... o comunis....

HOMEM- Já disse para não falar essa palavra na frente do menino! Ele tem 13 anos e você sabe que moleque nessa idade aprende tudo quanto é coisa errada na escola né Maria?! Eles vivem sendo doutrinados, principalmente na escola pública que tão até defendendo os vândalos.

MULHER- Perdão!

CRIANÇA- Mas pai, como você sabe disso? Eu nunca estudei na escola pública.

HOMEM- Tá vendo mulher, ele já está sofrendo lavagem cerebral. Vou nessa escola amanhã e eles vão ouvir poucas e boas.

Blackout.

CENA 7

2018

Três pessoas em cena.

MULHER- É daqui pra melhor né Arnaldo?

HOMEM- Daqui pra melhor. Ei menino, me busca um copo de água. *(fala se dirigindo à criança)*

CRIANÇA- Trago sim pai!

HOMEM- Mas sério, eu vi esses dias e acredita que corre o risco daquele candidato ganhar. Sabe, aquele imoral lá.

MULHER- Sem chance! Precisamos dar um fim nessa corrupção e nessa ditadura! Não podemos virar uma Venezuela!

HOMEM- Ditadura? O que é isso?

MULHER- Não sei muito bem dizer, mas é como o pessoal chama o regime desses vermes aí.

HOMEM- É, chamam de outras coisas também. Tava na igreja esses dias e o pastor falou sobre isso. Como vamos seguir os preceitos da bíblia e deixar esses caras fazerem a ditadura do 13.

O menino volta com o copo de água.

MULHER- É por isso que eu digo, Intervenção Militar Já! Vamos lutar pela família e pela igreja, e assim evitar... ah, você sabe... o petis....

HOMEM- Já disse para não falar essa palavra na frente do menino! Ele tem 13 anos e você sabe que moleque nessa idade aprende tudo quanto é coisa errada na escola né Marta?! Eles vivem sendo doutrinados, principalmente na escola pública que tão até distribuindo kit gay.

MULHER- Perdão!

CRIANÇA- Mas pai, como você sabe disso? Eu nunca estudei na escola pública.

HOMEM- Tá vendo mulher, ele já está sofrendo lavagem cerebral. Vou nessa escola amanhã e eles vão ouvir poucas e boas.

Blackout.

CENA 8

1934

Duas mulheres conversam num banco de praça.

MULHER 1- Já pensou em quem votar?

MULHER 2- Estou tão exausta que não tive tempo para isso ainda.

MULHER 1- Valeu a pena, não valeu?

MULHER 2- Valeu! Eu acho.

MULHER 1- Como assim eu acho?

MULHER 2- Não sei, nada é pra sempre, e se isso for passageiro também? Sem contar que tem tanta coisa pra fazer ainda.

MULHER 1- Minha amiga, pode ficar tranquila, li uma matéria que prevê a regulamentação dos direitos igualitários em meados de 2020.

MULHER 2- Espero que sim. Acredita que talvez as mulheres possam ser maioria no senado? Pelo menos é uma das previsões para o século XXI.

MULHER 1- Eu queria estar viva para ver isso.

Blackout.

CENA 9

2019

Um homem e uma moça entram em cena.

MOÇA- Pai...

HOMEM- Diga!

MOÇA- Você gostaria de ter netinhos algum dia?

HOMEM- Mas é claro que sim.

MOÇA- É, eu não tenho certeza se eu quero ter filhos mas quem sabe.

HOMEM- Como assim não sabe se quer? É claro que quer, toda mulher já nasce com esse instinto, essa missão sabe.

MOÇA- Não sei não hein pai, não concordo.

HOMEM- Então você não quer uma família? Sabe o que eu acho? Que isso é egoísmo minha filha. Você anda seguindo essas modinhas do feminismo ou não quer gastar seu dinheiro com o maior amor da vida.

MOÇA- Pai, não é egoísmo, mas eu sou muito nova ainda.

CENA 10

2020

Uma mulher e três homens num tribunal.

HOMEM 1- O caso está dado como encerrado.

HOMEM 2- O réu é absolvido e considerado inocente.

MULHER- Mas...

HOMEM 1- Mesmo após analisar os exames de corpo de delito, a perícia e as câmeras de segurança, infelizmente ainda faltam provas para a justiça brasileira que é extremamente rígida e coerente. Não houve crime de estupro.

MULHER- Eu só queria dizer que...

HOMEM 3- Eu, como advogado da vítima, preciso dizer que *(quando ouve isso a mulher respira profundo, com um ar de esperança)* não há mais nada que possa ser feito. Fim do caso.

MULHER- Como isso pode ser possível. Senhor juiz por favor...

O juiz bate o martelo e a ignora.

Blackout.

CENA 11

2020

Uma garota em cena. Ela pega seu celular e começa a gravar.

GAROTA- Oi oi gente, aqui é a Milena mais uma vez e eu queria vir esclarecer umas coisinhas. Primeiro que não, eu não tenho tudo que eu quero meus

amores, meu pai me dá um dinheiro e eu PRECISO ESCOLHER o que eu vou comprar. Além disso, eu também não tenho um emprego em que eu não trabalho ok? Eu só tenho direito a folga duas vezes por semana e preciso trabalhar 3 horas por dia num escritório que só tem uma secretária e um ar-condicionado. E assim, tudo bem que a empresa é do meu pai, mas eu tive que ralar muito pra estar ali, ou vocês acham que se eu não tivesse uma boa escolaridade no meu currículo eu seria contratada? Por último quero dizer que eu também sei fazer boas ações, vocês já viram aquele meu vídeo que eu fico dando dinheiro pros mendigos? Já viram quando fiz minha empregada cozinhar e ela mal sabia que era de presente pra festa dela?

Blackout.

CENA 12

2019

Entram uma mulher, um homem e uma moça em cena.

MULHER- Oi gente, me chamaram?

MOÇA- Eu chamei sim, preciso falar com vocês...

HOMEM- O que foi?

MOÇA- Eu tô muito confusa sobre isso, eu tô angustiada, mas eu preciso falar!
(*mostra o exame de gravidez*) Deu positivo.

HOMEM- Como assim você tá grávida? Você só tem 16 anos garota, o que você fez da sua vida?

MOÇA- Pai calma.

HOMEM- Quem foi o moleque? Foi seu namorado né? Vou pegar ele.

MULHER- Calma Carlos, eles não tiveram culpa. Aliás, até que sim, mas isso não é o que devemos discutir agora.

MOÇA- Pai, a gente se descuidou e aconteceu.

HOMEM- Ninguém mandou você abrir as pernas.

MOÇA- Eu sei disso, então como eu sabia que você não aceitaria e eu não quero, estive pensando se ... tirar o bebê seria a melhor opção.

HOMEM- O QUE?

MOÇA- Você não aceita.

HOMEM- Mas isso já é assassinato!

MOÇA- Bom, então você tem que me ajudar a sustentar, você sabe que eu nem terminei a escola ainda.

HOMEM- Tá doida? Você que fez o filho.

MOÇA- E qual a solução?

HOMEM- Você vai casar!

MULHER- Carlos, pelo amor de Deus se acalma!

MOÇA- Pai, eu tenho 16 anos.

HOMEM- Chama esse garoto aqui, agora!

Blackout.

CENA 13

2019

Menina ensaia na frente do espelho.

MENINA- E foi assim que eu descobri pai, eu acho que eu sou bissexual. Talvez você não entenda, não aceite, mas essa sou eu!

O foco de luz muda para um homem assistindo tv.

VOZ DO NOTICIÁRIO- No Brasil existem milhões de mães solo, que são aquelas que criam seus filhos sozinhas e muitas vezes seus filhos nem tem o nome do pai na certidão de nasc...

HOMEM- E é por isso que esse mundo tá perdido. O pessoal é criado sem rigidez, sem presença masculina e viram tudo viadinho depois, sério se é na minha casa esse moleque apanha. Homem tem que ser homem.

Menina se aproxima

MENINA- Oi pai...

HOMEM- Oi minha filha. Você já viu essa matéria de filho sem pai? Isso explica essas frescuras de lgbt de hoje em dia, nenhum deles vê como é um homem de verdade.

MENINA- Discordo pai, muitos também podem ser criados só pelo pai e serem lgbt.

HOMEM- Agora até você defende essas coisas? Você tá gostando de mulher minha filha? Se tiver pelo amor de Deus me fala que eu te levo num médico um psiquiatra, sei lá.

MENINA- Não pai, que isso, foi só um comentário.

Blackout.

CENA 14

1973

Um cantor está centralizado no palco com o foco de luz. Está segurando seu violão e tem posicionado em sua frente um microfone.

CANTOR- *(começa a tocar dentadura postiça- Raul Seixas)*

Vai cair, vai cair

Vai cair,

estrela do céu

Vai cair,

A noite no mar

Vai cair,

O nível do gás

Vai cair,

A cinza no chão

Vai cair,

Juízo final,

Vai cair,

Os dentes de Jó

Vai cair,

O preço do caos

Vai cair,

Peteca no chão

O sol outra vez

Vai sair,

Um filho pra luz

Vai sair,

Da cara o terror
Vai sair,
O expresso 22
Vai sair,
A máscara azul
Vai sair,
O verde do mar,
Vai sair,
Um novo gibi
Vai sair,
Da cara o suor

O som da canção é cortado por um blackout. Logo quando as luzes se acendem novamente, o cantor parece sair escoltado por dois militares.

CENA 15

2016

Dois jovens num protesto por impeachment. Ambos vestem verde e amarelo e carregam a bandeira brasileira.

JOVEM 1- Ei, que música você acha que combina pra hoje?

JOVEM 2- Não sei dizer muito bem.

JOVEM 1- Vamos colocar uma de crítica social foda.

JOVEM 2- Sabe aquela do Raul? Vai cair, vai cair... Tem tudo a ver irmão!

JOVEM 1- Real! Essa música deve ter algo a ver com a isso né?

JOVEM 2- Demais, Raul se tivesse vivo ia estar aqui protestando com a gente.

JOVEM 1- Lógico! Foi escrita quando mesmo?

JOVEM 2- 1973... Tempo que o Brasil era bom, não tinha essas coisas.

JOVEM 1- Pode crer!

Começam a tocar Dentadura Postiça- Raul Seixas numa caixinha de som enquanto caminham com sua bandeira de frase “Intervenção Militar Já!”

AMBOS- (*cantando*)

Vai cair, vai cair,

Vai cair...

O som vai ficando cada vez mais baixo enquanto saem de cena. Blackout.

As luzes se acendem e todos os atores entram em cena cantando. A música então aumenta aos poucos.

TODOS- Vai cair, vai cair

Vai cair,
estrela do céu
Vai cair,
A noite no mar
Vai cair,
O nível do gás
Vai cair,
A cinza no chão
Vai cair,
Juízo final,
Vai cair,
Os dentes de Jó
Vai cair,
O preço do caos
Vai cair,
Peteca no chão
O sol outra vez
Vai sair,
Um filho pra luz
Vai sair,
Da cara o terror
Vai sair,

O expresso 22

Vai sair,

A máscara azul

Vai sair,

O verde do mar,

Vai sair,

Um novo gibi

Vai sair,

Da cara o suor

Sobre a Autora: Maria Letícia Belem De Sousa, 17 anos, cursando o ensino médio e em formação no curso FIC de dramaturgia. Apesar da pouca idade, descobriu seu gosto pelo teatro e pela dramaturgia há algum tempo, quando fez sua primeira oficina de teatro ministrada em língua inglesa pela atriz Juliane Pimenta.

Contato: marialeticia0180104@gmail.com





Mostra FIC de Processos e Experimentos

Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO 2021

INSCRIÇÕES ABERTAS
PARA OS CURSOS DE
ARTES VISUAIS, DANÇA,
MÚSICA E TEATRO

TURMAS 2021, 2º semestre
Até 26 de junho
www.fascs.com.br/inscricoes

Prefeitura de São Caetano do Sul Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Diretora Geral: Ana Paula Demambro

Conselho de Curadores – Presidente:

João Manoel da Costa Neto

Diretora Pedagógica: Suzete Moreno

Pronatec

Equipe acadêmico-administrativa

Coordenador Geral: Reinaldo Monteiro

Coordenador Adjunto: Sérgio de Azevedo

Supervisão Administrativa: Adriano Faria

Supervisão Pedagógica: José Adriano
Albuquerque e Robson Ferraz.

Apoio acadêmico-administrativo: Carolina Lionel,
Daniele Máximo, Elô Gelfuso, Gustavo Cano e
Marcelli Massei

Equipe docente

Agente cultural/Produção cultural

(Assistente de produção cultural): Alberto Magno,
Carlos Doles, George Vilches e Maria Emília Gomes
Cenografia (Auxiliar de Cenotecnia): Livia Loureiro
e Paula Venâncio

Dramaturgia (Assistente de Dramaturgia): Diego Cardoso,
Diogo Noventa e Ligia Souza Oliveira

Figurino (Figurinista): Fatima Lima, Valéria Feldman

Jogos, lazer e entretenimento (Recreador Cultural): Flávia
Bertinelli, George Vilches e Rita Cavassana

Maquiagem (Maquiador): George Vilches e Vitor Flausino
Práticas de Dança (Assistente de coreografia): Maria Emília
Gomes, Rita Cavassana e Julia Mauro

Acesso

Todas as atividades são gratuitas.

As atividades serão realizadas de forma remota, por meio
de recursos telemáticos e audiovisuais. Acesse o site e as
redes sociais para acompanhar a programação.

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC



Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO2021

Informações
(11) 4239-2020
www.fascs.com.br
facebook.com/fascs
youtube.com/ficfascs



50



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

